

# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

|                                                                                                                                                                    |                                         |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|-----|
| V. DA SILVA-FREIRE. . . . .                                                                                                                                        | Os adversarios do café . . . . .        | 105 |
| MEDEIROS E ALBUQUERQUE . . . . .<br>da Academia Brasileira                                                                                                         | Terra de Santa Cruz . . . . .           | 116 |
| GOFFREDO TELLES . . . . .                                                                                                                                          | Poesia . . . . .                        | 131 |
| JOSE' MARIA BELLO . . . . .                                                                                                                                        | A philosophia de W. James . . . . .     | 134 |
| A. E. TAUNAY . . . . .<br>do Inst. Historico Brasileiro                                                                                                            | Um album de Elisa Lynch . . . . .       | 143 |
| GODOFREDO RANGEL . . . . .                                                                                                                                         | Meu parente (conto) . . . . .           | 152 |
| MARIO SETTE . . . . .                                                                                                                                              | Clarinha das rendas (novella) . . . . . | 160 |
| ROQUETTE PINTO. . . . .                                                                                                                                            | Notas de Sciencia . . . . .             | 168 |
| Do ARCHIVO DE JOSE' DE ALENCAR . . . . .<br>(Cartas do Marquez de Abrantes, de Fernandes da Cunha,<br>José Amaral, Paranaguá, Itaipua, A. H. Leal e Julio Ribeiro) |                                         | 172 |
| REDACÇÃO . . . . .                                                                                                                                                 | Bibliographia . . . . .                 | 176 |
| COLLABORADORES . . . . .                                                                                                                                           | Resenha do mez . . . . .                | 185 |

(Continúa na pagina seguinte)

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 30 - ANNO III

VOL. VIII

JUNHO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 62  
S. PAULO - BRASIL

**RESENHA DO MEZ** — Emilio de Menezes (Redacção) — Emilio de Menezes (*Amadeu Amaral, Antonio Torres, José Otílica, Miguel Mello e João Luso*) — Movimento artistico, N. — Academia Brasileira (discursos de *Ataulpho de Paiva e Medeiros e Albuquerque*) — Historico do Museu Nacional — A hulha branca e a hulha negra no Brasil (*Gonçalves Barbosa*) — Politica nacionalista (*José Maria Bello*) — Palavras de philosophia eleitoral (*Dr. L. P. Barretto*) — A diplomacia secreta (*A. Chateaubriand*) — Os feriados no Brasil (*João do Norte*) — Os nossos escriptores mortos recentemente (*Tristão da Cunha*) — Tarzan, o homem-macaco — A funcção dos museus (*Mauricio de Medeiros*) — “Revista do Brasil” — As caricaturas do mez.

**ILLUSTRAÇÕES** — Emigrantes, Reflexos, Mungindo as ovelhas, Relembrando, Bem me quer, mal me quer..., Victimias das minas, Crepuseulo, Costumes de aldeia, Porque retarda? — quadros de *Antonio Rocco*.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A “REVISTA DO BRASIL” só publica trabalhos inéditos

## REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES



Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario-gerente: PINHEIRO JUNIOR.

### ASSIGNATURAS:

|                            |         |
|----------------------------|---------|
| Anno .....                 | 15\$000 |
| Seis mezes .....           | 8\$000  |
| Edição de luxo, anno ..... | 22\$000 |
| Numero avulso .....        | 1\$500  |
| Numero atrasado .....      | 2\$000  |

### REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa Postal, 1373 — Telephone, 1603, Central.

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

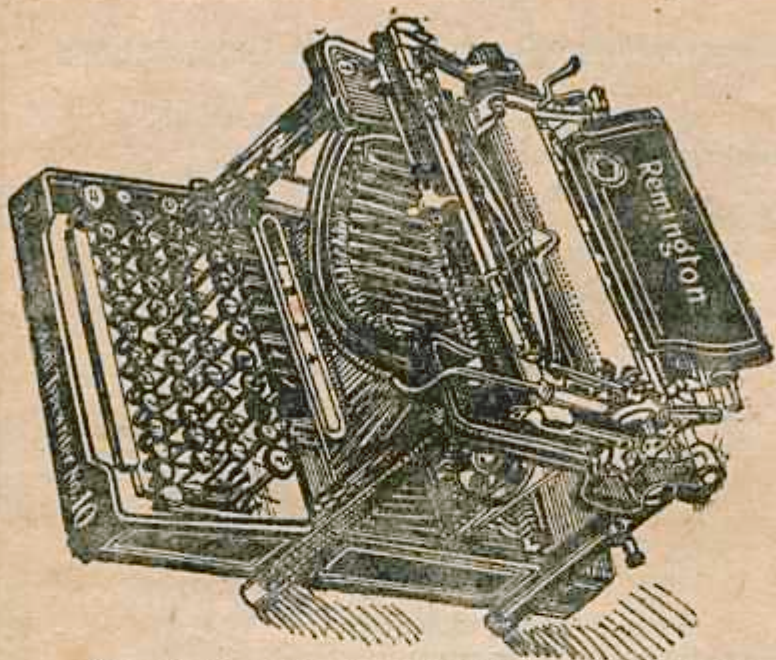
Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

# REMINGTON

Sempre imitada  
Nunca igualada



Não sendo das máquinas de escrever mais baratas, é todavia a mais econômica, o que deve à inigualável resistência de todas as peças e à perfeição do seu acabamento.

Mais de 40 annos dedicados exclusivamente ao fabrico de máquinas de escrever, é a melhor garantia que o comprador duma moderna machina pôde desejar. Cada novo modelo *Remington* posto no mercado, representa um novo successo, e é um novo elemento para que o dactylographo augmente sua capacidade de trabalho.

*Vendemos as máquinas "Remington" a preços fixos, facilitando o pagamento, e recebemos em pagamento parcial outras máquinas.*

**CASA PRATT - R. S. Bento, 22 - S. PAULO**

Matriz: Rua do Ouvidor N. 125 — RIO  
Filiaes e agentes em todos os Estados

# PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA  
nesta Capital, e LUCINDA, na estação  
de S. Bernardo (S. Paulo Railway)  
Vendedores de fios de algodão, crús e mercerizados

*Compradores de Algodão em  
Caroço em grande escala, com  
machinas e AGENCIAS nas  
seguintes localidades, todas  
do Estado de S. Paulo:*

*Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba,  
Tietê, Avaré, Itapetininga,  
Pirajú, Porto Feliz, Conchas,  
Campo Largo, Boituva,  
Pyrambola, Monte Mor,  
Nova Odessa, Bernardino de  
Campos, Bella Vista de Tatuhy.*

*GRANDES NEGOCIANTES  
de Algodão em rama neste  
e nos demais Estados algodoeiros.  
com Representações e Filiaes em Amazonas,  
Pará, Pernambuco, Bahia, Rio  
de Janeiro, Rio Grande do Sul*

CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS

Escritorio Central em S. PAULO

**RUA DE S. BENTO n. 47**

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central  
Caixa postal n. 931

Proprietarios  
da conhecida  
Água Mineral

**PLATINA**

Cognominada  
A VICHY  
Brasileira

A melhor água de mesa

Ação medicinal

A PLATINA, cuja FONTE  
CHAPADÃO, está situada na  
estação da PRATA, é es-  
crupulosamente captada, sen-  
do fortemente radio-activa e  
bicarbonatada sodica como  
a VICHY e é como esta  
água franceza

Vendidas em  
garrafas escuras

# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

|                          |             |                                    |
|--------------------------|-------------|------------------------------------|
| Capital subscripto . . . | £ 2.000.000 | Succursaes: MANCHESTER, BAHIA,     |
| „ realizado. . . .       | £ 1.000.000 | RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,        |
| Fundo de reserva . . .   | £ 1.000.000 | ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES. |

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelândia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã às 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

## REVISTA DO BRASIL

### PUBLICAREMOS NOS PROXIMOS NUMEROS:

F. J. Oliveira Vianna: *As pequenas comunidades mineiras.* — Mario de Alencar (da Academia Brasileira): *Poesias.* — Renato Jardim: *Methodo analytico e methodo synthetico.* — Firmino Costa: *Vocabulario analogico (VI).* — Antonio Salles: *Alguns autographos.* — F. Badaró: *O clero brasileiro.* — Theodoro Magalhães: *A trama do valido* (conto). — Antonio Austregesillo (da Academia Brasileira): *Americanismo intellectual.* — V. de Mello Franco: *Almas itinerantes.* — Machado de Assis: *Cartas inéditas.* — Carlos de Lemos: *A nossa evolução.* — Mario de Alencar (da Academia Brasileira): *José de Alencar, politico.* — Godofredo Rangel: *Tatá* (conto). — Francisco Falcão: *A educação da mulher e as creanças.* — Alfredo Pujol (da Academia Brasileira): *As emendas de Machado de Assis.* — Plínio Barreto: *A reabilitação de Lucrecia Borgia.* — Manuel de Azevedo: *Poesias.* — Porfírio Soares Netto: *Impressões de viagem no Estado do Rio.* — F. Badaró: *Os inimigos da caça,* — e muitos outros trabalhos.

Leia com atenção, porque é possível  
que o assumpto seja de seu interesse!

Entre os leitores da "Revista do Brasil", haverá sem duvida muitos lavradores e industriaes. A estes Srs. a "Companhia Industrial MARTINS BARROS" enviará gratuitamente o seu grande jornal de informações commerciaes, agricolas e economicas — "PROGREDIOR". — bastante para isso que nos remetam, no coupon abaixo, o seu nome e endereço bem claros.

Dirijam correspondencia para "Companhia Industrial MARTINS BARROS" Rua da Boa Vista, 46; Caixa Postal, 6-S. Paulo.

Queiram remetter o "PROGREDIOR"

Nome .....

Cidade .....

E. Ferro .....

Estado .....

Rev. Brasil

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C<sup>ia</sup>.

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,  
Porcellanas, Objectos de  
Arte para Presentes,  
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO  
:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::



## OS ADVERSARIOS NATURAES, TRANSITORIOS E SYSTHEMATICOS DO CAFÉ

REFLEXÕES DE UM DESORIENTADO)

"Os nossos allados acham-se muito mais compenetrados da guerra do que nós: não ha d'isso prova mais evidente do que verificar que o consumo alimentar da França e da Inglaterra diminuiu de cerca de trinta por cento desde que estalou a conflagração, ao passo que o nosso subiu, a dez por cento mais, durante o anno passado!..." Estas palavras extralho-as em do editorial, do numero do mez ultimo ha dias chegado, da mais autorizada revista economica e industrial dos Estados Unidos.

E, commentando, em confronto, a situação geral, continúa ainda o "Industrial Management":

"Não cessam os apêllos dos estadistas francezes e inglezes, para que intensifiquemos o preparo militar e industrial, e para que sejam expedidos, através o Atlantico, os auxilios que lhes promettemos e de que tanto necessitam.

"Fazer o que nos pedem, sómente será possível se tomarmos a guerra mais ao serio, persuadindo-nos de vez que a lucta é de vida ou de morte, e que a sua decidação pende do esforço, que conseguirmos pôr em acção.

"São-nos pedidos combatentes e technicos peritos, munições de bocca e de armamento, materia prima para estas ultimas, navios, material para estradas de ferro, fixo e rodante, carvão. E cada um dos embarques de tuos homens, de tuos artigos, representa nova brecha, aberta nos recursos economicos e industriaes á nossa disposição.

"Qual tae ser a nossa attitude com relação ao que não é essencial?"

Não ha artigo, não ha producto que deixe de ser "essencial" na opinião de quem o vende, ou de quem o produz. E offerece-nos o documentado estudo um estendal completo, das allegações dos indus-

VIII, junho de 1918.

trineas do país, n'essa ordem de idéas. E' devéras impressiva, em boa fé, a serie dos arrazoados produzidos. Percorrem elles todo o chromatismo da escala: ahi encontrâmos, hombro a hombro com o fabricante de guloseimas — riquíssimos alimentos em ultima analyse, e o de instrumentos de musica — agentes preciosos no levantar o moral do soldado, o manufactureiro de indumentaria de sêda — não permite esta porventura economisar a lã e o algodão, destinados aos que ficam nas trincheiras?... o de productos chimicos, artefactos e machinas, vanguarda este de verdade, nos mercados da Asia e da America do Sul, na offensiva inclemente, consecutiva á paz, de objectivo designado para eliminacão dos concorrentes commerciaes.

"A questão não é essa, meus amigos. De que se trata, n'este momento, é de apurar se a nossa capacidade comporta tolerar o consumo de todos esses artigos, a sua produccão, sem perturbar a dos objectos de primeira utilidade, para que nós e os nossos Aliados possamos proseguir na lucta.

"Poderemos nós continuar a produzir todos, ou parte dos artigos não essenciaes, sem diminuir o plantio, simultaneo, das sementes do trigo necessario, para assegurar, durante o proximo inverno, a subsistencia das diviseses que defendem a causa commun?...

"Permittirão os meios, de que dispomos, que sejam mantidas em plena actividade as officinas, onde são manipulados productos não essenciaes, sem que deixem de ser batidas as cavilhas, nem demoradas as lançamentos ao mar, dos navios em que transportaremos os nossos homens a França, e em que lhes enviaremos, bem como, aos batalhões Aliados, a comida, o vestuario, as armas e munições indispensaveis?...

"Consentirão a mão de obra, conscripta os materiaes com que contamos, conservar abertas essas fabricas sem que, por esse motivo, diminu a producção dos arsenaes e das manufacturas militares, dos fornos e das forjas de onde saem trilhos, pontes, viaturas e locomotivas, de tão premente necessidade ás nossas proprias vias de communicacão, quanto ás que abastecem as reatguardas das tropas de Foch?...

"Eobrar-nos-hão, finalmente, ainda, recursos para desmontar, levar até á bocca do péo, conduzir e despejar, as pás de combustivel que instantaneamente reclamam, e mais reclamam ao ficarem alvos os cimos das montanhas, as fauces escancaradas que defrontam o foguete, o ferro, o canhão, o coador de pão, e as mãos dos nossos soldados, dos soldados Italianos, dos portuguezes, dos gallezes, dos anglo-saxões?...

"E' a essas interrogacões, meus amigos, que é impracticavel responder.

"Breve e terminante será a replica. Se nos é dado ammontar todo isso, de que depende a continuacão da pugna, e sustentar todas as outras industrias em actividade, bem vão. Que se conservem abertas todas as fabricas, todas as officinas, todas as lojas. Mas, se a alternativa se apresentar, se tivermos de decidir entre o pão, a carne, o equipamento do exercito e da armada, o combustivel, os transportes, os cargueiros e os trilhos, os automoveis, as machinas e os vagões, e, do outro lado, os assucarados, condimentos e especiarías, o traje da civil, a illuminacão das ruas, a exportação e importação dos "não essenciaes", nem hesitacão poderá haver.

"Somos os primeiros a comprehender a attitud, e os embargos, d'aquelle que empatarem capitães formidaveis, na producção de coisas, que têm de ser, de hoje em diante, classificadas como "não essenciaes". A nossa melhor sympathia está-lhes hypothecada de ante mão. Que se lembrem, porém, todos esses, de que não são elles os unicos a soffrer, que a cessação dos seus lucros é uma honada no lado do que agora sacrificam os milhares, as dezenas, as centenas de milhares de mocos que, antes do anno terminer, ficarão talvez sepultados em terras da Flandres, ou no insensível abismo do Oceano.

"Eporas ha em que um pouco de sentimento não faz nada mal. Os tempos que vivem não são, porém, para sentimentalismos. O homem, que se ofoga, despeja-se promptamente, e fuga fóra, tudo quanto contribua para faz-lo ir ao fundo."

Ninguém, entre quem se dá ao trabalho de seguir, de perto, a marcha dos acontecimentos que convulsionam o mundo, ninguém,



em absoluto, poderá dizer, que a mentalidade, o estado de espirito, que tão franca, e nitidamente, se estampa nas linhas acima, constitua uma excepção, nem que seja destituida de logica, ou de fundamento. Ponto é, esse, em que não vale a pena, pois, mais se deter.

Sendo assim, repare-se agora, que o conspicio organ, sob a responsabilidade de Dunlap e Alford (dois nomes feitos e consagrados) endereça os considerandos, que transcriptos foram, aos seus proprios compatriotas. E que os artigos e productos, aos quaes os applica, são, uns e outros, objectos nacionaes, norte-americanos, puros e genuinos.

Ora, n'esta materia, mais talvez que em nenhuma outra, tem oportunidade o proverbio: "caridade bem ordenada, por casa será começada". Quem poderá pôr em duvida, portanto, que desde já se esteja formando, e avolumando, se é que já não está prevalecendo, e preponderando, identico criterio de separação, em "essenciaes" e "não essenciaes", aos artigos, e productos de proveniencia estrangeira?...

Quem, sensatamente, de tal duvidará, mormente quando esses productos de importação constituirem esponjas de tonelagem, e se apresentarem susceptiveis de serem substituidos, para satisfazer a mesma necessidade, por outros, exigindo menor capacidade de arqueação e riscos mais reduzidos de transporte?...

E' esse, precisamente, o caso em que se encontra o nosso principal producto, verdadeiramente "essencial" para o Brasil, o café. Como mostrei, no artigo que foi publicado no ultimo numero d'esta revista, offerece elle nas circumstancias actuaes, relativamente ao seu principal concorrente legitimo, o chá, a inferioridade de exigir tres vezes e meia mais embarcações. D'estas, chegam umas, pelo Pacifico, aos portos Americanos, e nunca tão bem como na epoca actual mereceu o grande lago esse seu nome: não são alli conhecidos ainda os submarinos. Desembarcam as saccas recebidas em Santos, no Rio e em Victoria, ao contrario, em bahias, que a presença das perfidas unidades Teutonicas, obrigam, por vezes, a fechar em pleno dia.

Talvez seja mesmo graças a essas condições, e tambem ás de distancia — se, de facto, entre Shangai e S. Francisco ha uma viagem de 6.670 milhas, um pouco superior á de 6.204 que separa a barra de Guanabara de New-York, mede em compensação a rota de Yokohama á "golden coast" da California muito menos do que qualquer das duas outras, ou sejam, apenas 4.098 — que o preço do estimulante, adversario do que proporcionamos ao consumidor norte-Americano, tenha tido tão pouco acrescimo, relativamente ás restantes subsistencias, nos balcões dos retalhistas.

E' bem instructiva, a proposito, a tabella seguinte, que extrahtimos do N.º 278 dos Boletins, que o "Bureau of Municipal Research", de Philadelphia, consagra ás questões interessando a vida das classes laboriosas. N'esse inventario está representada a marcha ascendente das cotações, dos dez artigos, considerados de primeira necessidade, ou estritamente "essenciaes", á familia pobre dos Estados-Unidos, tal como foi compilada dos registos da "American Stores Company":

| ARTIGOS                              | 30 Setembro, 1915 | 28 Setembro, 1916 | 9 Maio, 1917 | 25 Julho, 1917 | 22 Agosto, 1917 | Porcentagem do aumento entre 30 Setembro, 1915 e 9 Maio, 1917 | Porcentagem do aumento entre 30 Setembro, 1915 e 22 Agosto, 1917 |
|--------------------------------------|-------------------|-------------------|--------------|----------------|-----------------|---------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|
| Farinha de trigo, sacco de 12 libras | \$ 0.85           | \$ 1.20           | \$ 1.44      | \$ 1.70        | \$ 1.80         | 69                                                            | 112                                                              |
| Batatas, medida de 8,8 litros        | .18               | .36               | 1.00         | .48            | .40             | 456                                                           | 122                                                              |
| Feijão, 4 libras                     | .28               | .48               | .68          | .64            | .64             | 143                                                           | 129                                                              |
| Melaco, lata de 2 libras             | .09               | .10               | .15          | .15            | .15             | 67                                                            | 67                                                               |
| Açúcar, 2 libras                     | .11               | .13               | .16          | .16            | .18             | 45                                                            | 64                                                               |
| Farinha de milho, 2 libras           | .05               | .06               | .08          | .12            | .12             | 60                                                            | 140                                                              |
| Leite condensado                     | .10               | .12               | .14          | .16            | .16             | 40                                                            | 60                                                               |
| Farinha de aveia, 2 libras           | .08               | .08               | .09          | .10            | .12             | 13                                                            | 60                                                               |
| Chá, 1/4 de libra                    | .08               | .08               | .09          | .09            | .09             | 13                                                            | 13                                                               |
| Sabão                                | .04               | .04               | .04 1/2      | .05 1/2        | .05 1/2         | 13                                                            | 38                                                               |
| TOTAES                               | \$ 1.86           | \$ 2.65           | \$ 3.87 1/2  | \$ 3.65 1/2    | \$ 3.71 1/2     | 103                                                           | 100                                                              |

Em dois annos, portanto, contados a partir do momento, em que começou a fazer-se sentir, na economia domestica dos habitantes da grande Republica, a carestia da vida decorrente da guerra, duplicou no mercado o custo da alimentação. O salario do operario, do jornaleiro, do pessoal da industria, do commercio, da agricultura, seguiu de perto a mesma progressão. Os vencimentos dos funcionarios publicos foram accrescidos, de dez primeiro, de vinte depois, de trinta por cento finalmente. Sómente elle, o chá, se manteve em augmento diminuto. Entre os artigos, reputados "essenciaes" — são "essenciaes" que são elles os unicos que figuram na composição das rações de assistência, de escola, "relief unit", das municipalidades Americanas —, occupa o chá o posto mais modesto e apagado. Isolado, entre os outros "indispensaveis" á alimentação, continúa sendo vendido, á dona de casa, com um insignificante premio de 13 por cento,

alinharia em relação ao que, a seguir, menos subiu entre todos os outros, o sabão; nada, quasi nada, comparativamente aos cereaes que pularam ao dobro, ao triplo, ao quadruplo por vezes.

.  
.

O café?... Nada consta da lista. Nem na que está reproduzida, nem nas, puramente locais, de certas cidades, que debalde consultei. Para se encontrar alguma referencia, ao producto que tanto nos toca de perto, é mister subir dos estudos, que affectam a immensa massa anodina do consumo popular, até alcançar, os que se reportam ao orçamento das classes mais favorecidas, de certo padrão de viver elevado e confortavel.

Exemplo: o boletim da Escola de Agricultura do Estado do Kansas, de dezembro ultimo. As duas secções d'aquella Escola, a dos engenheiros e a de sciencia domestica, no preparo d'essa interessante monographia de setenta paginas, deram-se as mãos para estudar, pecuniariamente, a equação da cozinha, por meio das tarifas especiaes de corrente electrica — 80 a 120 réis por kilowatt-hora — que as empresas concessionarias do paiz estão generalisando.

Mirêmo-nos, de raspão, na concepção de vida util, e proveitosa, que offerece um Instituto d'essa ordem. Preocupa-se tão pouco em formar dos rapazes bachareis, em ensinar ás moças a declamar parvoíces thuribularias, a magnates sem compostura sufficiente para lhes impôr silencio immediato, como se empenha em familiarisar, os seus alumnos dos dois sexos, com os mais prementes problemas nacionaes. Nenhum releva agora a qualquer d'estes dois: o da alimentação, o do combustivel. O conhecido director da General Electric Company, o "leader" d'esta possante organização em assumptos economicos, posto que occupa ha 14 annos, escrevia recentemente, a proposito do ultimo, que o valor actual do carvão não decorria mais do seu preço de produção, mas sim do que, por seu intermedio, era possivel fabricar.

Pois bem. Professoras e alumnas, d'aquella Escola, observaram as repercussões da energia electrica sob o ponto de vista culinario; simultaneamente, os lentes e os futuros engenheiros mediram os consumos de corrente, comportamento e duração dosapparelhos. Tomaram os dois grupos, como base, o passadio semanal de uma familia de certo trato. Ah!, sim. Ah! encontrâmos o uso do café.

Em que proporções, porém... Nas 21 refeições, apresentando o typo medio do paiz, contam-se 6 em que figura o chocolate, 2 em que é servido chá, e 8, finalmente, em que se toma café — os sete repastos matinaes, ou "breakfasts", e o jantar da quarta-feira, em que se suppoz haver "gente de fóra".

Verifica-se, portanto, que dos tres "alimentos", incluídos no regime quotidiano para preencher identica função organica, o café ainda se acha quasi equilibrado pelo cacau e pela beberagem eminentemente popular, o chá, cuja posição, robustecida durante a guerra pelo que já mostrei, constituiu ameaça sempre de pé.

E', no entanto, na distribuição do consumo do nosso artigo, pelas differentes classes sociaes do seu melhor e mais promissor cliente, que eu diviso — mercê certamente da desorientação que preside a esta série de escriptos, desorientação tão sinceramente confessada no primeiro d'elles — que eu diviso, como ia dizendo, um perigo que, parece-me, não é tido sequer em conta pelos proprios interessados.

Não o tendo em consideração, não constituem os Brasileiros, os Paulistas, excepção alguma á regra geral. Suppondo que o consumidor de café virá aqui, sempre, bater-nos ás portas, empenhado em que o não deixemos ficar de fóra, sequioso e impaciente, é, para quem escreve estas linhas, a segunda edição, apenas, do que já presenciou, em outros tempos e logares, com relação a producto diverso. Deu-se o mesmo em Portugal com os vinhos da região do Douro: deu-se igualmente, com os vinhos de méxa do paiz inteiro, durante os annos em que os viticultores Francezes tiveram de reconstituir as suas cêpas, litteralmente desbaratadas pela phylloxera.

Durante esse periodo, exultavam os proprietarios e lavradores da Extremadura, da Beira e do Alentejo, alucinados pelas rápidas fortunas, em nada inferiores ás dos nossos fazendeiros de São Manoel ou de Ribeirão Preto, realisadas á sombra da sua posição privilegiada no mercado de vinhos. Não havia quem se convencesse de que a roda era susceptivel de desandar. Tudo rodou entretanto, miseravelmente, perante os esforços esclarecidos, tenazes e methodicos, dos oenologistas de Montpellier.

Mais apropriado seria, na verdade, para o nosso caso, o simile com a crise que se abateu em chelo entre os primeiros, os do norte. De tempos immemoriaes, fóra o vinho do Porto considerado como monopolio natural da região. E, muito logicamente, firmara-se no espirito publico a convicção de que factor algum seria capaz de lhe abalar os solidos fundamentos. Convicção em todos os pontos semelhante á que nutriam os nossos nortistas acerca da borracha do Pará e do Amazonas. Todos sabemos contudo como esta ultima teve de se evaporar: recordou-o em seu recente discurso, na exposição de pecuaria de S. José do Rio Pardo, o dr. Luiz Perelra Barretto. Teve, porém, de dissipar-se por causas differentes, aquella a que nos vimos referindo.

A borracha da Amazonia encontrou deante de si inesperado competidor que a sciencia agronomica se encarregara de fazer surgir em novas zonas de produção. Viram as adegas dos vinhedos Du-

rienses acatchaparem-se-lhes as encomendas, mercê de tremenda campanha empreendida junto ao consumidor. Campanha que teve repetição, e successo, em plenos paizes de vinha, em logares de uso tradicional, secular, d'essa bebida, na propria Franca, onde os exagêros de um movimento de opiação, lançado em nome da hygiene, foi causa de taes excessos de abstinencia que a propria mestrança da clinica se viu obrigada, para não arruinar o mais importante ramo da agricultura nacional, a voltar atraz, "dando o dito por não dito".

Não representam no fundo outra coisa, as attenuantes hoje em dia outorgadas ao uso moderado do vinho commun, a título de beberagem hygienica; relativamente a época não muito distante, em que só se encontravam aguas mineraes por cima das ricas toalhas, das mezas "comme il faut", o episodio corresponde aquelles que agora lêmos todas as manhãs, redigidos n'estes termos: para fazer desaparecer um saliente perigoso, recuámos tantas milhas voluntariamente, rectificando as nossas linhas, que se acham de vez á prova de bomba...

E' uma ameaça d'este genero que se vem esboçando, tomando contornos cada vez mais nítidos, e avançando francamente, ora por um lado, ora por outro, desde algum tempo, nos centros sociaes Americanos. E' uma campanha surda, em nome da hygiene, activa como o são todas as campanhas que alli se empreendem, e que conta já, a seu activo, elementos que só desprezará quem não tiver consciencia do valor que representam. A guerra veio exacerbar ainda mais a violencia, a pertinacia d'essa offensiva, pondo em fôco, na moda, a "engenhia", a arte de crear os homens, de formar o futuro, de regenerar as raças, desfalcadas estas pela sangueira que vae, correndo, aos borbotões, para os mares da velha Europa.

Não é, allás, a outra nascente que ha que recorrer para ir ao encontro da parte "anob" que é incontestavel acompanhar, exagerar, e tambem prejudicar, certas correntes que estão fazendo furor, actualmente, entre os nossos proprios intellectuaes. Não toquêmos, porém, n'este vespello, e examinêmos algumas manifestações bem caracterisadas do phenomeno para que querêmos chamar a attenção. São ellas de duas sortes. As brandas, constituídas por aquelles que, nos momentos mais propicios, nos ensejos mais favoraveis a uma exposição das propriedades, das virtudes do nosso producto, passam-nas em silencio absoluto. As rijas; entram essas francamente na lica; os conselhos que, sem reboço, são ministrados á população, são os de proscriver, os de abolir os estimulantes de qualquer natureza.

Um exemplo typico das primeiras é-nos fornecido pela publicação do interessante livro, de onde extrahi os dados sobre a raça do soldado Americano, de que me servi no artigo que publicou o ultimo numero da "Revista do Brasil". Esse livro, que é admiravelmente feito

e ordenado, onde tudo quanto prende com os interesses immediatos e remotos da guerra, sob o ponto de vista hygienico — justificando, aliás, o título de "Hygiene and War" com que foi baptisado — é apresentado por fôrma simples, ao alcance de todos, esse livro, em que o regime alimentar da creança, do adulto, do soldado, é encarado por tantos aspectos, a respeito do café contem, pôde dizer-se, apenas, o pouquíssimo por mim reproduzido no artigo citado.

Que importancia tem isso?... perguntará o leitor. Responder-lhe-hei que essa obra foi redigida por tres autoridades na materia, foi publicada pela Instituição fundada e mantida pelo millionario Carnegie, e distribuida gratuitamente... sabem a quem? O sub-título da monographia nol-o explicará: "dados e suggestões para os que escrevem livros escolares e didacticos" (makers of Text-books and for Use in Schools).

É mister estar inteiramente alheio ao que se passa em toda a parte, ao que se lê e encontra a cada canto, até nos nossos jornaes diários, para não apanhar de golpe a influencia, que aquellas paginas vão ter, n'um mercado que representa, para o nosso producto, uma base de apoio vital.

.  
.  
.

Passemos ás manifestações que acima classifiquei de "rijas".

Uma das mais características é certamente a da propaganda desenvolvida pelo "Life Extension Institute"... A idéa fundamental d'esta organização é a de evitar a doença. O methodo seguido é o do exame medico minucioso do cliente, executado periodicamente, em estado de boa saúde, apparente ou real, afim de determinar os *desequilibrios* (em via de desenvolvimento ou apenas incipientes) do organismo individual. O tratamento limita-se, por sua vez, exclusivamente, ao estabelecimento de um regime hygienico, de viver e passadio, regulado pela observação constante, até ser verificada a normalisação das funcções.

Montado com bons recursos financeiros e profissionais, alargou-se-lhe promptamente o campo de acção. A clientela, de individuos que era a começo, comprehendendo actualmente numerosissimos clubs, empresas industriaes das mais importantes, que alistam todos os seus empregados e operarios, e, até, as companhias de seguros, que têm, algumas, typos especiaes de apolices, para os segurados que se submettem á disciplina prescripta.

Um pequeno volume, significativamente intitulado "How to live" — a regra de viver com saúde, como nós diriamos — dá noção dos principios cardaes postos em jôgo. Vejam-se, apenas, os 15 mandamentos do seu catecismo:



- I. Ar: 1. Ventila o comodo que occupas.  
2. Usa roupa leve, folgada e porosa.  
3. Trabalha e diverte-te ao ar livre.
- II. Alimento: 4. Dorme, se pódêres, nas mesmas condições.  
5. Não comas nem pezas demais.  
6. Come pouca carne e ovos.  
7. Come sempre alguns alimentos duros, alguns volumosos, e alguns crús.  
8. Come devagar.
- III. Venenos: 9. Mantem o Intestino em funcionamento regular.  
10. Senta-te, fica de pé, e trabalha com a espinha vertical.  
11. *Priva-te de todos os toxica; evita-os como as infecções exteriores.*  
12. Dentes, gengivas e lingua sempre limpos.
- IV. Actividade: 13. Trabalha, faz exercicio, descança : dorme, moderadamente.  
14. Domina-te e conserva-te calmo.

Uma, uma só citação, fará comprehender ao leitor a extensão, e a gravidade, da propaganda que irradia de núcleos d'esta natureza. Extraio-a eu de um pequeno trabalho apresentado ao Segundo Congresso Scientifico Pan-Americano, reunido em Washington entre 27 de dezembro de 1915 e 8 de Janeiro seguinte. Assignava-o Irving Fisher, que o entregou á secção de saúde publica e medicina, sob a epigraphie "o que cada um pôde fazer pela saúde de todos". Fisher, da Universidade de Yale, é um dos espiritos mais notaveis, brilhantes e praticos dos Estados-Unidos; quem quizer fazer juizo, da sua influencia na opinião publica, abra qualquer encyclopedia contemporanea; a "Americana", por exemplo, confere-lhe a n'aquelle paiz tão invejavel dignidade de "famous educator". Ouçamol-o, e vejamos a interpretação que elle dá ao mandamento que mais nós interessa.

"Tudo me leva a concluir que a hygiene individual é a base de toda a hygiene. A hygiene é como a caridade; deve começar por casa. E a hygiene individual reclama que d'ella nos occupemos com desvoto e urgencia; demais já a temos posto de parte. E' por esse motivo que os casos de degenerescencia se estão tornando crescentes nos Estados-Unidos. E é possível demonstrar rigorosamente que isso se deve ao pouco caso pela hygiene do individuo. Se continuarmos a trilhar esse caminho, de nada servirão os sacrificios, que estamos fazendo, para dar vulto ás outras modalidades da hygiene.

"A civilização rompeu o equilibrio da nossa vida biologica natural. Como animais comemos instinctivamente o que o corpo nos pede, dormimos quando temos sono, vivemos ao ar livre, fazemos exercicio porque precisamos colher e caçar o que comer. Esse modo de vida foi sendo alterado com o progresso, mais, cada vez mais, e quasi sempre em nosso detrimento. Não nos é dado, não seria pratico, nem appetecivel, pensar, voltar para trás como têm alguns suggerido. Nem tampouco será necessario; os beneficios da civilização poderão ser mantidos; tudo está em que nos esforcemos para eliminar, compensar pelo menos, os males que a acompanham.

"Deu-nos a civilização a casa, e com ella veio a tuberculose; devemos fazer com que aquella receba luz e ar; deu-nos o vestuario, e este acarretou as doenças de pelle, dos pés, do couro cabeludo; corrijamos a roupa e o chapéu; deu-nos a arte culinaria, e com ella a carie dental; não deixemos de mastigar coisas duras e crús; deu-nos a escripta e, com esta, os defeitos de visão; adaptemos-lhe as lentes correctivas apropriadas; deu-nos a divisão do trabalho, a qual originou o operario besta de carga e revoltado; alcancemos-lhe meios de vida que lhe levantem o moral. Tais meios só podem ser atingidos, demonstra-o a experiencia, recorrendo a processos reflectidos e scientificos. Sempre que foram estes os desprezados, o resultado inevitavel deu em se ter feito mais mal do que bem. De igual modo, exactamente, agem as drogas, a que recorremos, para contrabalançar os outros effectos perniciosos, que antes d'este ultimo enumeramos, da civilização.

"Assim é que deixamos mão da cafeína para nos desentorpecer de uma notada; estimulamos as funcções intestinaes usando de um cathartico, abrimos o

appetite com um cocktail; repousamos nos de um dia de fadiga e de aborrecimento por meio da nicotina, e ingerimos um copado para conciliar o sono. São esses processos igualmente condemnáveis, todos ellos, como restabelecedores do equilibrio organico, devido á falta de repouso, á peristaltica insufficiente, á indigestão, ao excessos de trabalho. E' no methodo scientifico, de dividir e usar o tempo, entre laborar, fazer exercicio, repousar, e dormir, que a propria civilização vem encontrar os remedios para a maioria d'esses males, que ella mesma provoca. Uma das mais promissoras iniciativas, n'esse sentido, é a que pertence ao "Life Extension Institute", fundado em New-York ha tres annos."

Que poderemos nós fazer, para contrabater a repercussão fatal, que a propagação d'estas lidas, não deixará de ter sobre o espirito de consumir? O "Life Extension Institute", e as organizações congêneres, a que o seu esplendido successo acorçoou a multiplicação, reduzem de facto a doses mínimas, de preferencia proscrevem por completo, o uso do chá e do café.

Tenha-se presente, ao espirito que a clientela do café recruta-se, quasi exclusivamente, dentro da classe que, por muitas e variadas razões, e até por puro snobismo, é a mais accessivel a suggestões d'esta natureza. O exemplo, que todos conhecem e que acima citei, da redução de consumo dos vinhos francezes, na propria França, é resplandescente. E não se esqueça, igualmente, que a propaganda, adversa aos estimulantes, vem cabir, n'este momento, em terreno propicio. O santo e a senha são, em toda a parte, a hygiene, o saneamento, a puericultura, a eugenia.

No corcovear incessante a que a pobre sciencia humana submete, sem descanso, o espirito das multidões, brilhava, ainda ha pouco, como ralo de luz em meio de densas trevas, um lampejo de esperanza. Era a noção do café alimento nervino, "de poupança". Servia-nos-hia esta, ao menos, como fanal conductor a uma propaganda, em sentido contrario á que outros vão desenvolvendo, e que contribuiria para impedir, para retardar em todo o caso, o despenhar da rubiacea para dentro do ról dos "não essenciaes", não só durante, mas depois da guerra.

Não a acceltam mais, semelhante noção, pelo menos até ordem em contrario, os hygienistas, os tyrannos do dia. O Professor Afranio Peixoto, a pag. 251 da segunda edição da sua excellente "Hygiene", publicada o anno passado, consagra ao nosso producto "essencial" de exportação, os seguintes conceitos, após o passar em revista as suas acções sobre o organismo:

"Estas acções todas sommam-se em estímulo, principalmente nervoso e circulatório, que corrige a sensação de fadiga. Dahl a imaginaria qualidade, de alimento de poupança, que enfaticamente lhe attribuíram. Cessado o estímulo, e não repellido pelo repouso a nutrição effective, a consequencia da fadiga é fatal, no deficit organico (Eduardo Guimarães). Abonar o fogo não é lhe dar combustível, mas é proveitoso abajar o fogo, enquanto se espera o combustível. A acção do café é apenas comparavel.

"Pode ser, pelo abuso e excessos, muito nocivo."

As palavras finais, do illustre cathedratico da Faculdade do Rio, são exactamente as usadas, e exploradas em todos os graus de publi-

cidade, pelos fabricantes de succedaneos, a que as aperturas de navegação, ainda não terminadas, apesar de todas as promessas officiaes em contrario, virão proporcionar novos e fagueiros ensejos.

Esperemos lhes possa dar combate, com resultado e proveito, a patriótica organização que S. Paulo e o Brasil agora devem ao clarividente descortino de Antonio Prado, mais uma vez affirmado, em frisante contraste com a cegueira, optimismo, e inercia mental generalizada da nossa gente. Ainda não parece, realmente, terem comprehendido, os nossos orientadores, que os monopolios naturaes só servem aos que d'elles sabem tirar partido *enquanto duram*... A historia, o progresso não são senão uma sequencia de altos e baixos na disputa dos mercados — passagens de productos de "essenciaes" a "não essenciaes" e vice-versa, no meio das quaes as grandes batalhas, militares ou politicas, pouco importa, não passam de meros episodios secundarios.

Essa organização chega a seu tempo. O nosso principal producto tem adversarios, fortes e robustos, a que o conjuncto de circumstancias, que se acha creado pelas condições actuaes da guerra, pode proporcionar vantagens. E' dever de todos assignalal-os. Se o grito de alarme é exagerado, tanto melhor... Homem prevenido, vale por dois.

Não haverá, porém, nas "linhas" dos adversarios, em que hoje aquitentei operar um "reconhecimento", brecha, ponto fraco, solução de continuidade que convide ao empreendimento de uma operação de "ruptura"?... Creio que sim. Fica para outra vez o indicá-lo.

V. DA SILVA FREIRE



## TERRA DE SANTA CRUZ<sup>(1)</sup>

No dia 9 de Março de 1500 Pedro Alvares Cabral partiu de Lisboa. Seguiu para as Índias. Devia costear a África em toda a sua extensão, dobrando o Cabo da Boa Esperança e refazer o caminho de Vasco da Gama. Quiz a sua boa sorte que, quarenta e quatro dias depois, viesse parar ao Brasil.

Acazo ou propósito?

Durante muitos séculos todos tiveram esse acontecimento como um simples acazo. Depois, o patriotismo pôz-se em campo. Portuguezes e brasileiros começaram a achar-se amesquinhados diante dessa descoberta feita por acazo. Querendo citar um exemplo característico do nosso vício de nos diminuirmos, um dos meus confrades da Academia Brasileira, o Sr. Lauro Muller, citou precisamente essa afirmação de que só a um acazo se devia a descoberta do Brasil.

Não me parece que ele tenha razão. Por si só, a circunstância de que uma couza ocorreu por acazo não lhe diminui o valor. Ha propósitos mesquinhos e ha acazos gloriosos.

O acazo da descoberta do Brasil na America não ficaria sem côr local quando a propria America foi descoberta pelo mais incontestavel dos acazos.

Colombo nunca pensou na existencia deste nosso continente. O que ele asseverava é que, a terra sendo redonda, quem partisse da Europa sempre com rumo ao ocidente iria ter á India. A sua convicção era tão forte que ao chegar á ilha de S. Salvador, primeiro ponto em que ele tocou, acreditou estar em pleno continente asiatico. Os seus marinheiros, infinitamente mais ignorantes, mas não tendo a obsessão das Índias, reconheceram que estavam em uma ilha.

(1) Conferencia realhada a 27 de Maio de 1918, na Sociedade de Cultura Artística, R. Paulo.

Quando Colombo soube de tal boato, encheu-se de cólera. Fez vir á sua presença a marujada e publicou um edital declarando que quem continuasse a dizer que aquillo era uma ilha e não o continente aziatico teria a lingua cortada e pagaria dez maravedis de multa.

O fato é digno de nota.

Pensar que esse homem illustre se batêra pelo princípio da esfericidade da terra; pensar que, para obter as naus com que veio ter á America precisou passar longos anos de luta, na miseria e no sofrimento, primeiro em sua patria, depois em Portugal, depois na Espanha; pensar que por toda parte lhe respondiam que ele queria um absurdo, que affirmava uma couza impossivel. No dia em que ele assume a autoridade suprema e tambem por sua vez pode fazer calar os outros, logo ameaça com uma grande multa e o corte da lingua os marinheiros que estavam dizendo a verdade. Nem mais se lembrou de que bem lhe poderiam ter cortado a lingua os que o ouviam dizer que a terra era esferica!

Não ha, portanto, acazo mais incontestavel que o da descoberta da America. E, no entanto, ele é gloriosissimo.

Um escritor inglez disse muito bem que a gloria de Colombo não foi a de chegar á America: foi a de ter partido da Europa.

Ter partido, voltando as quilhas das suas náus para o ocidente, para o mar alto, para o desconhecido... Ter partido, animado por uma fé profunda. Si ele tivesse realizado o seu programa e achado apenas um novo caminho para a India, a injustiça da Historia lhe daria menos fama do que por ter encontrado, como encontrou, por mero acazo, um continente novo.

As navegações nesse tempo eram muito mais perigosas do que hoje. Calculavam-se bem as latitudes, mas ignorava-se o meio de determinar com precizão as longitudes. Ia-se um pouco ao acazo. Os navios dependiam do vento e das correntes oceanicas. Desde que se perdiam de vista as costas, entrava-se em uma região misteriosa e trágica.

O mérito de Cabral não é ter achado o Brazil; é ter accitado o comando de uma esquadra para as Indias, decendo ao longo da Africa e dobrando o Cabo da Boa Esperança. Bartolomeu Dias não fôra alem desse cabo. Cabral ia, portanto, ser o segundo a fazer a penosa viagem. Vasco da Gama, que o precedêra, levára na sua frota cerca de 170 pessoas de que só 67 voltaram. Arriscar-se a essa proeza, num tempo em que as cartas geographicas não valiam nada, em que se não podiam calcular as longitudes, sabendo que o seu antecessor perdêra cerca de dois terços da sua tripulação — isso, por si só já era titulo assaz recomendavel de benemerencia, prova de valor, prova de coragem.

Si, portanto, como tudo parece fazer erêr, a descoberta do Brazil, foi realmente um acazo, esse acazo não diminue em nada a



gloria de Pedro Alvares Cabral. Para encontrar acazos desta ordem no seu caminho, era preciso ter revelado a audacia que ele revelou, aceitando a incumbencia de refazer a viagem de Vasco da Gama.

Seja, porém, como fôr, Cabral aqui aportou um belo dia. Outros vieram apoz ele. Chegavam da Europa. Clima, produções naturais, costumes tudo aqui era diferente de lá.

Pareceu-me que seria curiozo procurar nos escritos dos que, primeiro, viram nossa terra, o efeito que ela lhes produziu. Que foi o que os surpreendeu e encantou?

Ha quem assevere que alguns dos nossos vizinhos só acham de bonito entre nós "la natureza". "La natureza" nos tempos de Cabral devia inda ser mais imponente. Florestas colossais estendiam-se por toda a parte. O contraste com as terras cansadas da Europa impunha-se mais fortemente. O que, portanto, se imagina, quando se pensa nessas primeiras viagens é que os que as faziam deviam ter uma sensação do verdadeiro deslumbramento.

A Europa do principio do seculo 16 estava em plena fermentação de progresso. Era a epoca das descobertas. Os Portuguezes tinham decido toda a costa ocidental da Africa e descoberto as ilhas que ha ao longo dela. Bartolomeu Dias chegára até o Cabo da Boa Esperança, Vasco da Gama fôra até as Indias. A descoberta da imprensa tinha já meio seculo e afirmava-se que em toda a Europa existiam então cerca de 200 tipografias. Mas a ignorancia das massas populares era tal que isso pouco lhes aproveitava. A propria descoberta da America realizada oito annos antes, só era conhecida de raras pessoas.

Governava então a igreja um papa famoso — Alexandre VI, o pai de Lucrecia Borgia. Foi ele que pretendeu estabelecer uma linha divizoria para as conquistas dos Portuguezes e dos Espanhois. Essa linha devia passar a 100 milhas a Oeste de Cabo Verde. Vê-se bem que Alexandre VI não pensava que a Terra era redonda, porque ele não fazia sinão marear limites para oeste de um certo ponto, esquecido ou ignorante de que si a Terra era redonda sempre se podia chegar a qualquer ponto ou andando para léste ou para oeste.

Precizamente nesse ano de 1500 Copernico fôra a Roma e aí fizera o que eu estou fazendo aqui: algumas conferencias. As dele tinham, porém, merecimento. Ele expunha a verdadeira doutrina astronomica, dizendo que a Terra é que gira em torno do Sol e não, como então se acreditava, que o Sol é que gira em torno da Terra. Essa doutrina subversiva fez com que o seu livro fosse excomungado...

Estes poucos fatos reunidos: o desconhecimento quasi geral da descoberta da America, a crenga por um Papa de que a Terra era

chata e de que era ela que se movia em torno do Sol — bastarão talvez para mostrar como era grande a ignorância, mesmo nas classes cultas da Europa.

Tudo isso, porém, pode parecer que não devesse ser motivo para diminuir e sim, ao contrario, para aumentar a admiração dos colonos recém-chegados.

E', porém, um engano. Uma das couzas que os ignorantes sabem menos é admirar. Admirar não é um fenomeno passivo, que se produz nas inteliçeneias sem esforço. Admirar importa comparar.

Quem nunca viajou, nem mesmo teve noção da existencia de outras terras, o que hoje é difficilimo de achar, mas não o era em 1500, não sabe apreciar o que vê de novo.

Hoje mesmo, apesar de tudo o que nós vemos quanto mais viajamos, mais achamos motivos de nos admirar, de nos maravilhar.

As notas de muzica seriam muito pobres si a vibração principal não fosse reforçada pelas das harmonicas. Quem já andou muito mundo e viu ceus e viu terras e viu povos muito diversos, pára e se extazia diante de couzas, que não prendem um só momento a atenção de outras pessoas: é que essas couzas de apparencia insignificante lhes evocam cenas vistas nos quatro cantos do mundo. São as harmonicas da memoria. Os que viajam muito, em vez de perder o habito de admirar, não fazem sinão apura-lo, afinalo, exalta-lo.

E' isso o que faz o encanto das peregrinações pela Terra a fora.

Mas esse encanto não o podiam ter nem os viajantes de 1500, nem os primeiros povoadores do nosso solo.

E por isso é com verdadeira decepção que se percorre o que eles escreveram do Brazil. Praticamente, eles só acharam aqui admiravel o fato de que o gentio brasileiro andava nu, preocupava-se muito com o amor, não acreditava em deus nenhum e comia gente.

Ao mais, só prestaram atenção na medida das suas necessidades immediatas.

As belezas naturais não os atraiam.

O fato não é de estranhar. A gente ignorante é como a gente selvagem e como as crianças: pouco admira a natureza. Rarissimamente alguem verá crianças prestarem atenção a uma bonita paisagem, salvo si nela houver qualquer couza de animado. Por si só, as belezas naturais não as atraem.

Assim, não admira muito a attitude dos primeiros povoadores, o descazo pela nossa natureza. E' certo que Pero Vaz de Caminha escreveu duas ou trez linhas de elogio á terra. Mas foi menos á sua formozura natural do que á possibilidade de ser explora-



gloria de Pedro Alvares Cabral. Para encontrar acazos desta ordem no seu caminho, era preciso ter revelado a audacia que ele revelou, aceitando a incumbência de refazer a viagem de Vasco da Gama.

Seja, porém, como fôr, Cabral aqui aportou um belo dia. Outros vieram apoz ele. Chegavam da Europa. Clima, produções naturais, costumes tudo aqui era diferente de lá.

Parecem-me que seria curioso procurar nos escritos dos que, primeiro, viram nossa terra, o efeito que ela lhes produziu. Que foi o que os surpreendeu e encantou?

Ha quem asseverar que alguns dos nossos vizinhos só acham de bonito entre nós "la natureza". "La natureza" nos tempos de Cabral devia inda ser mais imponente. Florestas colossais estendiam-se por toda a parte. O contraste com as terras cansadas da Europa impunha-se mais fortemente. O que, portanto, se imagina, quando se pensa nessas primeiras viagens é que os que as faziam deviam ter uma sensação do verdadeiro deslumbramento.

A Europa do principio do seculo 16 estava em plena fermentação de progresso. Era a epoca das descobertas. Os Portuguezes tinham decido toda a costa ocidental da Africa e descoberto as ilhas que ha ao longo dela. Bartolomeu Dias chegára até o Cabo da Boa Esperança, Vasco da Gama fôra até as Indias. A descoberta da imprensa tinha já meio seculo e afirmava-se que em toda a Europa existiam então cerca de 200 tipografias. Mas a ignorancia das massas populares era tal que isso pouco lhes aproveitava. A propria descoberta da America realizada oito annos antes, só era conhecida de raras pessoas.

Governava então a igreja um papa famoso — Alexandre VI, o pai de Lucrecia Borjia. Foi ele que pretendem estabelecer uma linha divizoria para as conquistas dos Portuguezes e dos Espanhois. Essa linha devia passar a 100 milhas a Oeste de Cabo Verde. Vê-se bem que Alexandre VI não pensava que a Terra era redonda, porque ele não fazia sinão marcar limites para oeste de um certo ponto, esquecido ou ignorante de que si a Terra era redonda sempre se podia chegar a qualquer ponto ou andando para léste ou para oeste.

Precizamente nesse anno de 1500 Copernico fôra a Roma e ai fizera o que eu estou fazendo aqui: algumas conferencias. As dele tinham, porém, merecimento. Ele expunha a verdadeira doutrina astronomica, dizendo que a Terra é que gira em torno do Sol e não, como então se acreditava, que o Sol é que gira em torno da Terra. Essa doutrina subversiva fez com que o seu livro fosse excomungado...

Estes poucos fatos reunidos: o desconhecimento quasi geral da descoberta da America, a crença por um Papa de que a Terra era



chata e de que era ela que se movia em torno do Sol — bastarão talvez para mostrar como era grande a ignorância, mesmo nas classes cultas da Europa.

Tudo isso, porém, pode parecer que não devesse ser motivo para diminuir e sim, ao contrario, para aumentar a admiração dos colonos recémchegados.

E', porém, um engano. Uma das couzas que os ignorantes sabem menos é admirar. Admimir não é um fenomeno passivo, que se produz nas inteligencias sem esforço. Admimir importa comparar.

Quem nunca viajou, nem mesmo teve noção da existencia de outras terras, o que hoje é difficilimo de achar, mas não o era em 1500, não sabe apreciar o que vê de novo.

Hoje mesmo, apesar de tudo o que nós vemos quanto mais viajamos, mais achamos motivos de nos admirar, de nos maravilhar.

As notas de muzica seriam muito pobres si a vibração principal não fosse reforçada pelas das harmonicas. Quem já andou muito mundo e viu ceus e viu terras e viu povos muito diversos, pára e se extazia diante de couzas, que não prendem um só momento a atenção de outras pessoas: é que essas couzas de apparencia insignificante lhes evocam cenas vistas nos quatro cantos do mundo. São as harmonicas da memoria. Os que viajam muito, em vez de perder o habito de admirar, não fazem sinão apura-lo, afinalo, exalta-lo.

E' isso o que faz o encanto das peregrinações pela Terra a fora.

Mas esse encanto não o podiam ter nem os viajantes de 1500, nem os primeiros povoadores do nosso solo.

E por isso é com verdadeira decepção que se percorre o que eles escreveram do Brazil. Praticamente, eles só acharam aqui admiravel o fato de que o gentio brasileiro andava nu, preocupava-se muito com o amor, não acreditava em deus nenhum e comia gente.

Ao mais, só prestaram atenção na medida das suas necessidades immediatas.

As belezas naturais não os atraiam.

O fato não é de estranhar. A gente ignorante é como a gente selvagem e como as crianças: pouco admira a natureza. Rarissimamente alguem verá crianças prestarem atenção a uma bonita paizagem, salvo si nela houver qualquer couza de animado. Por si só, as belezas naturais não as atraem.

Assim, não admira muito a attitude dos primeiros povoadores, o descazo pela nossa natureza. E' certo que Pero Vaz de Caminha escreveu duas ou trez linhas de elogio á terra. Mas foi menos á sua formozura natural do que á possibilidade de ser explora-



da. Explicitamente ele disse a D. Manoel que o essencial era a conversão dos Índios.

Dos escritores do primeiro século os verdadeiramente entusiasmados foram apenas Gabriel Soares e o jesuíta Ruy Pereira, que escrevendo da Baía em 15 de setembro de 1560 dizia:

"E por amor de Cristo lhes peço que percam a má opinião que até aqui do Brazil tinham, porque, lhes fallo verdade, si houvesse paraíso na terra, eu diria que agora o havia no Brazil. E, si eu isto sinto, não sei quem não o sentiria, porque melancolia não a tem cá, sinão quem a quizer cavar e descobrir... porque si olharmos ao espirital e serviço de Deus, vai deste modo... saúde não ha mais no mundo; ares frescos, terra alegre não se viu outra; os mantimentos eu os tenho por melhores, ao menos para mim que os de lá e de verdade que nenhuma lembrança tenho deles para os dezejar. Si tem em Portugal galinhas, cá as ha muitas e mui baratas; si tem carneiros, cá ha tantos que caçam nos matos, e de tão boa carne, que me rio muito de Portugal em essa parte. Si tem vinho, ha tantas aguas que a olhos vistos me acho melhor com elas que com os vinhos de lá; si tem pão, cá o tive eu por vezes e fresco, e comia antes do mantimento da terra que dele, e está claro ser mais sã a farinha da terra que o pão de lá; pois as frutas, coma quem quizer as de lá, das quais cá temos muitas, que eu com as de cá me quero. E além d'isto ha cá estas cousas em tanta abundancia, que, além de se darem em todo o ano, dão-se tão facilmente e sem as plantarem que não ha pobre que não seja farto com muito pouco trabalho. Pois si falarem nas recreações, comparando as de cá com as de lá, não se podem comparar, e estas deixo eu para os que cá as quizeram vir a experimentar. Finalmente, quanto ao de dentro e de fóra, não se pôde viver sinão no Brazil quem quizer viver no paraíso terreal, ao menos eu sou desta opinião. E quem me não quizer crêr, venha experimentar. Dir-me-ão que vida pôde ter um homem dormindo em uma rede, pendurado no ar como redea de uvas? Digo que é isto cá tão grande coisa, que, tendo eu cama de colchões, e aconselhando-me o medico que dormisse na rede, eu a achei tal que nunca mais pude ver cama, nem descansar noite que nela dormisse, em comparação do descanso que nas redes acho. Outros terão outros pareceres; mas a experiencia me constançe a ser dessa opinião."

Este, sim, era um ardente apolojista da nossa terra.

E' interessante notar que depois, pouco a pouco, a nota de exaltação ás belezas naturais de nosso paiz acabou por ser uma das mais fortes de nossa literatura. Poucas poezias são tão populares como a Canção do Exílio, em que Gonçalves Dias declara:

Nosso céu tem mais estrelas  
nossas várzeas tem mais flores  
nossos bosques tem mais vida,  
nossas vidas mais amôres.

Essa apolojia constante das belezas naturais do Brazil exasperava Tobias Barreto. Ele achava que, á força de tanto elojiar-

mos a terra, nós nos contentávamos com isso e não procurávamos grandes homens:

Nós já não temos caracteres nobres,  
nem voz, nem sombra de Catões e Gracos:  
o céu tem pena de nos vêr tão pobres,  
o mar tem raiva de nos vêr tão fracos.  
Porque não ergue-se o Brasil fecundo  
por vastas ambições, por fortes bríos?  
Que gloria é esta de mostrar ao mundo,  
em vez de grandes homens, grandes rios?

Os primeiros povoadores de nosso paiz não poderiam merecer a objurgatoria excessiva do poeta: a natureza os desinteressava. O lado religioso lhes pareceu o mais importante.

Os indios do Brazil lhes ofereciam um cazo que parecia incrível: um povo ateu. Positivamente, os selvagens não tinham noção alguma de Deus. Duas vezes o disse Pero Vaz Caminha na sua famosa carta. "*Porque eles não tem nem entendem em nenhuma crença*" escreveu ele em um ponto. E em outro insistiu "*nenhuma idolatria nem adoração tem*." Cinqüenta e um anos depois, o jesuita Leonardo Nunes confirmava essa afirmação, também confirmada pelo jesuita Antonio Pires.

Os compendios de filozofia dão sempre como um dos argumentos para provar a existencia de Deus a universalidade dessa crença. O argumento é absurdo e inexato. Absurdo, porque ha crenças universais que são falsas. Todos os homens, todos absolutamente sem nenhuma exceção, hereditaram que era o sol que se movia em torno da Terra. Apesar de universal, a falsidade dessa crença acabou por ser demonstrada. E é inteiramente falso que a crença em Deus seja universal. Basta lembrar que a religião budista é uma religião sem deus. O budista admite que o mundo sempre existiu e que os seres nele passam de uns para outros corpos até se extinguirem e caírem no Nirvana.

Hoje os Budistas desapareceram quasi completamente da India; mas existem no Nepaul, no Tibet, na China, no Japão, na ilha de Ceylão: são perto de 300 milhões. Numerozas tribus africanas não tinham a menor noção de um creador.

Sem nenhum exajêro se pôde dizer que um terço pelo menos da humanidade não crê em Deus. Não crê nem descre. Não pensa nisso.

Em 1864, aconteceu na Inglaterra uma couza que escandalizou imensamente a religiosidade dos inglezes: um inquerito feito nas minas de carvão de pedra revelou que, o trabalho dos mineiros era tão barbaro e tão absorvente, que muitos nasciam e morriam sem jamais ter ouvido falar em Deus. E isso no século 19 e em uma das nações mais religiosas do mundo.

Mas os homens de 1500 não tinham os conhecimentos que nós temos. O erro os encheu de espanto.

Gonçalves Dias contribuiu para divulgar o erro de que os Índios acreditavam em Deus e chamavam-n'o Tupan.

Os indígenas tinham, de fato, medo do trovão. Nunca, porém, acreditaram que ele fosse um deus por si mesmo ou a voz de um deus, que houvesse creado o mundo e que o dirigisse.

Spix e Martius, dois naturalistas alemães que percorreram o interior de nosso paiz, morando com algumas tribus indígenas e procurando conhecer-lhes as crenças, chegaram a uma conclusão muito interessante: que essas tribus não conheciam a existencia de nenhum Deus; mas admitiam perfeitamente a idéa do diabo. Spix e Martius eram religiosos. Mostraram-se sempre observadores sagazes. Não houve, portanto, nada de tendencioso nas suas observações.

A afirmação deles pode, entretanto, surpreender porque para quasi todos nós o Diabo é uma figura que faz simetria á de Deus.

Jean Richepin, o celebre poeta francez, hoje membro da Academia Franceza e orador habitual da Academia dos *Annales*, que é uma academia de moças elegantes e bem pensantes, escreveu em tempos idos uma poesia que começava declarando — pois que eu não creio em Deus, não creio no Diabo:

Ne croyant pas à Dieu, je ne crois pas au Diable

E ele terminava, depois de fazer os mais longos elogios ao Diabo, declarando que — si acreditasse em Deus, preferiria o Diabo:

Si je croyais à Dieu, je serais pour le Diable.

Os indígenas do Brazil não tinham esse ponto de vista, de puro maniqueísmo. Não sabiam quem creou o mundo, nem si alguém o governa. Sabiam apenas que, no mundo, eles sofriam de tempos a tempos revezes, privações, molestias, calamidades diversas que pareciam provir de um principio que se divertia a persegui-los.

Para os povoadores o essencial estava em converter os Índios ao catolicismo: baptizal-os, dar-lhes o habito de só se cazarem com uma mulher e fazê-los perderem o gosto de comer carne humana.

O Jesuita Antonio Blasquez, escrevendo ao superior da sua Ordem, em 1558, resumia a situação nestas palavras textuais: "... e scriba Vossa Paternidade que são muito poucos os peccados da Gentilidade em comparação dos que aprendem dos máus Cristãos, porque tirando-lhes as matanças e o comerem carne humana e tirando-lhes os feitiçeiros e fazendo-os viverem com uma só mulher, tudo mais é neles muito venial..."



E o Jesuíta se queixava de que os Portuguezes é que lhes ensinavam "*os demais vícios da carne*."

Como a primeira cerimonia essencial do cristianismo é o batismo, essa era a que mais atenção merecia aos sacerdotes. A verdade, porém, é que na maior parte dos casos os indigenas aceitavam o batismo como uma verdadeira pratica de feitiçaria — pratica que, ás vezes, lhes parecia util e outras vezes nociva.

O Jesuíta Nobrega assevera que, si em alguns casos os Indios não consentiam no batismo dos que iam ser sacrificados e devorados, era porque lhes constava que ele tirava o gosto ás carnes.

Em boa justiça, faltando-me qualquer experiencia a esse respeito, não sei realmente si o batismo altera o sabor da carne humana.

Os padres procuravam fazer essa operação até mesmo por surpresa. Levavam lenços ensopados em agua benta e expremiam-n'os sobre as cabeças dos Indios que iam morrer. Vê-se bem que não se apurava muito o valor das conversões.

O jesuíta Antonio Blasquez conta que um pequeno indio estava quasi á morte. Um padre foi vê-lo e, dessa vez com licença da familia, batizou-o. O pequeno ficou bom. Isso aumentou consideravelmente o numero de pessoas, sobretudo enfermas, que pediam aquele sacramento. Pediam-n'o, é claro, não pelos méritos teologicos que ele deve ter, mas como um remedio, como uma pratica util de curanderismo, de feitiçaria.

Os padres não entravam muito na indagação desse ponto de vista. O essencial para eles era batizar esses incréus. Cuidavam que assim lhes abriam as portas do céu.

Ao batismo os Indios se resignavam aliaz mais facilmente do que a perder os habitos de antropofajia.

Sente-se bem como a antropofajia interessava os primitivos povoadores, porque a cada passo se encontram, não só aluzões a essas praticas, como mesmo descrições minuciosas — descrições que nos faltam para tantas outras couzas que nos fôra talvez mais util conhecer.

Frei Vicente do Salvador refere uma cena de antropofajia deste modo:

"Em morrendo este preso, logo os velhos da aldêa o despedação, e lhe tirão as tripas e forçura, que mal lavadas coem para comer, e reparte-se a carne por todas as casas, e pelos hospedes, que vieraõ a esta matança, e della comem logo assada, e cozida, e guardão alguma muito assada, e mirrada, a que chamão moquem, metida em novellos de fio de algodão, e posta nos caniços ao fumo, para depois renovarem o seu odio, e fazerem outras festas, e do caldo fazem grandes alguidares de migas, e papas de farinha de carimã, para suprir na falta de carne, e poder chegar a todos".

No "Princípio e origem dos índios do Brazil" há uma descrição ainda mais minuciosa:

"Morto o triste, levam-n'o a uma fogueira, que para isto está prestes, e chegando a ella, em lhe tocando com a mão, dá uma pelinha pouco mais grossa que o véo de cebola, até que todo fica mais limpo e alvo que um leitão pelado, e então se entrega ao carniceiro ou magarefe, o qual faz um buraco abaixo do estomago, segundo seu estilo, por onde os meninos metem a mão, e tiram pelas tripas, até que o magarefe corta por onde quer, e o que lhes fica na mão é o quinhão de cada um, e o mais se reparte pela comunidade, salvo algumas partes principaes que por grande honra se dão aos hospedes mais honrados, as quaes elles levam muito assadas de maneira que se não corrompam, e sobre ellas depois em suas terras fazem festas e vinho de novo."

A minúcia que chega a aludir á pelinha, que se levanta, "pouco mais grossa que véu de cebola", parece até de cozinheiro perito...

De qualquer modo, porém, a antropofagia está sendo reabilitada pela medicina moderna. Não é que os nossos grandes médicos que tem tanto de illustres como de notoriamente delicados, aconselhem que, á falta de carne do gado bovino recorramos a matança de gente e que nos entredevoremos. Mas não se precisa forçar a nota do paradoxo para asseverar que o princípio da antropofagia como a praticavam os nossos selvagens era em grande parte científico.

Eles não comiam carne humana por gulozeima, por consideram-na um manjar escelente.

Havia, é certo, apreciadores dessa iguaria. O frade Jaboatão conta a historia de uma india potiguar que estava á morte e que os frades aliás consideravam convertida.

Vendo o seu estado de fraqueza, ofereceram-lhe algumas gulozeimas das que consideravam mais finas e que eram naturalmente as que vinham de Portugal. Dá o frade textualmente a resposta da velha: "*Ai meu neto, nenhuma couza da vida dezejo, tudo me aborrece já, só uma couza me poderia tirar este fastio. Si eu tivera agora uma mãozinha de um rapaz Tapuia, de pouca idade, e tenrinha, e lhe chupára aqueles ossinhos, então me parece que tomára algum alento; porém, eu, coitada de mim! já não tenho quem me vá frechar um destes!*"

Vê-se que a velha era guloza e pensava em chupar mãozinhas assadas de tapuias como alguns apreciadores chupam ossos de galinha.

Mas as tribus que praticavam a antropofagia por gulodice não passavam de uma exceção. A regra era, como diz Gabriel Soares, que a usassem "*não por mantimento sinão por vingança.*"



Quando um índio devorava a carne do contrario era pela esperança de incorporar a sua bravura. A carne dos covardes, a carne dos que choravam era rejeitada. Tinha-se receio que a covardia, como uma molestia contagioza, pegasse.

Um dos ramos da medicina moderna que está mais florecente é a opoterapia.

Para curar molestias do pulmão, do figado, do cerebro, de varias outras partes do corpo, injerem-se em pó, em extrato ou em injeções as partes correspondentes do corpo de varios animais.

Era exatamente esse principio que applicavam os indios: eles julgavam ter encontrado o que se póde chamar a opoterapia da coragem. Comiam valentes para ficar mais valentes. Por isso mesmo, uma das partes mais apreciadas das victimas era o olho direito, o olho que fazia a pontaria.

Note-se que esse principio sempre teve uma grande accitação na humanidade. Ainda hoje as nações mais cultas sancionam todos os dias as praticas de antropofajia. De fato, como é sabido, a comunhão catolica importa em uma verdadeira cerimonia de antropofajia simbolica: o sacerdote benze a hostia, declarando que ela passa a ser o corpo, sangue e alma de Nosso Senhor Jesus Cristo e o crente a injere, esperando assim incorporar as qualidades divinas.

Era absolutamente a teoria dos selvagens brasileiros.

Todos sabem aliaz que entre os indios os devoradores e os devorados estavam de acordo nesse ponto. Muitas vezes os padres e frades podiam favorecer a fuga de certas victimas; mas estas se recusavam, para não passarem por fracas.

Gonçalves Dias pôz na boca de um velho índio, indignado porque o filho chorava, aquella explosão eloquente:

"Tu choraste? Meu filho não éa!"

De fato, o chorar não era digno de homens. O jesuita Ruy Pereira conta que um índio, ao despedir-se saudozo do padre Leonardo do Valle, lamentou não ter trazido algumas mulheres para chorarem a partida do sacerdote, couza que ele não podia fazer.

De todo modo, porém, a antropofajia era muito bem aceita, tanto pelos que confiam como pelos que eram comidos...

Quando alguém queria eximir-se ao que havia de desagradavel nesta ultima operação, só tinha para isso um recurso heroico: deixar-se morrer á fome.

Leconte de Lisle tem um soneto maravilhoso em que ele pinta um leão, a quem enjaularam. Prezo, ele deixou-se morrer de fome. E o poeta, falando ao seu proprio coração, lembrando que tambem ele estava prezo, perguntava-lhe porque não fazia o mesmo:

L'horrible sort, enfin, ne devant plus changer,  
Il cessa brusquement de boire et de manger;  
et la mort emporta son âme vagabonde.

O coeur, toujours en proie à la rébellion,  
qui tournea, haletant, dans la cage du monde,  
lâche, que ne fais-tu comme a fait ce lion?

Alguem resumiu em uma quadra esse soneto:

Cativo, em colera azezo,  
matou-se á fome um leão.  
Tu, que também estás prezo,  
faze o mesmo coração!

Pois o que parecia tão heroico ao grande poeta francez, faziam-n'o algumas vezes os indios do Brazil que, como disse Gabriel Soares, *se deixavam morrer de bravos...*"

Compreende-se bem que, encontrando esse estado de espirito entre os indios, os padres não podiam desarraigar facilmente as praticas de antropofajia.

E' interessante notar que, ás vezes, elas não lhe dezagradavam muito: quando eram applicadas aos seus inimigos.

Frei Vicente do Salvador conta o que succedeu com a famoza Paraguassu'.

Paraguassu' foi aquella india que salvou a vida de Diogo Alvares Caramuru'. Quando ele, fujindo-lhe, tomou o navio que o devia levar á França, Paraguassu' atirou-se a nado, alcançou o navio, e foi com Diogo Alvares. Batizou-se, passou a chamar-se Luiza Alvares, casou-se e afinal enviuvou. Viuva, voltou para o Brazil. Conta o frade:

"Porém, chegando á Bafa e ancorando no rio de Paraguassu', junto á Ilha dos Francezes, lhes mandou uma noite cortar a amarra, com que deram á costa, e despojados de quanto traziam, foram todos mortos e comidos do Gentio, dizendo Luiza Alvares, sua parente, que aquellas eram inimigos, e só seu marido era amigo e como tal tornava a buscá-los e queria viver entre elles, como de facto viveu até a vinda de Tomé de Souza, e depois muitos anos, e a ela alcançei eu, morto já o marido, viuva muito honrada, amiga de fazer esmolas aos pobres e outras obras de piedade."

Este trechinho é magnifico. Por um lado, se vê o que valiam muitas conversões. Por outro lado, se nota que o frade não tem uma censura para essa viuva muito honrada, amiga de fazer esmolas e outras obras de piedade, mas que se arranjava de modo a fazer devorar os Francezes... Sente-se que Frei Vicente do Salvador teria sido bem capaz de cortar a amarra do barco como fez Paraguassu'.

Em todo caso, é incontestável que os padres e frades fizeram o possível para extinguir a antropofagia.

Restava um terceiro ideal: acabar com a poligamia.

Era o mais difícil. Tão difícil que alguns asseguraram que mesmo nos povos mais cultos ainda não foi de todo alcançado... Os padres e frades conseguiram fazer crer na existência de Deus, conseguiram extinguir o hábito de se comer carne humana, mas conseguiram dificilmente a monogamia.

A verdade é que os Portuguezes eram maus professores de virtude. Pero Vaz de Caminha, falando da nudez dos selvagens, escrevia que eles estavam *"acerca disso com tanta inocência como tem em mostrar o rosto..."*

Sessenta e sete anos depois o jesuíta Balthazar Fernandes confirmava essa observação do primeiro *reporter* que veio ao Brasil. Dizia o padre: *"...com andarem todos nus, assim homens como mulheres, naturalmente nenhum pejo tem, nem reina malícia neles e são tão inocentes nessa parte que parecem viver no estado de inocência..."*

Mas a quem faltava inocência era aos Portuguezes...

No seu discurso da Academia o Sr. Lauro Muller achava que se devia dar a ler nas escolas a carta de Pero Vaz Caminha. Evidentemente, o meu ilustre confrade guarda apenas desse documento uma vista de conjunto, não se lembra mais dos seus pormenores.

Não foi com inocência que Pero Vaz olhou para as índias. Examinou-as minuciosamente. Examinou-as indiscretamente. Tão indiscretamente que mesmo aqui, que não é uma escola primária, eu não lhes posso ler os trechos da famosa carta, onde o nosso primeiro cronista duas vezes insiste sobre a beleza de nossas caboclas, declarando-as, ele portuguez, superiores às Portuguezas.

E' bom notar que a Carta de Pero Vaz se dirigia ao Rei de Portugal. Já, porém, no segundo dia da sua estada no Brasil ele achava importantíssimo comunicar ao monarca como eram bonitas as índias da nossa terra.

Compreende-se bem que com tão excelentes professores, os nossos índios deviam custar a corrigir-se. Os jesuítas deixaram numerosas denúncias de que os povoadores é que pervertiam em grande parte os Índios. Ensinaram-lhes malícias em que eles nunca tinham pensado. E, por sua vez, todo homem medianamente afastado da colônia passou a ter um harem, — harem em que havia, sobretudo, índias e pretas.

Assim, si se percorrem as couzas que primeiro atraíram a atenção dos colonizadores e as que se apresentaram a eles como ideais a realizar, vê-se que eles obtiveram o que desejavam a pro-

pozito de religião. Si não fizeram do povo um povo essencialmente católico, divulgaram pelo menos as crenças religiosas essenciais, a começar pela da existência de Deus. Conseguiram que entre os índios se abolisse a antropofagia. Só onde o seu sucesso não se pode ter por considerável foi no tocante á sensualidade da raça.

Sem duvida aboliu-se, mais ou menos aparentemente, a poligamia. Mas o povo continuou a ser essencialmente sensual.

Ha a este respeito uma afirmação muito corrente: é a de que a preocupação amorosa de nosso povo vem do sangue preto que nele foi infundido.

Nada menos exato. Entre o Portuguez, o Indio e o Negro — o Negro é o mais casto.

E' interessante notar como as ideias dos etnologos mudaram a esse respeito. D'antes acuzavam-se as tribus selvagens, sobretudo da Africa, de ser muito sensuais, porque elas se entregam a grandes festas orjicas. São dansas lascivas, que duram, ás vezes, dias e noites seguidos.

Mas isso, em vez de provar que elas são de uma grande sensualidade, prova o contrario: prova que elles só chegam a ella depois de excitações violentas. Essas dansas occorrem, de tempos a tempos, com grandes intervalos. Durante as preparações das guerras, durante as guerras, em inumeras outras circunstancias, esses negros selvagens são castissimos. Uma mulher, enquanto amamenta o filho é sempre casta. E ha como essas varias outras restrições.

Os nossos selvagens sempre foram infinitamente mais sensuais que os negros. Si, portanto, o nosso povo ficou sendo o que elle é, não o deve ao sangue preto; deve-o ao Indio e ao Portuguez. A carta de Pero Vaz de Caminha, confessando que estendêra olhos cubiceiros para a beleza das caboelas, prometia bem o que haviam de ser os colonos.

Notem que eu não digo isto para os censurar. O amor é uma das preocupações mais sérias da nossa vida.

Não cabe aqui nos limites de uma conferencia, mostrar que tal o Brazil era quando nasceu, no seculo 16, tal é ainda hoje, nas linhas essenciaes da sua psychologia.

Ha, porém, uma vista de conjunto que se pode apresentar.

Os povos da Europa vieram provavelmente da Azia. Foram irradiando pouco a pouco, tanjidos pela necessidade. Os povos pastores são forçados a emigrar atraz dos seus rebanhos. Desde que os rebanhos comeram toda a erva que ha nas cercanias de um ponto, é preciso partir. E, assim, passo a passo, acossados pela necessidade, os povos da Azia, foram marchando até o extremo occidental da Europa. Aprenderem a temer as inclemencias do tempo. Formaram a sua psychologia em muitos milênios, lutando

incessantemente pela vida. Na luta, eram exatamente os que mais sabiam poupar os que triumphavam.

Nossa psicologia se fez inteiramente ao contrario disso.

Quando a miragem do mundo novo appareceu na Europa, foram os mais audazes, os mais aventureiros, os mais imprevidentes, os que, primeiro, atravessaram os mares. Para decidir-se a fazer a travessia arriscada do Atlantico só com as escassas e incertas informações que então havia da nova terra — era necessario ser imprevidente e fantazista.

Chegaram, acharam uma terra quasi sem estações. O padre José de Anchieta escrevia: *"Quanto á duração das partes do ano, a couza é muito diferente: estas, porém, são de tal modo confuzas, que se não podem distinguir facilmente, nem mesmo assinalar-se a verdadeira época de verão ou de inverno: o sol realiza o seu curso numa temperatura uniforme, de modo que nem o inverno causa horror pelo frio, nem o verão infecciona pelo calor..."*

Uma terra sem estações faz com que se perca a noção do tempo. Nos climas, como os da Europa, em que cada estação é bem nitidamente diversa das outras, as pessoas são obrigadas a formar bem fortemente aquella noção. As estações são as quatro horas de um relógio que todos ouvem, veem e sentem por mil modos diversos.

Mas nos climas em que tudo é mais ou menos igual, o tempo corre como em uma caça sem relógio.

Nesse deleitozo passar dos dias e dos anos, os colonos só ás vezes tinham rompantes de energia para vêr si conseguiam a fortuna pelos dois meios então mais facéis: apanhar indios para escravos ou descobrir minas de ouro, prata, diamantes...

Ninguém pensava em enriquecer pouco a pouco, á européa, juntando migalhas.

A seleção do nosso povo se fez, ponto por ponto, de modo oposto ao dos povos da Europa. Lá triumpharam os tímidos, os economicos, os previdentes. Para aqui vieram os farejadôres de aventuras. O que cada um deles queria era fazer fortuna em pouco tempo, immediatamente si fosse possível. O sonho das minas enchia-lhes o espirito.

— Mudamos?

— Absolutamente não! O colono, que por uma vaga informação arriscava tudo o que possuia para vir da Europa, até um paiz distante, desconhecido e selvagem revive hoje no corpo, sangue e alma do bom Brasileiro, que por um palpite arrisca tudo o que tem no jogo sob suas variadas formas.

Assim, quem percorre os cronistas do século 16, tem um desapontamento grande verificando que eles não se maravilham tanto quanto era de esperar com as belezas de nossa terra. Empreenderam apenas uma grande luta contra o ateismo e a antropofagia



dos índios, que foram os fatos que mais os impressionaram. Venceram. Venceram também, ao menos legalmente, a poligamia. Nunca, porém a preocupação sensual, porque essa existia quasi tanto nos colonizadores como nos indígenas.

Mas o que se acha de mais interessante naqueles escriptores é a indicação exata do povo que nós tínhamos de ser: povo sonhador, amoroso e aventureiro, tão imprevidente como dezechoso de obter grandes riquezas, comtanto que elas não custem mais do que o trabalho de achar uma mina de ouro ou de comprar o bilhete de loteria que vai sair...

A modestia dos conferentes é geralmente uma armadilha.

Mesmo os que julgam ter couzas sublimes para dizer, não desdenham de pedir a benevolencia do publico, para com essa falsa humildade fazer juz aos seus applauzos.

Não é, porém, este o meu caso. Seria realmente preciso estar ataeado do delirio de grandezas, para subir a esta tribuna sem um certo receio de fazer lamentavel contraste com os oradores illustres que por ela tem passado.

Por mim, eu não tenho apenas receio e duvida: tenho certeza. Essa certeza se agrava ainda mais pelo assumto da minha conferencia. Quando eu empreendi tratar dele, pareceu-me que deveria ser magnifico. E eu tinha uma certa esperanza que a sua magnificencia me permitisse deslumbrar-vos de tal forma, que o assumto fizesse esquecer o conferente.

Chegado, porém, ao fim do meu trabalho, eu vi que aquella esperanza era vã: o assumto não valia nada.

A minha historia hoje aqui é a de um homem que se trepou a um alto posto e nesse posto esperava acender um poderoso foco de luz electrica, um holofote destumbrante. Dizia ele a si mesmo que a luz seria tão forte que ninguem, ofuscado com ella, prestaria attenção ao operario humilde que a fixera brilhar.

Mas o operario não conseguiu fazer funcionar a luz esplendida. E, quando todos contavam com ella, o pobre homem se limitou a acender a claridade vacillante de um pequeno fosforo.

Esse é o meu caso.

Haverá nesta sala quem proteste contra a affirmacão da nossa habitual imprevidencia, do nosso amor ás aventuras?

E' um protesto impossivel. O simples fato de que vendo o vago nome de uma conferencia que por si só não queria dizer nada, conferencia feita por um orador mediocre, vós vos arriscastes a vir até aqui perder a hora que acabais de perder, prova bem quanto sois imprevidentes.

Resta agora que vos laveis desse peccado, mostrando-vos — imprevidentes, sim, mas generozos, mas benevolentes. E que me perdoeis.

MEDeiros e ALBUQUERQUE

---

# POESIA

---

## O SONHO

*Virás? Não sei. Tenho medo  
Das demoras, dos atrasos...  
Prometteste. E desde cedo  
Enchi de flores os vasos.*

*Tremo um pouco. Mas eu creio  
Nas promessas femininas.  
A tarde já vai em meio,  
E eu já fechei as cortinas.*

*De tudo que aqui se aninha,  
Uma ternura se exala;  
É para ti, princezinha,  
Tudo que eu puz nesta sala.*

*Fico em silêncio, num canto.  
Lá fora chove, faz frio...  
Quero ter medo, e entretanto,  
Olho em redor, e sorrio.*

*Vou te ter junto a meu peito;  
Sci que vae vir, que te apressas...  
E é um delicioso defeito  
Confiar-se nas promessas.*

*A luz da tarde gelada  
Mal filtra pela janella.  
Um passo adeja na escada  
E eu digo apenas: "é ella".*

---

#### A GRAVURA

*Eu tinha, ha muito tempo, uma gravura em cores  
Que collei, sem pensar, num caderno qualquer;  
Havia na gravura uma jarra de flores  
E um reflexo de luz nuns hombros de mulher.*

*Eu olhava sem ver a gravura collada,  
E esqueci-a depois. Não me dei conta ao menos  
De que havia a frescura e o brilho da alvorada  
Na meiguice ideal desses hombros morenos.*

*Encontrei-a de novo, ha tres dias, na estante,  
E o reflexo de luz que eu conhecia bem,  
Mal o vi d'esta vez, lembrou-me num instante  
Um reflexo que vi sobre os hombros de quem.*

*Quando estudo, e estou só, se visses o que faço,  
Verias que interrompo ás vezes a leitura,  
E que afastando o olhar do livro com canção,  
Vou beijar em segredo um papel de gravura.*

## TROVAS

*Sei que puzeste ao meu lado  
Visinhanças de um perigo...  
Mas eu sigo abençoado  
No caminho em que te sigo.*

*E é grande o bem que me fazes  
Quando te chamas de louca,  
Pois para ouvir tuas phrases  
Preciso olhar tua bocca.*

*Sei o perigo que existe  
Numa loucura como esta,  
Sei que ha sempre um dia triste  
Por entre os dias de festa.*

*Mas se vens com ar sombrio  
Falar do mal que entrevejo,  
Fico em silencio e sorrio  
Para sonhar com teu beijo.*

GOTFREDO  
T. da Silva Telles.



## ALGUNS ASPECTOS DA PHILOSOPHIA DE W. JAMES

Muito recentemente, creio, foi que se começou de falar entre nós do pragmatismo como de uma nova doutrina philosophica. Aqui, além, entre os nossos raros curiosos de idéas geraes, a nova escola vem conquistando sympathias intimas, ainda tímidas e incertas. Não existe, nem logicamente poderia existir no Brasil, ambiente favoravel á florecencia da philosophia americana. Nós não temos cultura philosophica, que é um fructo de civilizações seculares e intensas; não interessaram jámais á nossa elite intellectual os altos problemas de que a philosophia cogita. A curiosidade do nosso espirito se limita em regra ás cousas de litteratura e ás sciencias applicadas. Acresce ainda que mesmo entre os curiosos de philosophia, a doutrina de W. James difficilmente abria caminho. A nossa educação vem de fontes oppostas, do criticismo de Kant, do positivismo de Comte, do agnoticismo de Spencer, todos elles systemas, mais ou menos intellectualistas, isto é, que attribuem á intelligencia todas as faculdades creadoras e della fazem depender e derivar a propria actividade pratica. Tudo em W. James lhe parecerá novo e aberrante: o anti-intellectualismo fundamental, o empirismo de forma quasi mystica, a religiosidade intrinseca e os fructos naturaes de sua concepção primordial das cousas, como a negação do determinismo absoluto, que era, ha muito tempo, para as gerações educadas em Spencer e Taine, verdades indiscutíveis.

A philosophia da experiencia ou pragmatismo ou, ainda, humanismo, denominação preferida por alguns discipulos de James, é antes, de tudo, uma philosophia anti-intellectualista, que procura fóra da razão abstracta fontes de verdades e que quer ver em toda a actividade mental fundamentos moraes e uma finalidade concreta e pratica. Não se perde em especulações metaphysicas em torno de uma verdade impossivel ou inatingivel e não se apresenta propriamente como systema acabado, uma summa sciencia defini-



tiva, explicação racional e integral dos phenomenos da Natureza e da vida. Nasceu e floresceu em paiz protestante; as suas raízes mais longínquas embebem-se ainda na selva da religiosidade aspera dos primeiros puritanos e toda ella reacende ao perfume christão. Ao lado dos seus fundamentos religiosos, explicam-lhe tambem o nascimento e florescencia as condições presentes da sociedade americana. A America, diz Schinz (*Anti-Pragmatismo*) mais livre do que a Europa do peso de tradições seculares, manifesta mais claramente do que qualquer outro paiz o espirito pragmatico, que é o espirito moderno. A philosophia da experiencia trazia consigo dois requizitos essenciaes: as tendencias inglezas e, principalmente, americanas: o fundo religioso e moral e a apologia da acção. Mal se comprehenderiam na America philosophias negativas, para lembrar uma expressão feliz de Naville, que conduzessem em definitiva ao quietismo, como o faz o determinismo. Ademais, o pragmatismo traduzia para os homens de boa fé o cansaço, a lenta descrença no antigo verbalismo metaphysico e no materialismo estreito e dogmatico, que por longo tempo dominaram o mundo do pensamento, articulando os nossos desejos, as nossas aspirações vagas por um espiritualismo não e segundo.

Como todos os systemas philosophicos, observa em verdade Le Roy (*Une Philosophie Nouvelle*, H. Bergson), antes de tornar-se um grupo de theses coordenadas, o pragmatismo apresentou-se aos seus precuresores como uma attitud, um methodo. "Uma attitud, uma orientação, fóra de toda theoria particular, eis o methodo pragmatico", escreveu W. James, e "esta attitud, accrescenta, consiste em voltar os nossos olhares de tudo que é causa primaria, categoria, primeiros principios, para fixal-os nas causas ultimas, factos, consequencias e resultados finais". Dest'arte, em vez de uma doutrina philosophica, de contornos e limites proprios, um novo fiat, o pragmatismo era um methodo. Papini definiu-o numa imagem que W. James accepta. O pragmatismo seria um corredor de hotel sobre o qual abrem diversos aposentos. Neste vive um metaphysico, naquelle, um mytico, naquell'outro, um positivista, além, um materialista; todos se servem do corredor para entrar ou sair de suas cellulas. O methodo pragmatico pôde conduzir a todas as verdades, porque não toma partido por nenhuma dellas. A verdade é indefinida e, não finita ou infinita. "As theorias são simples instrumentos de indagação e não respostas a enigmas". (*Pragmatismo*). Parece-me que a maior revolução operada pelo pragmatismo no mundo philosophico consiste justamente neste novo methodo ou, antes, neste novo criterio para tratar a questão da verdade, que envolve um dos problemas mais delicados da philosophia e do conhecimento. Não sei se poderia discutir este aspecto da philoso-

phía pragmática, sem antes procurar-lhe os fundamentos históricos e delinear-lhe o esboço geral.

O pragmatismo não é uma concepção nova. *Nihil novi*. Existiu toda a vida em tendências isoladas desta ou aquella escola, na philosophia de Sócrates como na de Hume, na dos Encyclopedistas como no positivismo de Comte, na philosophia da vontade de Schopenhauer como na de Spencer. Dahi, afigurar-se a adversários intransigentes como Schinz (obra citada) um simples opportunismo philosophico e como Fouillée (*La Pensée et les Nouvelles Ecoles Anti-Intellectualistes*) um amalgama de doutrinas diversas, querendo lançar pretenciosamente sobre este terreno de alluvião alicerces moraes e religiosos. Tem affinidades por toda a parte, em graus diversos: com o empirismo, com o vitalismo, o nominalismo, o positivismo, mais estreitas com a philosophia do inconsciente de Hartmann. <sup>em</sup> Na a philosophia das sciencias da escola franceza de Poincaré e, sobretudo, com a de Bergson. O que ella fez foi coordenar as tendencias numa theoria geral da verdade, como a denomina o proprio W. James.

Segundo W. James os seus fundamentos foram lançados em 1878 por Pierce em um estudo sobre o criterio pragmatico da verdade. Vinte annos mais tarde, W. James, no seu curso da Universidade da California, tomava das idéas de Pierce, estudava-lhes os aspectos varios e dava-lhes por fim o admiravel desenvolvimento logico de hoje. Filho espiritual da Europa, pois educou-se em Genebra, no mesmo ambiente de Rousseau, que foi em verdade um dos precursores do pragmatismo, W. James entrou na philosophia com a ferramenta de um sábio. Vinha das sciencias e já tinha escripto a sua *Psychologia*, que ficou como a obra de Spencer, um livro classico. Começa desde então a época victoriosa do pragmatismo. A nova doutrina passa as fronteiras da America, ecôa na Europa, conquistando adhesões e sympathias por toda a parte, como a de Schiller na Inglaterra, Oswald na Allemanha, Papini na Italia e na França a dos grandes nomes de Bergson e Boutroux, que no seu livro — *Science et Religion* — chama W. James, sábio philosopho, profundo e delicado pensador e attrahente escriptor.

E' quasi impossivel resumir em um pequeno ensaio uma doutrina philosophica como a de W. James, que é hoje um systema logico e integral. Dar-me-la por satisfeito se podesse aflorar-lhe ligeiramente alguns aspectos, em linguagem accessivel, evitando o jargon profissional, que converte a philosophia numa sciencia exoterica, fechada á curiosidade dos homens de cultura média e que faz Boutroux dizer com espirito que Kant (Hegel seria peor) é um pensamento que procura a sua forma.

Escreveria um livro quem desejasse expor todas as definições de philosophia, cada qual traduzindo naturalmente o criterio de um systema. Entretanto, qualquer um de nós tem a noção perfeita da verdadeira essência da philosophia — a sciencia das generalidades. — Wundt (*Introduccion á la Filosofia*. Trad. hepanhola) define-a como "a sciencia geral que procura systematizar de uma maneira certa os conhecimentos communs ás sciencias particulares e reduzir aos seus principios os methodos geracs e hypotheses do conhecimento utilizadas pela sciencia". W. James, no primeiro capitulo da sua *Introduccion á la Philosophie*, accalta uma definição de Spencer — systema de conhecimentos completamente unificados. — Numa accepção mais moderna, lembra ainda James, philosophia confunde-se com metaphysica, a sciencia das possibilidades, o que parece indica certo conflicto latente entre sciencias e philosophia. Este conflicto não existe. Não ha mesmo entre umas e outra um parallelismo de acção. Ambas vêm das mesmas origens e visam o mesmo fim: as sciencias ficam nas verdades immediatas que tocam os sentidos, e a philosophia vae mais além, á indagação das causas primarias (rationalismo) e consequencias ultimas, coordenando-as e estabelecendo as relações necessarias entre ellas. O espirito do homem não se satisfaz com o mundo objectivo. Se são vanas todas as especulações sobre causas primarias como julga o positivismo, mais van ainda é a pretensão desta escola em querer fechar o mundo na sua gaiola de ferro. O mundo interminio do pensamento ficará sempre como o campo da philosophia e das religiões, attitudes parallelas e de valores relativos e pessoas ante os mysterios das cousas.

Quasi toda a philosophia moderna era intellectualista, no sentido de attribuir á intelligencia humana as faculdades exclusivas do conhecimento. Vivia muito mais de principios do que de factos. Houve toda a vida, em pleno dominio do rationalismo, tendencias empiristas que admittiam ao lado do mundo intelligivel o mundo phenomenol. A philosophia de Socrates, a de Hume, por exemplo, que punham duvidas intimas sobre o poder absoluto do apriorismo, preferindo partir dos factos para os principios do que destes para aquelles. Mas estas attitudes empiricas se confundiam de boa vontade com o eclectismo e o scepticismo e poderiam levar, como em Schopenhauer, ao pessimismo dissolvente e, como em Nietzsche ao amoralismo. Kant, donde vem em ultima analyse todo o pensamento philosophico moderno, admittia ao lado da razão pura a razão pratica, mas esta mesma sendo apenas um resultado, um aspecto da primeira, a razão pura pratica, como a denomina no prefacio da sua *Crítica da Razão Pratica*. Desta antinomia fundamental entre as duas razões originou-se a lucta secular entre as tendencias ra-

cionallistas e empiristas. Toda controversia philosophica actual, diz A. Rey (*La Philosophie Moderne*) gira em torno deste dilemma: a actividade pratica deriva da sciencia ou esta da-quella? A primeira these, defendem-na todas as escolas intellectua-listas; a segunda conta com os systemas pragmaticos, include a escola de Bergson (intuição activa) e a moderna philosophia das sciencias. Resta examinar a attitudo de James neste debate funda-mental, que constitui a propria essencia de sua philosophia.

Preliminarmente, o pragmatismo não admite uma razão pura abstracta, vivendo de si mesma. Todo esforço humano tem um fim. A philosophia torna-se forçosamente teleologica no ponto de vista moral. Desde que não siga este criterio converte-se em puro verba-lismo óco e doutrinario. Não ha uma descoberta scientifica lembra-bem Gillouin (*La Philosophie de Bergson*) que se deva á razão pura. Ella só pôde construir com o material que lhe forneça a razão pratica, a experiencia, em outros termos. O grande erro dos syste-mas racionalistas consiste em querer explicar as partes pelo todo, quando o inverso é que é verdadeiro. A vida, com a sua experiencia comestinha, o seu instincto creador, as suas forças inconscientes, é a fonte eterna das verdades. Não se reduz á moldura do presente nem vive apenas no momento presente; tende sempre para além, para formas superiores e ideaes. A estrutura do nosso espirito, en-sina o pragmatismo, é em parte nossa obra e em parte a obra de al-guns nossos antepassados, these que se atigura a Bergson (*Verité et Réalité*. Introd. ao Pragmatismo, de James.) a mais importante da philosophia da experiencia. O pragmatismo, sem acreditar na fal-lencia das sciencias ou na incapacidade da intelligencia humana, supõe, entretanto, que ellas não bastam para explicar os pheno-menos do mundo e nos guiar na vida. Ha no homem outros funda-mentos de natureza moral, um sentido mais alto da realidade do que os sentidos ordinarios que as sciencias servem. Desta concepção resulta a theoria do conhecimento de W. James e o finalismo moral de sua doutrina.

Para o pragmatismo, a phrase de Pascal—verdade aquem dos Pyrineus, mentira além dos Pyrineus—traduz uma grande verda-de. Não ha verdade; ha verdades. O seu criterio é pessoal, relativo e, sobretudo, opportuno. O verdadeiro, define James, é o opportuno em a nossa maneira de pensar. E' verdadeiro tudo que é verificavel e que leva a um resultado pratico. Viver é agir. Só se pôde, pois, conceber a verdade em função da acção. Os adversarios do pragma-tismo querem ver nesta concepção de James o fundo sceptico e anarchico da sua doutrina, esquecidos de que os resultados moraes constituem a propria razão de ser do pragmatismo. Elle procura estabelecer a harmonia, ou antes a fusão da philosophia com as

religiões, como attitudes eguaes, de valores analogos perante os mysterios das cousas. O que revoltava a James como a todos os espi-ritualistas contemporaneos era o dogmatismo pretencioso das escolas racionalistas e positivistas. Não se pôde mutilar a vida para encaixal-a em qualquer moldura. O monismo como o evolucionismo e o determinismo, levados ás suas ultimas consequencias, diminuíam a Natureza e aviltavam o homem e por fim não explicavam nada, ficando apenas como simples theorias, instrumentos de indagação. O mundo é um ou multiplo, conforme o ponto de vista em que o encaremos; o monismo ou o pluralismo são explicações unilateraes. A evolução não é uma simples transformadora de valores e não creadora, affirma W. James, como o affirma tambem Bergaon. O homem, que vinha diminuindo do materialismo, eleva-se com o pragmatismo. Deixa de ser um simples automato, um producto fatal de condições biologicas e psychologicas anteriores, para valer por si, pela sua experiencia pessoal, pela sua capacidade de agir, pelo seu instincto creador. Entre duas pessoas, escreve Boutroux (*Science et Religion*), a victoria na vida não será do que sabe alinhar melhor os syllogismos e sim daquelle de que a vitalidade fôr a mais forte. As sciencias não bastam á vida; não as alcançam nem as explicam a sua infinita complexidade.

Como a escola da philosophia das sciencias, o pragmatismo attribue ás verdades de natureza scientifica um caracter relativista e opportunistas. A verdade está sempre por fazer e o erro não é precisamente o seu opposto, porque pôde ser uma verdade menor. Ella tem um duplo aspecto—objectivo e subjectivo. Objectivamente, por exemplo e para lembrar uma imagem, creio, que de Poincaré, o verdadeiro seria affirmar que o sol gira em torno da terra. Subjectivamente é o inverso que é a verdade. W. James vai mais longe nesta analyse. Admitte que o erro possa ser fonte de verdades e tenha um alcance moral. Para as condições sociaes e politicas da Idade Média a crença nos antigos systemas planetarios era mais fecunda do que as idéas revolucionarias de Copernico. O criterio do opportuno deve presidir tudo. A pergunta que o homem de bom senso fará a si mesmo será sempre esta: que differença para o mundo se a verdade for esta ou aquella?

Todas as doutrinas philosophicas que pretenderam explicar o mundo falliram justamente pelo seu dogmatismo. Que resultado pratico trouxe ao homem as doutrinas racionalistas na triplice direcção que Wundt (obra citada) lhe attribue—apriorismo, ontologismo e panlogismo? O pragmatismo veio para ficar como diz James no seu entusiasmo de apostolo, porque justamente é a menos dogmatica de todas as escolas. Procura de preferencia os factos, as

pequenas verdades da experiência diuturna, eleva o coração e alma dos homens, dando-lhes um novo sentido à vida.

Com o seu admirável desenvolvimento logico, o pragmatismo não poderia resumir-se a um simples methodo e a uma theoria sobre a questão do conhecimento. Tomou attitude propria ante os outros problemas fundamentais da philosophia, e das origens e fins (problema metaphysico) e o ethico, que é o essencial para uma philosophia finalistica e moral. E porque a philosophia comprehende tambem as sciencias, como o genero a especie, pezando-lhes e estudando-lhes os resultados para coordenar-las e systematizar-las, o pragmatismo analysou-as todas sob o seu criterio especial. Aceptta a verdade onde julga que ella existe, dá um sentido novo a velhas theorias, cria novas, e torna-se, em summa, um corpo de doutrinas. Não crê em principio no dualismo classico entre o espirito e a materia. Não se define entre o monismo e o pluralismo, porque o mundo é um ou multiplo conforme o ponto de vista. Unifica a consciencia humana, que é uma e continua sem a successão de estados diversos, como quizera a antiga psychologia determinista, e a que empresta a natureza de um instrumento pratico, evoluindo para crear, agindo ao lado de outras forcas sub-conscientes.

Abel Rey num livro admiravel de clareza e synthese (*La Philosophie Nouvelle*), estudando as tendencias das novas escolas espiritualistas, acompanha pari-passo a attitude do pragmatismo ante os problemas diversos das sciencias e que são pela sua ordem logica, dos mais simples para os mais complexos: problema da materia, comprehendendo as mathematicas e as sciencias physicas, problema da vida (sciencias biologicas), problema do espirito (sciencias psychologicas), problema moral (sciencias sociologicas e ethica). Para o pragmatismo importa, sobretudo, o ultimo, desde que toda a actividade humana deve ter uma finalidade moral. Mas sobre todos tem, naturalmente, as suas vistas proprias.

Na questão das mathematicas combate o racionallismo extremado que as reduz a uma sciencia puramente formal, uma projecção da logica. O numero e a extensão teem origens empiricas e alcançam a realidade das cousas. No problema do mundo physico, o pragmatismo é fundamentalmente uma philosophia anti-materialista. A vida é um principio especifico e creador, superior ás leis physicas. O pragmatismo toma, pois, uma posição intermedia entre o idealismo platonico, que nega a existencia da materia em si, e as theorias materialistas que a ella reduzem o mundo. Preferiria adoptar o dualismo cartesiano num sentido muito restricto entre os dois principios materia e espirito, embora a sua unidade basica. A primeira fica para o dominio das sciencias e o segundo para o dominio das philosophias e religiões. Não nega a evolução que é uma verdade.

accetta; attribue-lhe, entretanto, um sentido finalista diverso do mecanista do darwinismo. Da mesma maneira que o effeito não segue a causa como um phenomeno a outro, mas como um phenomeno em que outro se transforma, a evolução crêa, transformando. O futuro não está determinado no presente nem este vive do passado. Nesta idéa de James está a sua negação do determinismo radical e a sua crença no livre arbitrio com uma significação mais alta do que a das theologias christãs. Somos livres, escreven Bergson em sentido analogo ao do pragmatismo (*Données immédiates de la Conscience*) quando os nossos actos emanam de toda nossa personalidade, quando a exprimem, quando toem com ella esta identidade que ha por exemplo entre a obra e o creador.

No problema do espirito o pragmatismo se oppõe logicamente ao parallelismo psycho-physiologico. O problema moral é o problema por excellencia da philosophia pragmatica. Todas as doutrinas racionalistas e intellectualistas fundam-se no postulado de que a acção é o resultado do conhecimento. E' o raciocinio que fornece a regra da actividade pratica. O pragmatismo inverte os termos da proposição. A verdade é uma consequencia do exito e não a sua causa. Viver é agir. Verdadeiro é o verificavel e o que accresce alguma coisa á nossa capacidade de acção. A philosophia como a religião tornam-se dest'arte um *affaire*, no sentido francez, puramente pessoal. "Uma philosophia, diz textualmente W. James (*Philosophie de l'Experience*) é a expressão do caracter de um homem no que elle tem de mais intimo, e toda definição do Universo não é mais do que a reacção adaptada voluntariamente ao seu olhar por certa personalidade". Porque affirmar então que a verdade é esta ou aquella?

De todas as idéas de W. James resulta como o coroamento final de sua obra a conciliação do espirito philosophico com o espirito religioso. Dir-se-ia que o seu livro a *Vontade de Crêr* é a chave de todo o systema pragmatico. A obra deste pensador suave e profundo não foi escripta especialmente para os sábios, os especuladores de verdades eternas. Veio antes como um bálsamo para todos os corações afflictoes que procuram elevar os seus olhares humilhes para o céu longinquo. Se o vosso coração, diz James, não sente necessidade de uma realidade moral, o vosso cerebro não vos adiantará coisa alguma. Não vos envergonheis de vossas crenças, se nellas existe a vossa alegria de viver, o estímulo de agir, a certeza de um mundo melhor, uma disciplina intima. Uma phrase da *Vontade de Crêr* poderia servir de epigraphe para toda a obra de W. James: "no ponto de vista racional, o theismo e o atheismo podem ser verdadeiros egualmente; no ponto de vista moral a differença entre elles importa muito desde que o segundo garante uma ordem moral que o

outro não poderia crear". E em philosophia como em tudo mais sômente o ponto de vista moral tem alcance. E porque o pragmatismo é sobretudo uma philosophia moral e pratica vem conquistando lentamente as consciencias e os corações dos homens, servindo aos ideaes e inquietações intimas, articulando-lhes os seus desejos por uma ordem moral mais perfeita do que esta em que se debatem, e que a razão não poderá crear.

JOSE' MARIA BELLO



## UM ALBUM DE ELISA LYNCH

### I

A 12 de agosto de 1869 cahia Perebebuy — a improvisada e terceira capital de Lopez — em poder dos alliados após duas horas de renhida peleja que lhes custou quinhentas baixas e um dos heroes da campanha: o general João Manuel Menna Barreto.

"As perdas do inimigo foram totaes; ficou elle todo ou morto ou prisioneiro. Perto de setecentos cadaveres contados, entre os quaes o do tenente coronel Caballero, commandante da praça, o major Lopez, trezentos e tantos feridos e oitocentos prisioneiros são formavam o effectivo da guarnição. Dezenove canhões, treze bandeiras e baetante munição de guerra cahiram em nosso poder", conta o Visconde de Taunay n'um Inedito que temos á vista.

"Oh, a guerra! sobretudo a guerra do Paraguay! Quanta creança de dez annos e menos, ainda, morta, quer de bala, quer lanceada, junto ás trincheiras que percorri a cavallo, contendo a custo as lagrimas! E n'aquelles rostos infantis uma expressão estereotypada ou de muita calma ou então de terror e agonia, que cortava o coração, essa mais frequente como se os pobres coltadinhos houvessem expirado, comprehendendo bem o horror da morte, quando toda a natureza lhes sorria em torno!

Faziam-se prisioneiros, no momento em que eu passava, o, entre parentheses, ainda se matava, bem inutilmente aliás! Salvei um dos desgraçados que iam ser degolados e elle se agarrou a mim, não me deixando mais, por signal que, alta noite, por tel-o feito dormir num couro no mesmo quarto que fui occupar raspei não pequeno susto".

"Tomado Perebebuy e abafada qualquer resistencia houve o seu saque, apesar dos esforços para reprimil-o. Os soldados, porém, entravam nas casas e sahiam com muitos objectos que iam tomando violentamente ou apanhando pelo chão. Das moradas occupadas



antes pelo dictador Lopez e por Mme. Lynch tiraram não pequena quantidade de prata amoeada, peças hespanholas do valor de dous mil reis, das chamadas columnares por terem as armas de Castella e Aragão gravadas entre duas columnas. Depois vimos muito desse dinheiro gyrar no commercio. Não poucos soldados, quando penetrei na morada de Lynch passaram por perto de mim, levando em pannos e mantas, grande porção dessa prata, quanto podiam carregar. Eu, avisado pelo Tiburcio, ia em procura de um annuncio do piano. Havia tanto tempo que estava privado dessa distracção! Achel, com effeito, o desejado instrumento—bastante bom e afinado até—e puz-me logo a tocar nelle, embora triste espectaculo perto me ficasse: o cadaver de um infeliz paraguay, morto por uma granada que furara o tecto da casa e lhe arreventara bem em cima. Estava o desgraçado sem cabeça. Depois de algum tempo fia remover o funebre dilettante tocando com grande ardor talvez mais de duas horas, seguidamente. Assim festejei a tomada de Perebebuy. No quintal daquelle habitação onde havia trastes de luxo, modernos, e objectos bastante curiosos de antiguidades jesuiticas, restos de grandezas passadas, a quatro e á ultima hora trazidas da Assumpção, encontrou o Tiburcio um deposito de vinhos de excellente qualidade, sobretudo caixas de champagne de indiscutivel e legitima procedencia e das melhores marcas. Nunca o bebemos tão saboroso e perfumado — força é confessar-o. Tratava-se em regra a imperiosa e intelligente mulher que teve tão vasta e tão perniciosa influencia sobre o espirito de Solano Lopez e tanto concorreu para a desgraça, as loucuras e os horrorosos desmandos do amante e as calamidades do valente e malaventurado povo paraguayo. Bem curiosa deve ser a historia ainda tão imperfectamente conhecida dessa Eliza Lynch.

“Em Perebebuy apanhei entre varios livros que pertenciam a Francisco Solano Lopez o segundo volume de um D. Quixote, edição de luxo, em hespanhol, ornado de boas gravuras. Procurei com afam o primeiro volume e não o encontrei no meio dos livros que lá havia, atirados a um canto. Durante toda a campanha muito li e rell o meu Dom Quixote, sendo cada vez mais augmentada a admiração que consagro áquelle livro, obra prima do engenho humano.

Abençoado Miguel de Cervantes Saavedra, quantos momentos de despreocupaço me deste, assim como os tens dado a milhões de entes neste mundo! E o que mais querer do que trechos de distracção no continuo assalto de tristezas e desgostos da vida? Esteve muitos annos em meu poder esse exemplar apanhado em Perebebuy; perdi-o mais tarde não sei como e muito senti tal perda. Procurei em toda a casa da Lynch e na de Lopes, documentos, afanosamente; poucos havia e quasi todos dilacerados; descobri no quintal um monte de cinzas visivelmente provenientes da queima de papéis”

No Diário do Exército (pgs 171 e 172), por Taunay redigido encontram-se a respeito das prendas de Perebebuy as seguintes referencias:

"Os archivos todos da republica, grande quantidade de prata cunhada e de igreja, livros, papéis, mobílias de Lynch e muitos objectos interessantes foram entregues á repartição fiscal, bem como tudo quanto poudo ser subtraído ao saque, allás rapidamente comprimido. A habitação de Lynch estava atulhada de trastes ricos, porcellanas, camas douradas e possuia até um piano em bom estado. No pateo fez-se uma excavação de onde sahio grande quantidade de vinho delicado e licôres" Ao encontrar no archivo de meu Pae o album de Elisa Lynch que constitue o assumpto deste artigo e verificando que ainda em junho de 1869, dous mezes antes da queda de Perebebuy, nelle escrevia o Ministro dos Estados Unidos, Mac Mahon, uma longa poesia, quero crer que tal album tenha sido arrecadado entre os papéis dilacerados e avariados a que se refere o trecho que transcrevemos, e tão afanosamente revistados.

Angariou o escriptor, então uma boa copia de documentos e sobretudo numerosos jornaes paraguayos formando valiosa colleção, offerecida, alguns mezes mais tarde, ao Instituto Brasileiro.

O que resta do album vem a ser um caderno de papel não pautado de grande formato e bordos dourados (24 centimetros de largura sobre 35 de comprimento) separado da capa, de papel mais grosso e recoberta de seda azul ferrete. Ha evidentes signaes de que numerosas folhas lhe foram subtraídas e que o caderno assim como está devia, outr'ora, achar-se dentro de alguma rica pasta ou envolturo qualquer. Na sua lombada notam-se vestigios dessa encadernação, provavelmente arrancada por algum soldado avido que ao conteúdo não ligou a menor importancia.

Conta o album, agora, doze folhas em branco e dez onde ha escriptos assignados por seis personagens diversos: os ministros americanos Washburn e Mac Mahon, prussiano F. von Gulich, o delegado apostolico Marino Marini, arcebispo titular de Palmyra e seu auditor del Vecchiò e um agente dos Lopez nos estados do Prata Juan José Soto.

Numa folha existem algumas linhas tão apagadas que é impossivel a meu ver reconstituil-as.

Curiosa e interessante a figura de Elisa Alice Lynch! a quem certamente, em grande parte, deveu o Paraguay o seu aniquillamento. Quanto seria desejavel que se resuscitasse a personalidade da mulher que soube fixar os amores volúveis de Lopez, muito embora as suas continuas aventuras de toda a especie — desde o estupro de donzellas e a violentação de mulheres casadas da sociedade paraguaya até a crapula mais baixa com infimas proletarias — o afas-

tassem, por algum tempo da favorita. Fechava Elisa Lynch os olhos aos deamandos do amazio e d'ahi talvez, dessa complacencia da mulher que sabe perfeitamente que tem o homem preso pela pelle, segundo a tão energica e feliz expressao franceza, dessa tolerancia pelas incursões no terreno da infidelidade, talvez lhe houvesse vindo o prestigio enorme. Tinha Lopez caprichos, serios caprichos, alguns duradouros, mas a mulher a quem amava realmente, a mulher que o governava era Elisa Lynch.

Não é nossa pretensão estudar a personalidade da famosa inimiga do Brasil; não nos parecem deacabidas neste artigo, porém algumas referencias á "voluptuosa sultana que de uma mancebia da moderna Athenas passou a viver reclinada em um leito de prazeres, graças a um filho soberbo das selvas paraguayas, que a deslumbrou com os raios de ouro de um porvir de gloria e de grandeza apontando-lhe embriagada de orgulho e de esperanza, o throno da Assumpção." na phrase do publicista argentino Heltor Varela.

Pouco conhecido entre nós é o curioso livro deste escriptor sobre a amasia de Lopes II, a descripção de uma viagem ao Paraguay em 1856 quando Francisco Solano occupava a pasta da guerra, sob as vistas do pae, Carlos Antonio.

Publicado em Buenos Aires, no anno de 1870, sob o pseudonymo Orion constitue valioso documento sobre a vida paraguaya, nas immedições da grande catastrophe de 1865-1870.

Privou Varela familiarmente com Elisa Lynch, a quem votava desprezo pois não perde occasião alguma de lhe chamar lorette e lhe lembrar a ligação irregular.

No prefacio faz-lhe uma pequena biographia antes da chegada ao Paraguay: Filha de paes modestos, linda e muito culta, resolvera um bello dia abandonar os paes sem que os rogos e lagrimas destes a detivessem.

Desmandou-se, cansou-se da vida desregada, casou-se, e dentro em pouco foi a mais infiel das esposas. "Teve um amante, teve dez, até que as lorettes parisienses a vissem entrar no templo de suas orgias coroadas de belleza e de brilhantes."

"Se entre ellas não foi a soberana nem por isto deixou de ser sempre uma mulher da moda festejada e tendo constantemente em torno de si uma roda de adoradores. Da alcova de um Príncipe levou-a um Lord a viajar; fez furor entre as Honnes de Baden Baden captivou a attenção do cardeal Antonelli em Roma, humilhou o orgulho de um Tenorio afortunado em Madrid, explorou, sem commiserção alguma a um rico banqueiro de Londres até que dominada pelas qualidades de um joven vivilhano delle se enamorou perdidamente aem que, no entanto, conseguisse, nem pela formosura, maneiras ou talento, vencer o desprezo que elle retribuía.

Foi nesta situação, triste para o espirito, desesperadora para o amor proprio de mulher, que encontrara Lopez. O que lhe havia succedido, em relação ao Sevilhano, aconteceu ao paraguayo. Apaixonou-se elle por Elisa.

Esta depois de conhecer ao general das selvas americanas e de relance descortinando o futuro que se lhe antolhava ás ambições, prometteu-lhe a fidelidade de um coração virgem; conseguiu imporse-lhe á vontade, obrigou-o a viajar em sua companhia para melhor estudal-o na intimidade de um trato constante, e quando, satisfeito o amor proprio, poudé vangloriar-se da facil conquista abandonou os habitos do passado licencioso veio plantar a tenda de peregrina na morada sombria daquelle que mais tarde devia dar-lhe a cerviz de um povo, por degraus de um throno.

Companheira de Lopez nas bacchanaes de Pariz, tambem o foi nas orgias sanguinolentas do Paraguay, no meio das quaes appareceram sempre unidas estas duas figuras sobre cujas cabeças pousam as almas de milhares de victimas, muitas das quaes ella poderia ter arrancado do martyrio se em vez de estimular os ferozes instinctos do amante, se houvesse inspirado no exemplo daquelle sublime Esther da Biblia".

Conta Heltor Varela que ao passar por Buenos Aires, após o sinistro de Aquidaban lhe disse Elisa: — "Se o seu livro não me ultrajar, se me não pintar como a mais perversa e sanguinaria das mulheres, fique certo de que não encontrará echo" ao que lhe retrucara elle: — não penso escrever um livro destinado a satisfazer aspirações de quem quer que seja, nem as dos que em V. Ex.ia vêm a mais infame das mulheres, nem a ambição daquelle que, pelo contrario, encontram uma excusa para todas as faltas da conducta de V. Ex.ia., ao lado da do Marechal Lopez. Limitar-se-á minha conducta a expor factos de uma authenticidade que ninguém possa derrocar. Serão estes feitos os julgadores de V. Ex.ia."

Intentava o biographo escrever tres volumes: tratava o primeiro da sua viagem á Assumpção em 1856, anno em que pela primeira vez viu a sua heroína; destinava-se o segundo a relatar as suas aventuras de corteza antes da ligação com Lopez; o terceiro a historia de sua vida durante a campanha do Paraguay. Cremos que tal plano se não completou, acem nos informou o erudito Vieira Fazenda; os dois volumes não eram tão facéis de composição quanto o primeiro: multiesimo longe disto.

Ficou o livro de Orilon, assim mesmo muito interessante para nós outros, brasileiros.

Tratando-se de uma obra estrangeira muito pouco ao alcance do nosso publico em geral, e allás hoje esquecida por assim dizer, seja-me permittido resumil-a rapidamente. Ha de perdoar-me o leitor a digressão pois lhe trará algumas compensações aerias.



Que idade teria Elisa Lynch em 1870? Indaga Heitor Varela ao encetar o seu primeiro capítulo. Indiscreta pergunta, de difficilissima resposta! Jurava ao seu biographo a interessada que naccera em 1834, mas este, como historiador inflexivel declara peremptoriamente que no minimo pretendia ella escamotear um lustro, fixando 1828 para a entrada provavel no mundo da "gran Loretta de los amenos sitios de Paris y la leona de Regent Street, levantaña en el Paraguay á la categoria de una Reina, por el que, no habiendo se contentado com llenar el mundo con el ruido de su barbarie, lo ha querido llenar tambien con el escandalo de sus amores e la voluptuosidad de sus deleites".

Singular e tremendo rol o desta cortezá na immensa tragedia, "en que su arrogante figura de mujer se destaca pisando los cadáveres de una generacion entera, aterrada por los gritos de un millar de criaturas, que contemplaron inocente el fusilamento de sus madres infelices, que quizá ella pudo arrancar á su verdugo, amansandolo como se amansan las fieras, con una caricia".

Deixada em branco esta questão da idade, para ulterior solução, occupa-se Heitor Varela em descrever a sua viagem á Assumpção em busca de boas ares para restabelecer a saúde compromettida. Corriam dias de setembro de 1855 e a anarchia assolava o territorio da Republica Argentina.

Fez a intolerancia partidaria com que o viajante, vulto politico, de destaque, nas luctas causadoras da queda de Rosas, não ousasse visitar as cidades marginaes do Paraná dominadas por adversarios, senão depois que as autoridades lhe mandaram offerecer todas as garantias. Numa parada para que o vapor pudesse tomar lenha e reparar avarias encontrou Varela, num lugar miseravel e deserto, certa dama mysteriosa de nobre nascimento, e fulgurante belleza filha de um Marquez francez que lhe fazia as vezes de Pae e era tambem um fidalgo dotado de grandes virtudes, alem de real sciencia.

Dezenas de paginas de insupportavel prolixidade gasta o escriptor com o romance de Maria; pois assim lhe chama, cheio de incidentes complicadissimos, e inverosímeis muitos della. Merecera Maria não só a attenção como a benevolencia de Elisa Lynch, quando esta cruzara aquelle trecho selvatico da Argentina e os elogios por ella feitos á amante de Lopez incenderam os desejos do informado, em conhecer tão famosa pessoa. Pouco depois entrava o vapor em aguas paraguayas e começava a manifestar-se o regimen dos Francias e Lopez na sua ferrea feição.

Nas Tres Bocas, surgia pela proa do vapor, numa canoa, certo funcionario do governo paraguayo, a frente de uma patru-

lha de soldados descalços. Perguntou logo aos passageiros: **Acatan ustedes al Supremo?**

Continuando rio acima cruzou o navio as fortificações de Humaytá onde trabalhavam milhares de operários, dia e noite, convertendo o estreito passo na formidável praça de guerra que chegou a ser.

O official da guarnição de Humaytá que foi a bordo conferir a lista de passageiros tinha ares de um Murawieff, despachador de infelizes para o knut e a Siberia, e com prodigiosa insolência negou o desembarque aos viajantes.

Afinal chegou o escriptor a Assumpção, A capital da terra "convertida por Francia, primero, por su sucesor, despues, en la cárcel imensa de una nacion, que prostrada, abatida, sin derechos ni garantias, sin consciencia de su personalidad augusta, vivia como la China, cerrada al bullicio del mundo. La vida del Paraguay tenia para mim lo sombrío de un drama espantoso y lo festivo de una comedia ridicula. En ambos extremos los protagonistas eran los mismos: Francia y Lopez." Um ajudante de ordens, do general Lopez, Francisco Solano, então Ministro da guerra subiu a bordo do Uruguay afim de saudar a Varela, circumstancia que causou grande impressão aos viajantes; offerecia Lopez hospedagem que o publicista argentino recusou.

Depois de rapida passagem pela alfandega foram os recém-chegados a Policia onde um coronel, de camisa e cerculas, entre observações grosseiras e ameaças, leu-lhes curiosissimo regulamento policial:

Art. 1.º — Queda prohibido hablar de politica de las Provincias de Abajo (Rep. Argentina) por no importar-nos lo que por alli paea.

Art. 2.º — Queda prohibido andar del brazo por las calles de la capital.

Art. 3.º — No se podrá asistir a ningun baile ó diversion publica, sin licencia previa de la Policia.

Art. 5.º — E' absolutamente prohibido transitar ó paasar delante el Palacio de Gobierno, habitado por el Supremo de la Republica.

Art. 6.º — No se podrá entrar ó salir de la capital, sin una licencia de la Policia.

Art. 7.º — Toda vez que en el transito se encuentre el carruaje de S. E. los transeuntes se detendran y sacando-se el sombrero lo saludaram con todo respeto.

Cuidado con no respetar el Reglamento! disse despedindo-se dos advertidos o mal enroupado funcionario.

Apenas alojado foi Varela visitar Francisco Solano Lopez. Uns amigos argentinos, residentes em Assumpção, entre outros o conselheiro lhe haviam contado o que de sobra sabia allá: estava Lopez per-

didamente enamorado de uma inglesa, linda mulher, altiva e orgulhosa, com quem era de grande vantagem entreter as melhores relações.

Pareceu-lhe Lopez elegante, com maneiras naturais, desembaraçadas. A physionomia, tinha-a sympathica e expressiva. Acolheu-o amavelmente e apenas lhe disse maliciosamente: Para uma alma como a de Ud. nuestro aire debe ser demasiado pesado. No teme, pues Ud. que la espantosa tirania paraguaya pueda tener influencia sobre eu espiritu, acostumbrado á la encantadora libertad de su Patria? E sublinhou muito as palavras. Agradavel correu a entrevista comtudo retirando-se o escriptor argentino com muito melhor impressão do interlocutor do que a que esperava.

### III

Curiosa feição a da capital paraguaya, em 1856!... Sabindo o passeio pela manhã admirou-se Varela do que lá vendo. Um dos primeiros encontros teve-o com um velho em fraldas de camisa que á porta da rua tocava o violão. E não era outro o pouco cerimonioso personagem senão o bispo do Paraguay!

— E não falta aqui quem o tenha visto em trajos mais summarios! Observeu o cicerone do viajante portenho.

Pelas ruas, bandos de mulheres iam ao mercado tendo apenas uma leve anagua sobre o corpo. Innumeros meninos e meninas, alguns de treze e quatorze annos vagueavam totalmente nus, circumstancia que o calor suffocante parecia em parte desculpar.

"Não havia duvida, reinava no Paraguay profunda aversão a se queimarem palmas nas aras do pudor. Um passeio com senhoras não era dos mais amenos nem poeticos". Ao regressar á casa soube Varela que Elisa Lynch mandara dar-lhe as boas vindas. Retribuindo a gentileza, á noite pagou-lhe a visita.

Morava a amasia de Lopez numa casa luxuosamente arranjada, chela de boules e aubussons, quadros, porcelanas e bronzes. Como ficasse só no salão deteve-se a examinar os cartões de um porta-cartões, constantemente lhe passando sob os olhos os nomes dos diplomatas acreditados no Paraguay e os dos mais illustres politicos platinos. Afinal appareceu-lhe a corteza: alta, esbelta, cutis alabastrina e admiravel, soberbos olhos azues, cabellos lourocastanhos, mãos e pés pequeninos e perfeltos, um conjunto de belleza e volupia. Não se lhe daria então mais de vinte e seis annos nem se daria que experimentara os tranzes de uma vida sensual e desregrada.

Longa conversa entretive com o escriptor cuja franqueza ao lhe dizer que lhe ignorara a estada em Buenos Aires, a principio não lhe agradou. Fez a apologia da mulher inglesa, como amante

apaixonada, querendo contestar um preconceito corrente, tudo isto em presença de um personagem mulato e mudo, com ares de espião ou esbirro. Falava o francez com grande pureza e correção demonstrando, ao mesmo tempo, um espirito muito vivaz e prompto; comprehendeu Varella, ao admirar-lhe a intelligencia superior e a formosura, quanto fora facil á antiga lorette apozar-se do homem rudimentar que era Francisco Solano Lopez.

Commentando o escriptor esta visita com os amigos e compatriotas residentes em Assumpção, affiançaram-lhe estes que Elisa não o teria recebido em casa se o amante não lh'o houvesse aconselhado. Tinha Lopez sempre alerta o tal esbirro e só manifestara ciumes violentos de um paraguayo: Carlos Saguer. Gostava de experimentar a fidelidade da amasia, mandando que recebesse em casa estrangeiros, sobretudo, aquelles que julgava poderem impressionar fortemente uma mulher. Logo depois pagava Lopez a visita do publicista argentino. Vestido com o maximo apuro não perdia ensejo algum de fazer notada a pequenez das mãos e dos pés, de que parecia ter a maior facilidade. Falou muito da sua viagem e estada na Europa, da politica sul americana, accusando, acerbamente o Brazil de pretender absorver o continente. Como ajudantes de ordens levava officiaes superiores. Viu Varela, nauseado, dous coroneis do exercito paraguayo, um a lhe segurar o cavallo e outro o estribo para que cavalgasse!

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY



## MEU PARENTE

Solteiro, sózinho, creio derivava d'esta circumstancia meu extranho devotamento aos raros parentes que longe em longe se me deparavam aqui ou além. Vivendo, devido ao meu cargo publico de modesto magistrado, distante dos meus, entre desconhecidos e indifferentes, em uma cidade a que apenas me prendiam frouxamente os laços das funções profissionaes, era um faustoso dia, que merecia ser assignalado com uma pedrinha branca, o em que me apparecia algum parente, embora remoto. Procurava-o; offercia-lhe meus prestimos e minha casa; prazerosamente, em palestras interminaveis, dava-me a reconstituir com essa *avis rara* nossa arvore genealogica; evocavamos o passado, as figuras conhecidas, os mortos queridos, os folguedos communs, se os houveramos, enfim, realizavamos entre nós dois, embora passageiramente, essa communhão espiritual que cimenta amizades duradouras entre pessoas do mesmo sangue. (Hoje — como se muda! — hoje que vivo entre a parentalia, aturando-lhe as reiteradas importunações, evito-lhe o mais que posso a calamitosa convivencia).

Ora, vale a pena contar o que de uma feita me succedeu, por causa d'essa minha antiga balda.

Certo dia, ao voltar do Forum acompanhado pelo meirinho, que me carregava os livros, avistei-me com um individuo vulgar, de trajos de operario e feições um tanto repulsivas, o qual sahia de um "frege" muito ordinario, onde, pelos modos, estava hospedado. Soou-me aos ouvidos seu nome: Oriental. Tanto bastou para que eu tivesse um sobresalto. Esse nome era-me familiar. Cansava-me de ouvi-lo á vozózinha, quando ella se punha a desfiar reminiscencias e a lembrar parentescos. Oriental seria um meu primo longe, e em creanças convivemos quicá um pouquinho, jogaramos, talvez, juntos, o pinhão. (Não poderia affirmal-o; era bastante vago tudo que me acudia a seu respeito).

Mal ouvi aquelle nome, puz-me face a face com o homem, filando-o, ás mãos ambas, pela gola do paletó:

— Você chama-se Oriental?

Creio que o segurei com um certo desabrimento, porque o homem amarellou e retrahiu-se de corpo, como receando aggressão, e a voz tremu-lhe um pouco ao responder:

— Chamo.

— Não é filho de uma *sá* Maria... Maria o que, meu Deus! lá da Christina?

— Minha mãe se chamava Maria e era d'aquellas bandas.

— Pois está visto! E' você... E' meu primo... Oriental! não se lembra de mim, do Felix, do Felinho, com quem em menino você jogava pinhão?

— A modos que não me lembro...

— Ha-de se lembrar. Ora você, por estas alturas! Venha de lá um abraço e conte-me como deu com as costas aqui...

A esse ponto, Oriental já estava livre do susto; quando se viu tambem livre do abraço, que foi longo, e ponde falar desimpedidamente, disse-me que era pedreiro e andava de terra em terra, pelo gosto de mudar, trabalhando em seu officio.

Pedreiro! Torei um ponceo o nariz. Mas afinal — disse comigo — podia ser o que fosse. Um parente decahído de fortuna e condição não é um ente indigno que devamos repellir; ao contrario: merece-nos toda a commiserção e apoio. Não devia rexr-me de apertar nas minhas uma mão callejada no trabalho, e em dizer ao dono d'essa mão: "Somos do mesmo sangue".

— E a familia, Oriental? perguntei. Onde deixou a mulher, os filhos?

Não tinha filhos; e, quanto á mulher, vivia largado.

— O quê, santo Deus! Pois a prima...

— Aquillo era uma bisca muito ordinarial disse-me elle desenvoltamente.

— Oriental! retruquei-lhe com energia. Meça suas palavras, pois bem vê que não estamos sem testemunhas! E sabe que esses segredos de familia...

Dei-lhe de olho significativamente, mostrando-lhe o meirinho parado perto, a segurar a peneira de livros.

A confidencia não foi além; mas o pouco que eu sabia já me enchia de consternação. Largado da mulher! Que vexame para nossa familia!

O peso da fatalidade derrubou-me a cabeça sobre o peito e nessa postura conservei-me alguns instantes. Mas a felicidade que me causava o achado precioso que fizera naquelle dia, espaneou de prompto a passageira sombra. Então disse cordialmente ao primo Oriental:

— Agora basta de conversar na rua. Desde este momento considero-o meu hospede. Toca para casa.

— Mas é que...

— Nada de objeções! do contrario levo-o debaixo de vara. Alli está o official da justiça para cumprir-me as ordens. Vamos!

E, assenhoreando-me despoticamente do seu braço, levei-o á sirga para meu conchego de solteiro.

Se ainda lhe ficava um resto de irresolução, este resto cahiu de prompto com o carinhoso acolhimento que lhe fiz em minha casa. Installei-o no melhor quarto. Recommendei a meu moleque *factotum* prodigios de culinaria. Exigi de Oriental que me tratasse de você, animei-o de quantos modos m'o suggeria o espirito de hospitalidade, procurando calar-lhe fundo, de modo immarcessivel e reconfortante, a impressão de que estava em sua casa, de que alli era um prolongamento do lar remoto, se é que distante, onde quer que fosse, ainda lhe restava um palmo de logar a que pudesse dar aquella denominação.

Se no principio elle usava de cerimonia, nesse dia e nos successivos lh'as fui tirando uma a uma pelo modo summario com que se chapota um ramo. Felizmente Oriental possuia uma assombrosa faculdade de adaptação, que me simplificava consideravelmente a tarefa. Em menos de uma semana já elle mandava alli mais do que eu, fazendo o horario das refeições, das quaes regulava o cardapio, utilizando-se de meu guarda-roupa, remexendo em meus papeis, saqueando minha caixa de preciosos charutos, enfim, sentia-se absolutamente á vontade. Eu regozijava-me com vel-o assim tão de casa. Alvicareiramente communiquei a noticia do feliz achado aos parentes de longe com quem me correspondia, pedindo-lhes que imitassem um dia o Oriental, dando-me o prazer de uma visita. Realizava então pela primeira vez o meu ideal de ter em minha casa, convivendo commigo, uma pessoa do mesmo sangue. Um parente! Um ente a quem eu podia dar o doce nome de primo! Sua presença alli acarretava toda a sorte de suggestões agradaveis. Era o passado que de novo se fazia presente, era uma porção de reminiscencias queridas revivescendo, saudades da vovózinha que se fôra e de meus paes que conhecera tão pouco. Ah! eu havia de segurar avaramente alli, como quem se cose a um thesouro que lhe custou achar, aquella creatura de especie infima, sim, mas cuja presença resuscitava em minh'alma mimosas recordações.

Nunca poderei olvidar a doçura de nossos prolongados serões, quando nos reuniamos na sala de jantar e evocavamos, até muito pela noite dentro, figuras e acontecimentos do passado. Cada um de nós dois desfiava seismatativamente suas reminiscencias,



serzindo-as com o intercadente estribilho: "Lembra-se? Conheceu? Você se recorda?"

O mau é que Oriental tinha uma memória detestável, um raio de memória que não o deixava recordar-se de coisa alguma. Não conhecia ninguém, não se lembrava de nada, não sabia nada. Nada! Por sua vez, elle só falava em creaturas estranhas para mim: o Nhano, a Chica do Quirino, o Quirino da Chica, o Anardino do Nastacio, nomes de gentinha, estava-se vendo. Em que pessima sociedade se creara o infeliz!

Uns dias depois de tel-o commigo, cogitei que não ficava bem sequestral-o egoisticamente em minha casa. Oriental precisava compartilhar das vantagens de minha posição social, e para isso era indispensavel que eu o apresentasse ás pessoas de minhas relações.

Confesso que no principio eu me acanhava um tanto ao sahir em companhia de meu decahido parente: sua roupa de riscado, seu chapéo furado, o cinto de lan, de côres carregadas, que lhe segurava as calças... Envergonhava-me, sim! para que negal-o? Parece que nesses momentos havia em minha cabeça um diabinho zombeteiro que me dizia que meu parente era uma figura ridicula, e eu, dando-lhe meu braço, mais ridiculo ainda. Algo mais forte, porém, que os motejos desse diabinho, reagia dentro de mim — era a voz do sangue. Co'os diabos! fosse o que fosse, era meu parente, carne da minha carne, a quem eu devia levantar de sua condição humillima. E pensando assim eu me sentia menos desmantellado ao buscar com elle as casas das pessoas amigas. "Que seja risivel, dizia eu commigo, mas por isso mesmo pesa-me nos hombros a responsabilidade de educal-o, polil-o, facetal-o, de tirar da sua figura ratona de capadocio um homem decentemente civilizado."

E por isso, animado pelo mais louvavel dos intuitos, não me esquecia de fazer-lhe um pequenino sermão mais ou menos deste teor, cada vez que recolhíamos, depois d'um gyro de visitas:

— Olha, Oriental, precisas muito cuidado com as tuas minimas acções, quando estiveres numa sala. Não é bonito, por exemplo, ao entrar, metter o chapéo em baixo da cadeira. O chão, Oriental, não é lugar apropriado para nelle guardarmos um objecto destinado a ornar a parte nobre de nosso corpo. Quando te perguntarem alguma coisa, responde desassombradamente, primo, sem te acanhares, em vez de te pôres encolhido, com ar palerma, a coçar pulgas nas duas pernas; não é decente — e poderiam ainda pensar que estás com sarna e recearem apertar-te a mão laboriosa. Ao acabar de beber o café, não submettas a chieira a um movimento rotatorio para aproveitar o assucar do fundo; e, quando tiveres que affirmar ou negar alguma coisa,

não digas "nhor sim" nem "nhor não"; deves, preferentemente dizer...

E seguia por ahí além o decalogo para uso de meu parente Oriental.

Não sei — ai de mim! — se fui demasiado severo nesses começos; o certo é que de algum tempo em diante primo Oriental se poz a forjar pretextos para não sahir commigo, e poder dar sózinho os seus passeios do lado que entendesse e a salvo de minha activa e inexoravel fiscalização. Evitava-me, o ingrato! Tornou-se isto logo evidente para mim. E o evitar-me não era o maior mal, e sim as boas companhias que repudiava, para frequentar o peor elemento da cidade, o que havia de mais chinfrim. Passava horas nos botequins da cafagestada, onde se excedia nas libações, mettia-se em rodas de truque, buscava a convivencia de cabras avalentados de garrucha na cinta e chapéo batido e dançava em batuques da negrada.

Era uma quêda vertiginosa, que de dia para dia mais se accentuava. Principalmente a sua incontinencia pela bebida. Em casa chupou-me em poucas semanas a garrafaria de reserva, dava-me furo no alcool da lampada; fóra de casa, então, era a maior catastrophe; nos ultimos tempos voltava habitualmente bebedo aos penates, com o chapéo enviezado, cantando obscenidades; ou então, compromettendo horivelmente minha dignidade de magistrado, era preciso eu ir buscal-o ás peiores baiueas.

E se fosse só isso? Mas não! Momentos mais amargos ainda estavam reservados á minha sensibilidade de parente extremo. Pois um dia percebi que meu primo tinha um vicio hediondo — furtava. Inerivel uma degradação d'essas em nossa familia; mas era um facto. Depois de sua entrada em casa, começaram a desaparecer alguns objectos miudos. Um dia, não se suppondo elle observado, vi-o revistar os bolsos de um meu paletó, que estava no cabide. Achei natural o seu procedimento; procurava, talvez, phosphoros, e a intimidade de nosso trato autorizava-o a essas pequenas confianças. Mas desse momento em diante ficou-me no espirito uma suspeita, e, embora eu relutasse contra um mau juizo tão deprimente para meu querido primo, puz-me irresistivelmente a observal-o, a espional-o, chegando a preparar-lhe pequenas armadilhas comprobatorias, por exemplo, deixar a carteira aberta sobre a mesa, como esquecida, contendo importancia sabida de dinheiro. E elle cahia como um innocente em todas ellas.

No momento em que me convenci da triste verdade, senti-me profundamente infeliz. A fatalidade esmagava-me de novo. Que mancha feiissima na familia, santo Deus! Seria possivel que uma pessoa do meu sangue, vergonteia do mesmo tronco, resvalasse a

uma tal degradação! Não podia concebê-lo. Era uma nevrose, sem duvida; não passava de um caso de kleptomania. Meu primo era um anormal. Se alli houvesse um especialista de molestias mentaes, eu, sem hesitar, confiaria meu parente aos cuidados da medicina. Por minha propria iniciativa, fiz-lhe tomar ás refeições alguns tonicos phosphatados, quedando-me ansioso á espera dos beneficios resultados do tratamento.

Vã expectativa! A kleptomania de meu parente aggravava-se. Já me rosnava qualquer cousa sobre desmandos seus nos lugares onde bebia e jogava. Esse remoto sussurro foi-se definindo em accusações definidas. Dois mezes após sua entrada em minha casa, não era mais segredo para ninguem da cidade, nem para mim, que Oriental era amigo do alheio, e que, se ainda não havia sido autuado, devia-o á muita consideração do delegado pela minha pessoa. A policia tolerava-lhe as falcaturas, na esperança de que eu lhes puzesse cõbro. Tentei-o, na verdade, mas o meu mallogro foi completo. Creio que não me restava a mais minima parcella de força moral sobre meu infeliz parente. Se lhe ralhava com severidade, elle ouvia-me sorrindo, ou punha-se a disfarçar, muito isento, como quem não ouve; eu ameaçava-o com policia e prisão — e ali elle desfechava uma risadinha sarcastica, infernal, e cravando-me os dois olhinhos accessos em malicia, dizia-me á guiza de desafio:

— Ficava muito bonito para um juiz municipal ter um primo na enxovia. Vamos! Mande-me para lá, se for capaz!

E eu — cobarde que era! — baixava a fronte e silenciava.

Uma vez pilharam-no a pular a cerca de um quintal alheio e foi preso. Quando o soube, corri em seu auxilio, chegando a tempo de tiral-o das mãos da escolta. Fôra quasi a realização de minhas ameaças. E pensam que com essa primeira lição elle se atemorizou e se corrigiu! Longe d'isso! O bandido contava certo com a impunidade, tinha absoluta confiança no meu devotamento, e continuou a praticar as maiores torpezas, atassalhando de modo irreparavel a sua e a minha reputação.

Como se vê, achava-me á borda de um precipício — e taes fossem os futuros successos, não seria difficil baquear de todo meu prestigio, completando-se o desastre com a perda de meu emprego. Oriental tornara-se o problema torturante de minha vida.

Ora, foi exactamente a esse momento tragico em que minha situação se me antolhava de todo em todo insolúvel, que o mais suave dos desenlaces veio libertar-me desse horrivel pesadelo, restituindo á minha vida a luminosa serenidade dos outros tempos.

O facto succedeu em dia que começara aziago. Achava-me em casa, a cogitar tristemente na vida, quando me entrou portas a dentro, muito nervoso e impaciente, meu collega delegado. Antes que me recobrasse da surpresa da visita e de suas maneiras insolitas, foi elle dizendo:

— Olha, teu parente Oriental acaba de fazer mais uma das suas proezas. Arrombou o mangueiro do Gomes e furtou uns leitões. Ao fugir com a bacorinhada ás costas, foi agarrado pelos camaradas do criador, que o entregaram á policia. Teu parente está-se tornando um escandalo intoleravel na cidade. Estou por aqui com elle (gesto de mostrar a garganta), tantas as reclamações que causa. Devido a elle acho-me a pique de perder o somno, o appetite e o socego, tres dons inestimaveis que eu não alienaria por nenhum prego.

— Por piedade, meu amigo!

— Por esta vez, sim, mas será a ultima. Vou mandar trazel-o aqui e entregar-t'o em mãos proprias, para que lhe dês concerto. Aconselha-o, deporta-o, bate-lhe... Emfim — por esta derradeira vez a applicação da penalidade fica ainda a teu cargo.

Disse, e retirou-se de sopetão, como entrara.

Admiravel coincidência, que até parece coisa romancesada! nesse instante preciso o carteiro atira-me pela janella o maço da correspondencia, entre a qual vinha a carta de um parente de longe, que trazia este topico:

"Estás enganado. Esse Oriental cuja estada ahi nos communicas, não é nada nosso; o verdadeiro Oriental nosso parente, o que tu e eu conhecemos, mora aqui actualmente, convive comigo, e manda-te lembranças, promettendo fazer-te breve uma visita para que o fiques conhecendo, e não te confundas com o primeiro lagalhê do mesmo nome que appareça ahi p'r'esses lados."

Póde-se por isso avalliar a grande isenção de animo em que d'ahi a espaço me foram encontrar as praças que comboiavam meu pseudo-parente.

Da porta da rua fizeram continencia, e uma dellas disse, apontando Oriental:

— Snr. dr., aqui está o primo de V. S.<sup>a</sup>, que o dr. delegado mandou trazer.

Encarei Oriental. Apresentava a cara mais desbriada, mais cynica do mundo.

— Ladrão! ladrão de poreos! disse-lhe eu severamente.

O patife, sem nem por sombras cogitar de negar, limitou-se a responder com uma risadinha satanica.

— Não se envergonha de ouvir-se accusar de uma acção tão vil, Oriental? Então de nada serviram meus conselhos? minhas reprehensões? minha criminosa tolerancia?

Reiteração da risadinha sarcastica.

— E ainda ri? prosegui eu, com vehemencia pathetica. Pois bem! Como estão agora acabados os meios suasorios, você vai ser castigado.

E voltando-me theatralmente para as praças:

— Roubou, não é verdade? Pois o lugar dos ladrões é a cadeia. Podem levar-o.

Ante o inesperado d'essa attitude, Oriental amarellou instantaneamente.

— Não gosto d'essas brincadeiras, grunhiu em tom surdo, ainda sem acreditar.

— Podem levar-o! repeti eu, com autoridade.

— Bam'! disseram as praças a um tempo, tomando cada uma um braço do preso.

Vendo-as dispostas a cumprir minha ordem, Oriental voltou-se para mim fechando uma catadura ameaçadora:

— Ah! não é brincado? Quer então que eu descangique todos os podres de nossa familia? Pois hoje mesmo ponho tudo na rua, pensa que não faço?

Foi a minha vez de sorrir satanicamente:

— Nossa familia! Você julga, então, que tenho parentes de sua egualha, sr. vadio, jogador, cachaceiro, larapio?

Desabafei de minha longa humilhação chamando-lhe quanto nome offensivo sabia de cór. D'esta vez elle ficou positivamente tonto. Sua attitude, de ameaçadora cahiu improviso a suplicante, e foi com a voz cortada de medo, que elle me exorou, buscando resistir aos soldados que o levavam a reboque:

— Tem pena, Felix! Felinho! Pela nossa vovózinha! Pelos pinhões que jogamos juntos! Você bem se lembra, Felinho!

— Levem-no! Levem-no! repeti eu, inflexivel.

Foi para o xadrez.

No mesmo dia puz fóra de casa os seus cacarecos, e mandei lá dentro lavar, desinfectar tudo. E senti-me immensamente alliviado de me ver livre d'elle, da morrinha d'elle, da prima alliviado de me ver livre d'elle, da merrinha d'elle, da prima "bisea", do Nhano, do Quirino da Chica, da Chica do Quirino e o resto da enterva.

GODOFREDO RANGEL.

# CLARINHA DAS RENDAS

(NOVELLA SERTANEJA)

## I

No oitão de taipa do casebre — todo em rebôco, com o tecto de telhas vermelhas — riscavam-se, trifurcando-se, veredas alertas entre os arbustos das catingas, duas em aclave demandando a estrada de rodagem, e a outra, em descida, buscando a margem esquerda do rio que corria grosso, barrento, invernoso, a arrastar os florões verdes das "baronezas", catadupando mais á jusante, em lençóis d'agua, no parapeito da represa recamado de limo.

Na encruzilhada dos atalhes, para onde dava a saída, ao fim da tarde, Maria Clara, — Clarinha das rendas — vinha sentar-se perto da porta, na soleira de pão, pondo-se a desenhar no risco da almofada a alva e linda renda do seu casamento, traçando entre os dedos habéis os bilros tóscos de madeira.

Era a costumada tarefa quando já a roupa tinha sido colhida dos cedrouros e a criação agasalhara-se nos poleiros, com o sol no occaso.

Mais tarde, quando escurecia, o pae, o tio Zéca, estafado da labuta, vinha tambem descansar ali, estirando-se na relva, fin-



cando no sólo o cotovello para apoiar numa das mãos, aberta, a cabeça meio encanecida velada pelo estriado chapéo de carnauba.

A candeia de kerozene accesa no casebre, pendente de um esbibo, inflectindo uma restea de luz avermelhada pelo rectângulo da porta, dava ainda claridade aos olhos garços de Maria Clara para accrescer o seu delicado labor de rendeira.

Quando as estrellas vinham fazer a sua ronda nos céos, Raphael, no passo balanceado de sertanejo moço, chegava, no verdor alacre dos seus dezenove annos quasi feitos, na alvorotante felicidade da promettida que o acolhia, com a singela affeição dos rusticos, mostrando-lhe, antes de tudo, o avanço feito na renda pelo dorso do papelão da almofada labyrintada de alfinetes em riste-renda que era como que o laço a avisinhal-os dia a dia das nupcias visionadas.

Raphael, de estatura meã, grosso, thorax largo a medir os hombros abertos, era bem moreno a realçar os olhos azulados, uns olhos sempre a reflectirem um espirito que parecia encarcerado naquella formosa paysagem de sertão. O trabalho, porém, o não apavorava: os seus dias elle os vencia a guiar, de agulhão em punho, um carro de lenha, do brejo para as povoações servidas pela via-ferrea, estradas afóra, fustigando as juntas de bois encangadas, embalado pelo ranger monotono dos eixos apertados...

Em chegando acocorava-se ao pé da rapariga, e os tres iam discorrendo do que fôra feito naquella dia, cujo poente se amortalhava numa franja roxa, por traz dos montes empardecidos, lá longe, realçando a côr de sangue dos côrtes abertos nos flancos das serras por onde, num relampago, corria o trem, entre torvelinhos de fumaça.

Os dois haviam se promettido ha um punhado de mezeas: casar-se-iam pelo S. João. Bem perto vinha, pois ia entrar, cinco dias mais, o mez de Maria. Continuariam a morar juntos, ali, conjugando parcos haveres, num gesto prudente de solidariedade domestica e economica.

Raphael tinha assegurado o seu ganho de semana; o tio Zéca cuidava das suas rôças de milho, feijão, mandioca, trabalhando tambem em um engenhoso tórno na feitura de pequenos pilões,



vasos para pó de arroz, artefactos curiosos em madeira tenra e alva indo aos sabbados e ás quartas vender na feira, um quarto de legua adiante, os seus productos e as suas colheitas. Maria Clara, cuidava do amanho da casa, descia ao rio lavar as roupas, fazendo ainda as rendas da terra que eram a cubiça, o encanto das familias veranejando na cidade e que iam ao povoado em passeios longos sob o sol forte para eriar sangue novo. Da mãe, Maria Clara nunca vira o rosto, porque ao entrar Deus,

Naquella noite o tio Zéca estava numas das suas veias de expansão, não raras, Deus louvado. Elle as chamava, rindo, de "momentos de taramella". Essa loquacidade girava sempre em redor de cousas do passado, saudades de ancião, façanhas de moço, reflexo de saúde d'alma, de contenteza de plantador que via promissora a apanha e farta a invernia.

— Dos dias da minha vida neste mundo — escutem lá — o melhor pedaço foi a ida que eu fiz á capital. Andava por ali nos meus vinte dois annos bem tirados no matto. Nesse tempo o vapor nem inda chegava cá por perto. A gente ia nos lombos dos cavallo, serra para baixo, dormindo nos ranchos ou nas eatingas até topar com os trilhos do "vapor". Tres dias bem puxados num bandão de leguas. Quando meus olhos cahiram em riba do Recife, estava assombrado. Imaginem lá vocês o que aquillo é de boniteza, com um rio largo, com umas pontes grandes cheias de luzinhas, com umas casas ricas de gente apessoadas. E o mar!... Só para ver aquelle mundo d'agua que nem tem fim, vale a fadiga do caminho... Aquillo ronca, espuma, fica de todas as côres que só onça acuada. Um punhado de velinhas anda por ali que até parecem estar no chão: são as barcaças, como elles chamam. Nas praias as ondas se arre-bentam muito brancas como a roupa enxuga ao sol de Nosso Senhor. Lá no fundo, onde o mar encontra o céu, passam os bichões, uns brutos de vapores, com umas varas altas cheias de bandeiras, com as fumaças compridas, a perder de vista. Que bom ha de ser a gente ir por ali vêr os outros mundos!...

Raphael e a noiva escutavam attentos a voz cadenciada do velho. Ella, curiosa, porém sem maiores impulsos de vontade em deixar o seu rincão de terra, contente da sua sorte, sem



largas aspirações. O rapaz ficara a repassar na memoria as phrases do tio Zéca, cahindo numa sensação de desejo mesclada a um véo de melancolia mal ouvira falar do mar, esse gigante furta-côres, estrada sem termo a conduzir os homens ás terras mais distantes e fascinadoras, mar de que falavam embasbaçados todos os sertanejos vindos do littoral.

Elle crescera na choupana de uns tios, porque os paes haviam morrido das bexigas deixando-o bem pequeno. O tio vivera por annos na costa; embareara em barcaças, fizera longas rotas pelo norte, a negocio, e dessa vida marinha ficara-lhe a necessaria dose de recordações para só cuidar de falar della nos serões do matto, na roda dos matutos, serões que o sobrinho, ainda nos seus oito annos, ouvia curioso e sacudido de invejas. Quando se tornara rapazinho, a luta pela bocca, o trabalho concorreram para esquecer um pouco os sonhos da infancia agora despertos, estimulados pelo sangue ardente da puberdade, escutando o tio Zéca, o pae da sua enamorada. O mar, para elle, era a ribalta magestosa de todos os gozos, de todas as phantasticas maravilhas do mundo: a felicidade se lhe afigurava pertencer a quem se fosse oceano afóra, no dorso das vagas...

Quantos menos rudes pensam assim tambem!

No correr da noute poucas palavras mais balbuciou: as bastantes para acudir ás interrogações da noiva. Mais cedo que sempre erguen-se, reparou o tempo na marcha das estrellas, deu os "boas noutes" e foi-se atalho acima, gingando, a principio com rumo á casa, depois enveredando pelas catingas a passeio, enquanto Maria Clara, não de todo calma, reentrava no casebre carregando a almofada, deixando o pae a cochilar a costumada meia hora antes de se agazalhar nas dobras da rêde sustida pelos punhos nos caibros da sala de janta.

## II

O outro dia, um sabbado, escuro ainda, perto do amanhecer, despertado pelo hymno dos poleiros, tio Zéca ao peso das suas provisões de feijão e farinha, puzera-se em caminho para a

feira, afim de lá chegar com o raiar do dia, ganhando tempo para se instalar e estender o tóldo da sua barraca.

Mal clareara, Maria Clara sabia para o quintal espalhando às mancheias os grãos louros de milho para as galinhas que a enrodilhavam cocoricando, sacudindo ainda as azas, beliscando o chão, chamando as longas ninhadas, os lindos e vivos pintinhos de plumagem ambarina, saltitantes, piando, piando muito... Todo o terreiro alvoroçava-se com a madrugada, uma friorenta e branca madrugada de Abril, com o céu claro-azul, os serros esfumaçados de nevoa, as arvores espanejando-se voluptuosamente, e o sol morno a espreitar nos cabecos verdes das montanhas do levante.

Depois de cuidar da criação, a rapariga abraçada a uma trouxa de roupa, desceu o atalho ainda rociado de orvalho, por entre os arbustos vigorosos, cheirando a velame, emparelhando-se com outras mulheres que iam de rumo igual, cruzando tropeiros a pé e a cavallo, em demanda da feira, dando-lhes bons dias, até chegar á orla do rio avolumado e barrento.

Nas margens muitas lavadeiras já installadas zurziam as roupas ensaboadas de encontro aos bateleiros de pedra negra e lisa: umas tendo trazido os filhos pequeninos que dormiam, semi-nus, sobre o capim, com as barrigas dilatadas, para o ar. Dos banheiros de palha de dendeseiros vinha o ruído dos banhistas a chapinharem n'agua, quando por vezes o olhar malicioso e indiscreto não via, nadando fóra, um dorso feminino nu ou o roliço de um perna amorenada a debater-se gostosamente, no frio do banho.

Abaixo e acima, pelos caminhos, outras mulheres vinham buscar ou levavam agua em potes de barro equilibrados nas cabeças. Perto da ponte o gado descia para se desalterar de foinho baixado e avido.

Maria Clara tinha o seu canto predilecto, um pouco afastada de certas companheiras tagarellas ou doidivas, porque ali as havia de toda a casta: desde as bem vividas com seus maridos ou "amigos" às levianas, as que se gabavam de perturbar o sossego dos casaes, com as seducções nos sambas, nos "bois", na promiscuidade das catingas a horas mortas... Bem deixara de falar com a Carlota, uma mulatinha, amaneirada sem



recato, cujo pae morrera do "ar"—de uma congestão—por encontral-a certa noute em péccaminoso colloquio com o marido da Amelia, um bebedor habitual, conhecido por espancar a mulher que era tísica.

Na beira do rio, Maria Clara arregaçou as mangas do casaco, desnudando os braços até os hombros, prendeu entre as coxas a saia de chita azul, erguendo-a ao meio das pernas, e de coo-  
coras, começou a ensaboar uma velha camiseta de morim.

A filha do tio Zêca, na pujança sertaneja dos dezeseis estios, acaboclada, de olhos garços, madeixas escorridas e retintas, na elegancia despretenciosa das naturaes do sertão, menos bonita que sympathica, que o era devéras, tivera do pae a educação rudemente austera, o revestimento moral, a coragem espiritual dos velhos lares. Em menina chegara a aprender a ler com uma senhora da cidade, casada com o collecter, onde estivera a servir na arrumação. D'ahi uma certa ascendencia sobre os demais moradores de povoado, a quem lia cartas recebidas ou escrevia missivas encommendadas.

Em meio da tarefa, alvas peças de roupas estendidas no co-  
radoiro do capim, esquentando ao sol, Raphael surgiu de uma axinhaga approximando-se da rapariga que o acolheu admirada pondo-se de pé, levando as mãos á cintura:

— V. por aqui a esta hora? Está doente? Não foi trabalhar?

— Não. Nem preguei olho... Passei a noute rondando fóra...

— E por modo o que? Que tem V. na cabeça, homem? Botaram feitiço em cima? Desde hontem que eu reparei o seu geito exquisito... Que tem V. no coração?

— Nem sei; não ando bom...

— Isso é rabo de saia, Raphael. V. já não me quer bem. Está mudado...

— Lá está V. com choramingas, mulher. Enxugue esses olhos. Eu não sinto nada. Ouça lá: eu preciso é fazer uma ida na praça. Uns negocio...

— Que negocios, Raphael! V. está assanhado com as conversas de hontem de meu pae. Eu bem maldei isto.

— Pois é isto mesmo. Eu vou é ver o mar. Esse mundão d'agua que chega perto do céo, feito os urubus, bole cá comigo. Si eu não for ver eu morro....

— Santo Deus! Que foi fallar meu pae! V. no Recife, homem! E si V. não volta! Que ha de ser de mim! Tanta cousa bonita por aquellas terras!... Quem se lembra mais dos que ficam na tristeza destes mattos! V. não vá, Raphael...

Maria Clara prendeu-lhe as mãos num assomo de irmã mais velha, aconselhadora. O rapaz olhava-a commovido, vacilante, mas scintillando nos olhos o desejo de infancia renascido, indomavel, forte, o seu desejo de descer a serra como os outros, ver o mundo, ver o mar...

— Escuta, Clarinha. E' uma semana que eu fico na praça. Eu lhe juro. Volto sem tardança. Trago umas cousas lindas para o seu enxoval... O tempo corre como os veados: quando V. me sonhar por lá, eu já venho na ladeira de casa...

A rapariga traduziu a decisão do noivo, aquella aspiração que elle realisaria tarde ou cedo, e si havia de ser depois, casado, antes fosse agora, em tudo e por tudo.

— Si é tanto do seu gosto, eu não me importo. Fico é morrendo de saudades. Vá com a companhia de Nossa Senhora e volte logo. E para quando essa viagem?

— Para hoje mesmo. Eu vim conversar com V. por isto. O trem chega na estação perto do meio dia; vou mais o Antonio das Neves. O Joãozinho fica no carro fazendo o meu trabalho.

Ambos silenciaram uns minutos. Raphael apanhara do chão uns gravetos e quebrava-os nervosamente entre os dedos; Maria Clara entrouxara a roupa apertando o nó; desceu as mangas do casaco, soltou a saia, poz a trouxa á cabeça.

Puzeram-se a caminho, cabisbaixos, galgando a rampa do rio, retomando o atalho de casa.

No oitão estacaram.

Ella pousou a mão direita no hombro do rapaz, fitou-o seria e disse:

— Raphael, vá com Deus e se lembre de mim. Si V. ficar por lá é muito ruim... Está ouvindo?

Naquelle tom rustico e franco da sertaneja, mixto de carinho e ralho, silhuetava-se a alma sincera da rapariga, a nítida expressão do seu sentir e do seu affecto.

— Até a volta, Clarinha; reze por mim enquanto estiver longe.



Deram-se as mãos. Nem mais uma palavra, nem um gesto, nem um beijo.

Raphael desprendeu-se, olhou-a com ternura, subiu a vereda tufada de flores silvestres, lentamente, volvendo o rosto tres ou quatro vezes até sumir-se na fronde larga de um umbuzeiro.

Maria Clara, calcando a pena, seguiu-o com a vista, amparada na porta, numa attitude de pungente tristeza.

Quando reentrou em casa, angustiada, encruzou os braços na parede, enterrou o rosto entre elles e desatou a chorar...

(*Continúa*).

MARIO SETTE.



## NOTAS DE SCIENCIA

UM JUBILEU SCIENTIFICO —  
A QUESTÃO DO TEMPO — O  
CALOR SOLAR.

Esta primeira nota deve ser consagrada a um facto de relevo singular para os que, no Brasil, versam questões de sciencia: o cumprimento do primeiro centenario do nosso grande Museu Nacional de Historia Natural, installado no Rio de Janeiro.

Durante muitos annos o mundo sabio estrangeiro não recebeu outros documentos da cultura intellectual do Brasil, senão por intermedio dos "Archivos" do Museu do Rio, que nas livrarias revendedoras de Leipzig eram cotados, á vista dos ultimos catalogos, antes da guerra, ao preço de algumas dezenas de marcos por volume. Só o tomo VI, onde se encontram as melhores e mais completas observações até hoje realizadas sobre as jazidas prehistoricas da ilha de Marajó, e sobre a admiravel ceramica de lá desenterrada, valia cerca de 60 marcos...

Eram aquelles admiraveis volumes os mensageiros exclusivos da nossa cultura. Depois, com o desenvolvimento natural do paiz outros centros de estudos scientificos foram surgindo, não só na Capital Federal, como nos differentes pontos do territorio nacional, custeados pela propria União ou pelos Estados. As publicações technicas avultaram; e durante um certo periodo o respeitado orgão do Museu Nacional pareceu offuscado. E a verdade é que, durante aquelle tempo, o Instituto atravessava uma longa crise, por falta de apoio efficaz nas minguadas verbas com que seus serviços se realisavam. Hoje, depois da bellissima reforma dos seus departamentos technicos, posta em execução no Governo Nilo Peçanha pelo ministro Rodolpho Miranda, que nessa hora encarnou o espirito de um bandeirante da educação nacional, acha-se a velha e admiravel escola derramando seus ensinamentos pelos milhares de pessoas que semanalmente a visitam. Os "Archivos" voltam, de novo a suscitár a cubiça de todos os estudiosos.



Como escrever a geologia do Brasil, sem as magistraes memorias de Hartt, Dexby, Clark, Branner, ali contidas? Como estudar a botanica do Brasil sem o que ali se acha, devido ás pennas de Frei Vellozo, de Dusen, de Sampalo? Como tratar da Zoologia do Brasil sem conhecer os trabalhos, lá insertos, de Fritz Müller, Goeldi, Carlos Moreira, Miranda Ribeiro?

Como estudar as raças e os povos indigenas do Brasil sem compulsar os trabalhos de Peixoto, Lacerda, Ladislao Netto, Hartt, Ferreira Penna, Wiener, estampados nos "Archivos"?

Quanto ás collecções, se de muitos de suas falhas se pode ainda falar, contudo é licito hoje affirmar que ellas representam a maior e a melhor escola publica do país, tão brilhantemente se apresentam. Os sabios que a tem visitado, de Costa Senna a Nordenakjöld, reputam-nas modelares.

E' certo que alguns especialistas ainda se queixam, não encontrando sempre este, ou aquelle, exemplar da fauna ou da flora que lhes interessa.

Mas, é preciso levar em conta que o Estado não pôde até hoje manter senão o Museu-escola, destinado, sobre tudo, a educar o povo.

Um museu puramente pesquisador, destinado exclusivamente aos especialistas, teria de ser muito mais bem dotado no orçamento... E, convenhamos, do ponto de vista nacional o que se torna preciso, preencher na hora presente, é principalmente aquelle fim educativo.



Emquanto que a passagem de um dia para o immediato, na vida civil, faz-se á meia noite, para os astrônomos, e para os navegantes, ella se verifica ao meio dia. A bordo é preciso obedecer a essa dupla medida.

Usam o tempo astronómico, para calcular os dados da navegação; e o tempo civil para dispor dos momentos em que a existencia deve ser applicada aos misteres communs. Todos comprehendem quanto ha de desagradavel nessa dualidade. Ha muito que o tempo astronómico vinha sendo repartido de 0 horas a 24, enquanto que o tempo civil era contado de 0 a 12, diurnas e nocturnas.

Actualmente, porem, tanto um como outro são repartidos em 24 horas...

A confusão tornou-se ainda mais facil.

Para resolver esse caso, de que trataram ha pouco na Ac. des Sciences, de Paris, os Srs. Lallemand e Renaud, o "Bureau des Longitudes", de onde sai, annualmente, o celebre volume "Connaissance des Temps", indispensavel aos navegantes de longo curso, resolveu substituir ao tempo astronómico, o tempo civil, que já tinha

sido adoptado no annuario das marés. No volume, em preparo, destinado a 1920, essa transformação será realisada. Todavia, para todos os demais calculos astronomicos, o dia civil é rejeitado. Aliás os astrônomos allegam para isso razões ponderosas, com as quaes nada tem que ver a navegação. O mais serio de seus argumentos é que a adopção do dia civil viria perturbar a continuação de certas observações, que se vêm fazendo desde muito tempo.

\*  
\*  
\*

O Sol não é mais, para o "pequeno rei da Terra", como dizia Goethe, o luminoso deus que affastava o mal, segundo a concepção hellenica do Phoebos-Apôllon. Para os gregos a influencia benefica do astro cabia effectivamente a Apollo; a elle devia a vegetação a sua pujança, os fructos por sua influencia amadureciam e se carregavam de doçuras. Mas, como soberano senhor do que vive, por ser dono do calor, cabiam-lhe tambem as culpas de muitos maleficios; gerava as epidemias e seccava a agua dos rios. Todavia, por ter perdido aquella aureola poetica, não se viu privado do posto real, que a sciencia lhe reconhecesse como aupremo dono do calor necessario aos seres que vivem na terra. Alex. Veronnet, ha algum tempo, resumiu de um modo claro e frisante o que sabemos sobre o estado physico do Sol e sobre a origem do seu calor.

Admitte-se hoje que elle perde cerca de 2,5 calorias por grammado de seu peso. Esse calculo, baseado no conhecimento do calor que delle recebe a Terra, leva a suppor que, annualmente, o astro teria sua temperatura diminuida de 2°, 5 sejam 1900° em 400 annos. A temperatura da Terra deveria, dest'arte, baixar de 13° em cada seculo. Ora, isso não é real.

Apezar do calor que emite, o Sol mantem sua temperatura mais ou menos constante. E para explicar a regeneração do seu calor os sabios appellam para hypotheses chemicas e physicas. Para os que acreditam que o calor do Sol se origine de combustões e reacções chemicas, a hypothese de Briner fornece alguns argumentos curiosos. Segundo Briner os phenomenos que dão calor áquelle astro passam-se, não em moleculas, e sim, em atomos, ou mesmo em ions, que a sciencia admite sejam as ultimas divisões da materia.

De accordo com essas ideias e baseados no que se sabe a respeito da radioactividade, Briner procurou explicar o calor solar appellando para o radio, corpo cuja fama, por suas propriedades singulares, se popularisou rapidamente.

Um grammado de radio emite, por hora, 100 calorias. Basta, pois, admittir, no Sol, a existencia de uma certa massa de radio, para explicar a manutenção da temperatura do astro. Calcula-se que tal



quantidade não precisaria ser maior do que o globo terrestre, seja a 330.000.<sup>a</sup> parte do Sol...

Por outro lado, o radio, á medida que dispende suas emissões, vai desaparecendo. Anualmente destroem-se mais ou menos 1/3400 da sua massa. E, mesmo admittindo, como hoje se admittie, que o uranio se transforma, lentamente, em radio, ainda assim a theoria chimica de manutenção de calor solar seria apenas uma hypothese mal segura.

A Helmholtz cabe a paternidade da outra hypothese que se convencionou chamar theoria physica do calor solar.

E' hypothese antiga.

Admitte que o calor do astro se originou da condensação da nebulosa primitiva, de onde o systema solar derivou.

O calor é entretido pela condensação progressiva do astro.

Tem-se calculado que uma diminuição de 50 metros no diametro do Sol, basta para regennrar-lhe o calor perdido em um anno. De accordo com a theoria de Helmholtz, o Sr. Veronnet calculou que o Sol levou 2 milhões de annos para attingir seu raio actual e emittir o calor devido a essa retracção.

E' claro que a temperatura da Terra deve ter variado em função do calor do Sol. Assim, segundo os mesmos calculos, ha 1.400.000 annos a Terra tinha cerca de 124.<sup>o</sup> no Equador, e 100.<sup>o</sup> na latitudo de 40.<sup>o</sup> (Estados Unidos, ao Norte; Argentina, ao Sul).

E, como essas temperaturas não admittem a existencia dos seres organiceados, conclue-se que só proximo dos pólos a vida poderia ter apparecido.

Continuando a mesma serie de considerações, Veronnet admittie que dentro de 1.600.000 annos, o raio do Sol terá diminuido de 0,08, acarretando isso uma queda, em sua temperatura, que chegará a 500.<sup>o</sup>, quando ella é hoje de 6.000.<sup>o</sup>. Nesse tempo, a temperatura das regiões equatorias da Terra será 0.<sup>o</sup> O Amazonas será um mar de gelo... Os que vivem labutando naquelle clima de brazas bem desejariam que a retracção do diametro solar se processasse um pouco mais de pressa... mesmo com prejuizo das futuras gerações remotas.

ROQUETTE PINTO



## DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALENCAR <sup>(1)</sup>

MARQUEZ DE ABRANTES

Ingá, 1 de Fevereiro 1857

Illmo. amigo e Sr. Dr. Alencar,

Ontem á noite recebi o aviso cuja copia tenho a honra de oferecer-lhe junta.

Rogo-lhe especial favor de o fazer publicar, acompanhado d'alguma reflexão sua, em abono d'uma idéa philantropica, como a que consta do mesmo aviso.

Pôr a loucura do Carnaval ao serviço da Caridade Publica, não é, e nunca será idéa repugnante.

Conto com o seu apolo a favor della. Amanhã reunir-se-ha a Commissão. Não deixarei de dar-lhe conta do que fôr deliberado.

Como sempre

De V. S.  
amigo e creado certo  
Marquez d'Abrantes

FERNANDES DA CUNHA

Illmo. Sr. Dr. José Martiniano d'Alencar,

Na qualidade de 1.º Secretario do Conservatorio Dramatico Brasilleiro, fui pelo Exmo. Sr. Conselheiro Presidente encarregado de indagar o nome do autor da comedia em 4 actos "**O Rio de Janeiro — Demônio familiar**", que tendo sido ultimamente apresentada á censura do mesmo Conservatorio, mereceu os maiores elogios, tanto pela naturalidade do enredo, como pela elegancia do estilo, — signaes reveladores de um brilhante talento e não vulgar erudição.

(1) Vide a *Revista do Brasil*, de Janeiro, Fevereiro e Maio.

Cumprindo a determinação do Exmo. Sr. Presidente, tratei de informar-me á semelhante respeito, e afinal entrei na convicção de que a V. S. pertenciam os louros de tão assignalada victoria.

Rogo, pois, a V. S., por meio desta carta, que se digne permittir que eu communique ao Exmo. Sr. Presidente o feliz resultado de minhas pesquisas.

Acredito que V. S., para não ser egoísta, e até para não offuscar o brilho de um dos mais scintillantes raios da litteratura brasileira, prestar-se-ha de boa mente ao meu pedido.

Sou com a maior consideração

De V. S.

Att. Vener. e Cr.do

Antonio Luis Fernandes da Cunha.

Rio, 1 de Outubro de 1857

#### JOSE' AMARAL

Illmo. Sr. Dr. José Martiniano de Alencar.

Acabo de ler no Diario um artigo relativo ás nossas questões com o Paraguay e tomo a penna para agradecer a V. S. as palavras cheias de benevolencia com que naquella escrito me obsequiou.

Penso que, fora do nosso Gabinete, ninguém sabe o que se passou entre mim e o Presidente do Paraguay, porque o governo imperial tem guardado a esse respeito um silencio inqualificavel que deixa triumphante as calumnias publicadas pelo Sr. Lopes.

Requeri a minha aposentadoria e espero conseguil-a. Logo que vir livre das peias officiaes lá vou explicar ao publico todo esse negocio e tonsear o tyranno do Paraguay como elle merece.

No entanto devo dizer a V. S., em duas palavras, o motivo das queixas do Sr. Lopes contra mim.

S. E., depois de um mez de negociações durante a qual soffri muita grosseria, muito insulto e muitas allusões provocadoras relativamente á nossa pacifica expedição de 1855, negou-me de repente e sem motivo tudo quanto a muito custo já me havia concedido.

Nessa occasião devia subir para Matto Grosso o vapor Iaporá. Lopes queria obrigar-o a tomar pratico; eu entendia que á vista do tratado o vapor tinha direito de subir livremente.

Esta circumstancia deu motivo a uma discussão em que Lopes tratou-me como se eu fôra seu subdito. Para mostrar-lhe que o não era, del-lhe eu o ultimatum nestas palavras: — "Amanhã o Iaporá ha de subir sem pratico paraguay. Mande lançar-lhe balas se lhe parece isso facil".

No dia seguinte cumpri a minha palavra. Puz-me a bordo do Maracanan que estava prompto para combate de sentinella ao vapor paraguay Tacuan que podia dar uma abordagem ao Iaporá. Neste subiu para Matto Grosso sem pratico. O Maracanan esperou mais de uma hora pelas balas do Sr. Lopes e como até ás 9 horas ellas não appareceram desceu o Maracanan vagarosamente o rio e viemos em paz para o Paraná.

O governo imperial tem dado a Lopes uma importancia vergonhosa para nós. Estamos fazendo um papel tristissimo.

O Visconde de Uruguay deixou-nos triumphantes em Caseros em 1852 e nós temos retrogradado até ao ponto em que nos achamos.

Não me fio em cartas por isso não sou mais extenso.

Dê V. S. as suas ordens ao que se confessa com toda a consideração

De Vossa Senhoria  
Amigo e criado e obrigado

José Amaral

#### PARANAGUA

Meu amigo e Coll.\* Sr. Alencar,

Recebi a sua carta de hoje. Bem vejo os embarços com que devê luctar depois do grande revez que acaba de soffrer com a morte de seu Paê; faço plena justiça á sua dedicação e zelo pelo serviço: não precisa pois dar a explicação dessa pequena demora a que allude. Tão bem eu neste momento é que chego da audiência. Não sei se da Secretaria lhe mandariam as consultas resolvidas ultimamente para fazer menção das mais importantes. Ha alguns objectos que se prendem á administração da justiça, de que mandei tomar nota para o relatorio e que tambem se lhe devia ter mandado.

— Tem noticia de uma Consulta resolvida em 25 de novembro de 1857 sobre o procedimento de Parochos que casam menores sem consentimento de seus Pais ou Tutores? Talvez sirva para o projecto; mandei buscá-la.

Escrevo ás carreiras estes apontamentos sobre diversos pontos de que já tractamos. Sou

Seu amigo affeo e Colla

J. L. C.\* Paranaguá

19 de abril (1860).

#### BARÃO DE ITAUNA

Vienna, 19 de Novembro de 69

Ex.mo Am.\* e Sr. Cons.\* Alencar,

Estou longe, muito longe das terras da patria, mas um dia, ou talvez uma hora não se passa sem que ella e os amigos occupem meu pensamento. Leio aqui o que se passa em nosso paiz, e essa leitura que me põe ao facto do que ahí occorre deparou-me mais um motivo para fortificar mais e mais a estima que lhe consagro, e o distincto juizo em que sempre tive seu merecimento litterario. Receba pois um apertado abraço pelo seu magnifico discurso proferido no Senado em 3 de Setembro por occasião da discussão do orçamento da justiça. Como ficou pequenino entre as mãos do — Fadinho — o esbelto e bonito Sr. Zacharias!!!

Por tal facto meus cordeões parabens. Adeus, meu amigo, aqui para pouco lhe posso prestar; mande-me porém suas ordens, e verá que perto ou longe sou sempre com a maior cordialidade

Seu amigo e patricio do C.

Itauna

## ANTONIO HENRIQUES LEAL

Ilmo e Ex.mo Sr. Cons.<sup>o</sup> José de Alencar.

Desde que estou aqui desterrado pela enfermidade que me afugentou da pátria, que não tive mais o prazer de ler os primores escriptos da sua fecunda e brilhante penna, além da 2.<sup>a</sup> edição de *Iracema*, que me foi remettida por um amigo. Quizera no entanto ter a mão tudo quanto V. Exa. tem escripto, quer com o seu nome, quer sob o pseudonymo, e isso não só para dal-o a ler a alguns litteratos, como para matar saudades da pátria, tendo um pedaço della tão bem representado pelas esplendidas producções de V. Exa. para ufanar-me ainda mais de ser brasileiro.

Se lhe não parecer extranho e importuno este pedido, e acceder a elle, poderá entregar a collecção ao Sr. Antonio Henoch dos Reis, á Praça da Acclamação n. 29, que de certo m'a remetterá com toda a segurança.

Pedindo a V. Exa. mil desculpas, rogo-lhe considerar-me

De V. Exa.

Sincero admirador e Rev.te Cr.o

Dr. Antonio Henriques Leal

Lisboa, 19 de Dezembro 1871

## JULIO RIBEIRO

Campinas, 7 de Novembro de 1877

Ilmo Ex.mo Sr. Conselheiro José de Alencar  
Admiro-o, Senhor.

E basta.

Não sei dizer lisonjas, nem de lisonjas se paga quem se chama José Alencar.

Envio meu livro em homenagem ao pai do romance brasileiro. Si ha temeridade, merece perdoadá.

Julio Ribeiro

(Continúa)

---

## BIBLIOGRAPHIA

---

VULTOS DO MEU CAMINHO, por João  
Pinto da Silva — (Estudos e impressões de  
literatura) — Barcellos, Bertaso & C. Por-  
to Alegre, R. G. do Sul — 1918.

O autor revela-se um critico ensaísta de alto valor. Sua cultura, a sobriedade ponderada do dizer, uma sabla justa medida e um nota-  
vel senso da justiça aforam-n'o entre os analyistas da obra alheia  
male dignos de acato dentre os poucos vicejantes entre nós, onde a  
critica está virando "cavação" e tem sempre intuitos secretos. O  
sr. P. da S. abre o seu novo livro com um estudo do publicista  
uruguayo, José Henrique Rodó, de quem diz ser um deslocado "na  
atmosfera intellectual da America Latina: os seus livros docu-  
mentam um valor cerebral e qualidades fulgurantes de philosopho,  
sem antecedentes e sem equivalentes, mesmo agora, nesta parte do  
mundo, suspendendo-o, não raro, até o nivel dos maiores pensa-  
dores da Europa. Algumas das suas paginas fazem pensar em  
Maurice Maeterlinck. Atravéz do maravilhoso Emerson, liga-o, em  
verdade, ao admiravel ensaísta do *Tresor des Humbles* um vago  
parentesco espirital. Esta afinidade fragil, resultante de leituras  
identicas, não impede, é claro, que Rodó, com superioridade em  
estilo, em emoção e em poder analytico, se afaste, quasi sempre,  
de Maeterlinck na interpretação de varios enigmas psychologicos".  
Analysa-lhe o "Ariel", "Os motivos de Proteo", "El Mirador de  
Prospero" e "El altar de la muerte". Commentando a sua morte diz  
que o desapparecimento desse grande homem representa para a  
America uma desgraça enorme, só comparavel, sem exaggero, na  
ordem physica, a um phenomeno de geologia que lhe afundasse no  
Oceano um pedaço de territorio. Assignala a extineção do mais  
bello, mais original, mais completo, mais nobre temperamento de  
artista que já cresceu deste lado do Atlantico".

Em seguida estuda a personalidade de Vicente de Carvalho, de  
cujo poema "Roza, roza de amor..." diz que "indiscutivelmente,



encerra muitos dos melhores versos passionaes até agora escriptos em nossa lingua e alguns dos mais finos, mais fascinantes da litteratura universal". O terceiro ensaio versa sobre Cruz e Souza e o quarto sobre Euclides da Cunha.

A sua visão da personalidade euclideana figurará como um dos estudos de mais aguda penetração de quantos se tem feito sobre o genial escriptor, o unico entre nós que faz jus a este malbaratado adjectivo. Cita o facto de Lamartine pôr oculos verdes para ler P. de S. Victor, tanta era a luz que emanava da sua forma. Em Euclides este excesso exigidor de oculos, diz o critico, não é relativo ao excesso de luz, mas ao excesso de movimento. Porque em sua obra "ha o ruido, o tumulto vegetal sob o vento forte; ha o ribombo, longiquo ou proximo, das cataratas; ha o tropel dos animaes espancados, em fuga, e ha no meio de tudo isso, o homem que lucha isolado e miseravel". Este trecho dá medida do estylo e maneira de critica interpretativa do sr. P. da S., espirito dos mais curiosos, dos mais harmonicamente apetrechados — critico de letras como havemos mieter, não de um mas de muitos, que vejam largo e longe, e não percam o panorama do conjuncto pelo simples facto de sentirem-se mordidos no dedo mínimo do pé grammatical por um pobre pronomezinho mal collocado. Conclue o livro uma serie de outros estudos criticos igualmente dignos de ponderada leitura, sobre Emilio Verhaeren, Alcides Maya, Fontoura Xavier, Zeferino Brazil, Marcello Gama, Leal de Souza, Victor Silva e Octavio Mirbeau.

**GENTE ALEGRE**, comedia em 4 actos, por  
Emilio Kemp — Cunha, Rentzsch e C. —  
Porto Alegre — 1918.

Como diz o titulo esta comedia põe em scenas personagens da sociedade on l'on s'amuse, no Rio de Janeiro.

São gozadores da vida, rapazes e raparigas de vida alegre que passam o tempo a dialogar philosophias facéis, e gastam a vida gyrando em torno do que alguem chamaria a irritação epidérmica dos esfalfados. Toda a commerage dos boudoirs, o vazio da vida, a mentira galante, as illusões e desillusões amargas de quem procura nesse meio o que elle não pode dar, acha-se all, encenado com facilidade, embora sem o vigor de acção que é mister nas peças theatraes.

**A CINZA DAS HORAS**, Manuel Bandeira,  
Typ. do "Jornal do Commercio", Rio, 1917.

São 70 paginas de verso, em formato pequeno. Versos descriptivos e versos de amor, cheios de sensualidade. Se não denunciam um



poeta d'alto cothurno, capaz de determinar correntes, possuem, entretanto, as qualidades e defeitos medios da maioria dos nossos poetas actuaes.

No Brasil, hoje, ha em materia de poetas um grupo, meia duxia, de supremos; em segunda plana ha uma aristocracia de cem; em baixo formiga a plebe do milheiro. Bandeira reside entre os cem.

MUNDOS, Augusto Amado—Typ. do "Jornal do Commercio" — Rio — 1918.

São 220 paginas de alexandrinos e endecassylabos onde o poeta metrifca as suas dores, as suas desillusões e desenvolve a sua philosophia da vida.

Abre o livro dizendo o que são mundos. Tudo é mundo, a vida, a terra, os seres, o espirito, os sentidos, a vontade, os pensamentos, a consciencia, os sonhos. Expõe esta idea numa serie de 16 sonetos encadeados num fio commum. Em seguida estuda os aspectos de mundo interior, mundo exterior, mundo moral e mundo ideal, e conclue com um romance de amor.

SONS, Rocha Ferreira, Empr. Typ. E. O. "O Pensamento". S. Paulo, 1917.

Livro de versos. Traz no frontispicio o retrato do seu auctor com a seguinte nota "nasceu em Caçapava em 1917". Os nossos poetas adoptaram esta precaução para evitar o succedido a Homero, cujo berço foi disputado por sete cidades gregas. Tem a poesia do sr. Rocha Ferreira as qualidades e defeitos de quem principia a fazer olho doce ás musas. Suas inquietações, seus namoros, suas impressões da vida e das cousas, metrifca-as elle cuidadosamente, lançando mão de imagens já bastante vulgarisadas no uso corrente. Se já não está breve estará entre os cem.

PAN, Augusto Andrade— Imprensa Industrial — Recife — 1918.

Volume alentado que dá a impressão de não existir no Norte nenhuma crise de papel semelhante á do Sul.

Abre com o retrato do auctor, sem nota, porém, do nascimento; em seguida exara um Escudo onde põe uma citação de Musset: "La perfection n'existe pas; la comprendre est le triomphe de l'intelligence

humaine; la désirer pour la posséder est la plus dangereuse des folles. L'insensé veut posséder le ciel; le sage l'admire, s'agenouille et ne le desire pas". Offerece o livro a Bilac e a Alberto, "o Deus Pan da poesia".

Em seguida faz profissão de fé panthelista e revela-se no decurso da obra um sonhador delirante.

Na ultima pagina, autobiographa-se.

"Dentro do mundo vivo de ambrosias,  
De perfumes, de sons, de luz me embriago...  
Noites sem conta, intermináveis dias,  
Buscando um céu na terra ansioso vago..."

Minha vida tem sido manso lago  
De onda sonora e eternas calmarias...  
Sou todo amor, perdão, sorriso, e afago...  
Faço castellos, teço phantasias..."

E' portanto um poeta que rompe a cadeia dos nossos poetas desgraçados; sente-se feliz, e derrama essa felicidade em quem o lê. Fazemos votos para que crie escola.

OASIS, Lindolpho Xavier — J. Rib. dos  
Santos — Rio — 1917.

L. X. já é auctor de varios volumes, novellas, comedias, etc., e tem no prelo uma novella de costumes cariocas, um romance sertanejo e um "poema nacional", Esperança. Em prefacio expõe a sua concepção esthetica: "Não comprehendendo a vida sem ligal-a às suas tradições e origens. Não comprehendendo a arvore sem raizes, o edificio sem fundamentos, a estatua sem pedestal — Assim como as raizes penetram pelo interior da terra para beber a seiva que a alimenta na vida; assim como o castello se firma nos alicerces de pedra; e a estatua se alcandora no cimo do pedestal que, embebido no chão, a fixa e protege: assim o homem nos vendavais da historia se firma nas tradições. E' no berço, é na gleba natal que vamos buscar os fundamentos do nosso eu, como um tronco d'onde irradia a nossa personalidade. E' através dessas impressões, tal como o ralo de luz que toma as cores do vidro por onde se cõa, que nós julgamos os homens e o mundo, e formamos mais tarde a nossa arte e a nossa philosophia. Neste século de aeroplanos, em que se marcha para a desnacionalisação; em que surge o Esperanto como factor de nivelamento das linguas, e a arte avança para o Futurismo, enquanto o pensamento avança para a anarchia, como o batel desgarrado, a corrente do Nacionalismo aqui, como a do Enracinement em

França, em boa hora vem lançando as ancoras no fundo do mar revolto da idea moderna, como para prendel-a á tradição... Ligar o passado, com suas origens, ao presente, para preparar o futuro melhor, eis a continua elaboração humana". E assim, consequente com esta ideia directriz, L. X. põe na sua poesia a nota da terra. Por todo o livro perpassa o Brasil, a paisagem, a movimentação agrícola, o cheiro e o gosto do terroir.

**PELA EDUCAÇÃO NACIONAL**, por José Augusto — Typ. do "Jornal do Commercio" — Rio — 1918.

Apaixonado pelos problemas da educação o A. que tem assento no congresso federal, enfeixa neste volume uma serie de discursos pronunciados na Camara, onde analisa com superior criterio varios aspectos da questão. Reune esses estudos sob os seguintes titulos: "Liberdade de ensino e de profissão", Conselho nacional de Educação", "Regimen eleitoral e educação", "A união e o ensino primario". Em todos elles revela-se á altura do problema, e os esmiúça com clareza, replicando com vantagem aos apartes surgidos. É um livro serio e ponderado.

**NO SILENCIO**, por Borges Netto — Contos — Pócai & Comp. — S. Paulo, — 1918.

Livro de estrella de um contista que entra na liza apetrechado de um estylo limpo das eivas que pelo geral estragam a voz dos moços. É sobrio, sabe guardar a justa medida, equilibra com fino tacto a sonancia dos periodos e não abusa da nota psychologica nem da adjectivação excessiva. A narrativa é bem arcabouçada, com muito rigor de proporções, e vai em linha recta até o desenlace sem perturbar o leitor com rodeios, paradas forçadas ou digressões desnorteadoras. Se não parar aqui—porque como diz o insigne José Henrique Rodó "una de las raíces de la inferioridad" de la cultura de nuestra America para la production de belleza ó verdad, consiste en que los espiritus capaces de producir abandonan, en su mayor parte, la obra antes de alcanzar la madurez. El arte, suele ser, en tierra de America, flor de mocedad, muerta apenas la Natureza comenzaba á preparar la transition del fruto", — se não parar aqui e levar a cabo de maturidade a obra litteraria cujas directrizes neste primeiro livro denuncia, B. N. virá a ser um nome de raro fulgor nas nossas letras.

VISÕES, SCENAS E PERFIS, por Adelino Magalhães — Typ. "Revista dos Tribunaes" — Rio. — 1918.

O A., na primeira pagina, classifica a sua obra como "Visões de um deslumbrado ante a feeria da vida e dos anseios humanos; psychologia dos insubmissos, desorientados em morbidos ineditismos; scenas das sociedades onde ha sinceridade dos instinctos e soffrimentos vigorosamente rudes". E de facto é isso o seu livro, excepção feita da auto-classificação de deslumbrado dada ao A. por si proprio.

Elle não se deslumbra com as scenas bordelengas que descreve de modo crô, ao getto de Fialho d'Almeida, sem vacillar nunca diante da palavra technica e repugnante. Não ha nellas nenhum fulgor capaz de cegar com deslumbramentos a alguém, e muito menos a um artista.

Scenas de vida familiar, scena de rua, quadros de jornalismo chantagista, tudo que é de malsão na vida carioca elle o denuncia em estylo vivo, original, como que epileptico, e em lingua strapata como a de Cellini nas "Memorias".

A. M. dá impressão de um ex-revoltado, hoje conformado com a miséria moral e amigo de herborisar nella os aspectos mais repulsivos, sem os julgar, encarando-os apenas pelo lado do pittoresco. Essa attitudo, evidentemente forçada, tral-o n'um estado de super-excitação permanente de quem vao explodir, mas retém-se, e não explode. Attitudo do nojo contido.

PATRIA REDIVIVA — De Pires Ferreira a Martim Francisco — por Heltor de Moraes — Conferencia realisada em Santos no Colyseu Santista, em 27 de fevereiro de 1918. — Off. do "Estado de S. Paulo". — S. Paulo. — 1918.

"Nome que nasceu simples vergonhea de uma velha e magestosa arvore, e logo, nella, se tornou um dos seus mais altaneiros galhos. Galho, que se alteou, logo, orgulhoso e forte, pompeando seiva, numa perenne explosão vernal de flores. Flores, que rebentam, logo, em maravilhosos fructos. Fructos, que, ainda hoje, nestes sombrios tempos sem grandeza e sem historia, são a honrada tradição da soberba arvore ancian, da qual provieram, através dos seculos". O A. estuda a personalidade de Martim Francisco, o

robusto galho da arvore andradina que hoje eustem, mantem e accrescenta o fardo de gloria da familia privilegiada. Visiona retrospectivamente a vida do patriarcha, porque é na comprehensão dos Andradas passados que se buscará a chave dos Andradas de hoje, e depois analisa sob varios aspectos o perfil de Martim Francisco, caso curioso de um homem que não encontra moldura em que se enquadre neste angusto presente. O sr. H. de M. é optimista. Crê em resurreições. Se de Guararapes descemos a Pires Ferreira, na opinião do elogiado, hoje alçamo-nos de Pires Ferreira a Martim Francisco.

"O Brasil tambem despertou", diz o A. Não obstante a bôa vontade do sr. H. de M., factos posteriores demonstraram a incoincidência entre a realidade das coisas e esta generosa affirmação. A derrota de Martim Francisco, na urna bichada do nosso pilherico suffragio, mostrou que vogamos ainda em pleno periodo piresco. Inda é cedo para caber no frontespicio da "Patria Rediviva" não só este nome como aquella notação. Enriquece o opusculo uma serie de notas interessantissimas, illustrativas não só da campanha eleitoral, como de diversos pontos historicos e biographicos abordados na these, e traz ainda um curioso autographo de José Bonifacio.

São setenta paginas de literatura seria, donde nos advem um consolo: temos ainda homens e temos almas nobres que os comprehendem. Inda ha no paiz muito material incorrupto proprio para a obra de reconstrução.

**VALOR**, por C. Wagner. — Obra premiada pelo Ministerio da Instrucção Publica da França — Traducção autorisada, feita pelo prof. Othoniel Motta, do Gymnasio de Campinas. — Weiszflog Irmãos—S. Paulo, 1913.

O professor Othoniel Motta occupa no magisterio brasileiro uma posição de alto destaque, pela sua dedicação á causa do ensino, pela sua operosidade, e pelo seu valor mental e moral. Não cessa de produzir obras originaes ou vulgarisar pela traducção as boas obras estrangeiras. Esta ultima contribuição é deveras preciosa. Obra de mais alta e sã moral, pela simples indicação dos capitulos fará o leitor uma ideia da sua riqueza em ensinamentos: A conquista da energia — "O preço da vida" — "A obediência" — "A simplicidade" — "A guarda interior" — "A educação heroica" — "Os começos difficeis" — "O esforço e o trabalho" — "A fidelidade" — "A honra viril" — "Aos enfermos" — "O medo" — "O combate" — "O espirito de defesa" — "A bondade reparadora" — "Sursum corda".

Um livro destes era para figurar em todas as casas de família, e ser lido, meditado e commentado nos serões.

Elles é que plasman a cera molle dos corações juvenis e dão forma definitiva ao character do homem. A grandeza dos norte-americanos está muito, esta quasi que totalmente nesta preparação da alma que desabrocha. Os grandes principios da moral embutem-se dessa arte como cunhas na alma em formação, enrijando-as, blindando-as de esteios formidaveis que mantenham na vida uma attitude erecta de gentleman aos assim ateficoados. Entre nós o descaso pela educação moral dos filhos atinge proporções inconcebíveis. A creança passa a menino, de menino passa a moço, de moço passa a homem, sem que se lhes faça outra cousa senão lhes dar a decorar umas regrasitas de conducta. Isso e nada, é enxerto. As sementes devem ser plantadas com carinho maternal, no seio da família, e em tempo proprio, de modo que a moral não seja uma tartufaria indumentaria e sim uma força inoculada no sangue, uma convicção arraigada que domine o homem inteiro, nunca apenas a camada epidermica. Não esmoreça nunca o professor Othoniel Motta neste esforço benemerito; a sua contribuição ha de elevar no paiz o coefferiente de caracteres intellectuaes de que tanto havemos mister.

**PRATICA DAS ACÇÕES CIVEIS OU DO  
PROCESSO CIVIL**, segundo o Cod. Civil,—  
por Almachio Diniz — Livraria Alves. —  
Rio. — 1918.

E' mais uma obra de valor que a livraria Alves lança no mercado, da serie com que empreendeu reformar a nossa litteratura juridica de accordo com a revisão imposta pelo apparecimento do Código Civil. O A. estuda "o processo em suas fontes juridicas", como parte introductoria, e, especializando, estuda as "Generalidades do processo civil" na primeira parte; Dos processos preventivos, preparatorios e assecutorios, na segunda; Do processo ordinario, na terceira; Da acção summaria, na quarta; da execução e recursos nas ultimas. E' um manual claro, e bem feito como todos os Manuaes Alves e que reafirma a reputação do A. já firmada n'uma serie de obras posteriores.

**LATINO COELHO** — Garrett e Castilho.  
com carta-prefacio do dr. Xavier da Cunha.  
— Santos & Vieira, — Lisboa.

Primorosa reedição dos estudos feitos por Latino Coelho sobre

Almeida Garrett e Antonio F. de Castilho, publicados pela primeira vez no Panorama o primeiro, e na "Revista Contemp. de Portugal e Brasil" o segundo. Encabeça o volume este distico: Escriptos literarios e politicos de J. M. Latino Coelho, colligidos e publicados sob a direcção de Arlindo Varella", o qual nos deixa entrever que é este volume o primeiro d'uma série. Empreitada benemerita essa. Uma obra formidavel como a de Latino, das que mais honra fazem á litteratura portugueza, não podia continuar assim esparça em revistas antigas ou inaccesivel em edições exgotadas. No movimento intenso de renascimento literario que se nota em Portugal a necessidade d'esta feição reeditora dos velhos mestres fazia-se sentir, e a empresa Santos Vieira verá coroados os seus esforços, certamente, se levar por diante a divulgação e em certos casos a ressureição de grandes monumentos da lingua, esquecidos, porque inaccesiveis ao publico.



## RESENHA DO MEZ

### EMILIO DE MENEZES

Emílio de Menezes tinha o espirito aparentado com o alex; no menor contacto com as desarmónias da vida, a maldade ou pequenez dos homens, o empavonamento da mediocridade, esse espirito chispava a ironia de Voltaire, ou despedia fadlas epigrammaticas de um fulgor novo em nossa lingua. Assim a vida do poeta extinto tauxiou-se inteira d'um rosario de faíscas que são puras joias d'uma ourivesaria diabolica. Nessas maldades, nessa iriada perversidade, Emílio só revelava uma cousa, a sua bondade, o seu grande coração amargurado pelo espectáculo diario do verdadeiro valor mental e moral veneido na concurrencia da vida pelas manchas do cabotinismo de mãos dadas ao eterno patife de Molière, Tartuffe. As grandes forças da sua intelligencia, os recursos da sua esthesia, e toda a riqueza da sua sentimentalidade, ao invex de empregal-os na grande obra, una e immorredoura de que era capaz, elle, insoffridamente, esbanjou-os ás mancheiras, pelo caminho, com imprevidencia de nabo habido nascido em berço de ouro.

Sua mão prediga impedia a accumulção das riquezas. Ella tomava diamantes que fulgiam no cabaz atestado para arremessal-os como um seixo, n'um gesto de garoto, contra o primeiro passante que irritasse, pela attitude provocadora, a hyper-sensibilidade do poeta. Faz pena ver tanta joia assim fragmentada e lançada a guiza de



piparote no nariz de gente nulla e mesquinha, gente merecedora apenas de um bom caco de telha manejado por mãos de moleque. E, assim, a obra capital de Emílio anda dispersa pelo mundo, guardada na memoria dos amigos, em fragmentos que já soffrem e soffrerão em escala crescente uma deforma-

ção impiedosa. Recolhei-a, recompol-a enquanto o tempo é a melhor homenagem que prestar possamos ao grande espírito extinto nas trevas da morte. A *Revista do Brasil* julga de bom aviso abrir as suas paginas para esta piedosa collectanea. E pede a todos, amigos ou admiradores, directos ou indirectos detentores de uma parcella, minima que seja, da fulguração emiliana que a canalizem para esta publicação. Destarte enfeixar-se-á n'um escriptorio uma obra que por esparsa e fragmentaria não vale menos que as obras umas argamassadas em blocos inteiriços.

Emílio de Menezes nasceu em Curitiba a 4 de Julho de 1867 e falleceu no Rio de Janeiro a 5 de Junho do corrente anno. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras na vaga de Salvador de Mendonça, mas não chegou a tomar posse, menos pelo seu transitorio estado de saúde, pretexto apontado, que pelo seu permanente estado d'alma, revel f eantrificação que impõe as sociedades ao molde daquella onde o respeito mutuo impede a livre expansão dos temperamentos irreverentes. Emílio de Menezes deu a publico o primeiro livro de versos — *Marcha Funebre* — em 1892, e nove annos depois surgia com outra serie a que deu novamente um titulo macabro — *Poemas da Morte*.

Diz delle o *Estado de S. Paulo*, em editorial onde se trae a fina sensibilidade de Amadeu Amaral:

A morte de Emílio de Menezes dá-nos uma impressão estranha, que deve ser semelhante á de um grego antigo ao ouvir a nova da morte de um deus... Pois que!

Aquelle esplendido homem que ha tão pouco tempo viamos por aqui, com o seu vulto enorme, a sua grande face corada e radiante, o seu riso claro e perenne, a sua vitalidade, o seu talento, a sua alegria, o seu humorismo inesgotavel, esse homem complexo, transbordante e magnifico tambem desaparece, assim, em momentos, desfeito aquelles musculos, esvaldo aquelle sangue, quebrado aquelle espirito, perdida aquella graça, róta e desfeita aquella rara conjuncção de coisas e de energias de que resultou tão original personalidade?...

Originalissima personalidade. Surgiu um dia, ha cerca de trinta annos, no Rio, rapaz espectralmente magro, expellido da sua Curitiba por serias ameaças á saúde. No Rio, o seu talento, a sua veia humoristica e o seu coração lhe abriram logar nas rodas literarias e bohemias da época. Na época, a bohemia e a literatura andavam de mãos dadas. Era nos caffès, nos bars, nos theatros, nas saletas das redacções, nas calçadas da rua do Ouvidor e nos clubs alegres que se processava a parte mais brilhante, mais bulhenta e mais commentada da actividade literaria. Em cavaqueiras, idas e vindas, passeios e troças é que as vocações se aguçavam, para não raro se estragarem mais de pressa, e repontavam os germens de muitos livros. Nesse meio, Emílio distinguia-se logo por traços que, ao contrario do que succedeu com os seus companheiros não fizeram senão affirmar-se com o andar do tempo. Os bohemios da época passaram: uns, mortos em plena bohemia, como Paula Ney; outros, evoluídos em cidadãos respeitaveis, como tantos que depois subiram a posições de prestigio. Elle conservou-se, invariavelmente, até enfermar da moléstia que o levou, o mesmo rapaz estouvado e descuidoso, que fixera irrupção nos meios literarios de ha trinta annos, dando mais por uma boa pilheria do que por muita coisa incomparavelmente mais solida e mais util...

E que pilherias eram as suas! Espalhou-as, quotidianamente, sem tréguas, ás manchetes; eram todas as variedades do jogo de palavras e do jogo de idéas, desde o trocado hilarante até a condensação epigrammatica de um pensamento profundo numa phrase leve e brilhante como uma asa de insecto; era a pilheria que faz rir escancaradamente, até a que faz apenas sorrir de leve, numa

degradação prolongada; era a pilheria que arranha, que toca, que fere fundo, a pilheria inocua que perdôa, que provoca, que castiga, que vinga e que mata. Ha entre ellas algumas que são geniaes.

Muitas eram em verso. Dessas, apenas uma parte seleccionada dará um volume. Esse volume, intitulado "Mortalhas", será publicado em breve, ao que nos consta, por um editor do Rio.

A vela satirica de Emilio de Meneses era a sua grande vela: nella estava a sua maior espontaneidade, o impulso natural e irreprimivel dos seus movimentos profundos. Todavia, foi o poeta, que sabemos, na grande arte, e maior teria sido, talvez, para nosso gozo, se não se deixasse levar demasiadamente pelas irresistiveis pendores do seu espirito bohemio.

Como frequentes vezes acontece com os homens "alegres", Emilio de Meneses, no fundo, era antes um triste e um sensitivo. Esse bohemio despreoccupado e esse trocista incorrigivel, que parecia viver no riso e na luta como no seu elemento, guardava, bem occulto, um coração chagado de desganhos cruéis e de dores cruciantes, e dissimulava sob o farfalhar da galhofa irreverente uma affectividade doentia, melindrosa, dolorida, de criança enferma...

Os seus "Poemas da morte" reflectem, verazmente, essa outra individualidade, irman gêmea em perpetua discordancia com a mais violenta e impulsiva. Publicados em 1909, em livro, os seus admiraveis "Poemas" levaram a todos os pontos do Brasil onde havia espiritos capazes de apreciar a belleza pura dos versos de ouro, o renome que Emilio de Meneses já havia conquistado nos circulos litterarios cariocas.

Antonio Torres, o scintillante analysista do *Correio da Manhã*, falla dest'arte de certos aspectos do seu temperamento:

Si Emilio de Meneses estava muito longe de ser o que pretendiam fazer delle certos espiritos levianos, ou talvez malevolos, isto é, um má-lingua a cuja maldade perspicua não escapava nenhuma personalidade em evidencia, tambem o seu espirito satyrico o afastava da Academia e das formalidades academicas tão ineluctavelmente como as electricidades do mesmo nome se repellem. Ninguém melhor do que elle sabia

com o ferro esbraseado de um epigramma, fazer reclinhar as carnes de um mediocre que o importunasse ou o offendesse; mas tambem, ninguém mais fiel ás suas amizades, mais cheio de afagoes para com os seus amigos, mais servical, mais activo quando era preciso tirar algum ente querido de difficuldades, mais cheio de gratidão para com quem lhe fizesse beneficeos. Apenas, si, no correr de uma palestra, á mesa de uma confeitaria, entre companheiros de confiança, lhe occorresse um dito de espirito a respeito de qualquer d'elles, Emilio não resistia á tentação: deixava a phrase, pedindo reserva... E si alguma outra lhe brotasse, um tanto caustica para com algum dos presentes, era fatal Emilio ameaçar o bigode e perguntar:

— Você não se zanga si eu lhe disser uma coisa?

— Não! Pode dizer.

Elle dizia. Todos riam. Ninguém se zangava, mesmo porque si se zangasse, era peor... Esses ditos espirituosos trouxeram-lhe dissabores e prejuizos, não sendo o menor d'elles este: que muito individuo sem espirito divertia-se em forjar phrases offensivas contra este ou contra aquelle e em espalhá-las por toda parte, sem amor e sem arte, attribuindo-lhe a paternidade. Era o que o punha fóra de si, não tanto pela quantidade de nitro-glycerina que a phrase continhesse, mas pela má qualidade do explosivo...

Não foi um poeta de idéas altas nem de grandes surtos, não por falta de talento mas por falta de cultura geral, de cultura verdadeira, de cultura como synthese de conhecimentos. Ria-se mais do que pensava. Entretanto era uma personalidade, era elle mesmo, e não reflexo de outrem. Cantando sentimentos já cantados por tantos outros, elle os moldava em versos que não se pareciam com os dos seus contemporaneos. Os seus versos eram seus. Elle nunca foi adaptador. Ha nella harmonia propria e sobretudo uma certa pompa vocabular que, sem lhe tirar o equilibrio fórmal, conseguia distinguil-os no meio da grande quantidade de versos brasileiros que se publicaram no seu tempo. Escapavam ao seu lyrismo as coisas profundas da Vida, da qual elle só distinguia os aspectos superficiaes. Elle via uma *Victoria Regia*, por exemplo, e descrevia-a, como a descrevem, num soneto magnifico; mas não era capaz de relacionar a flôr com

o Universo, de conjugar no pensamento a *Victoria Regia* com o Desconhecido, de descobrir e revelar, como Baudelaire ou como Shelley, as correspondências ocultas, íntimas e immanentes da flor com as esferas superiores, susceptíveis de ser atingidas pelos remígios da Intelligência. Era um poeta mais visual do que mental. Si a sua Forma era distinta da dos outros poetas do seu tempo, com estes tinha elle de commun a ausencia de capacidade para alar-se até ás nuvens e contemplar a Vida, do alto. Si exceptuarmos Raymundo Corrêa, que algumas vezes sabia pensar quando poetava, os outros grandes poetas que Emilio encontrou e tomou por modelos não eram mais cultos do que elle. Estão virgens do pensamento quer antigo quer moderno. A superstição da Forma crystallizou-se nelles em exaggerado culto por Theophile Gautier e Theodore de Banville, que não, sem tirar nem pôr, no scenario da literatura franceza, duas sonoras e tintinabulantes melodricidades. Fóra desses dois e mais de Victor Hugo, Leconte de Lisle e Heredia, os nossos grandes poetas só leram classicos portuguezes e dicionarios para pescarem affanosamente vocabulos raros, que nos cascalhavam suavemente aos ouvidos quando temos quinze annos, mas que depois, quando atingimos aos trinta, nada mais nos dizem. D'ahi, com poucos casis, a aridez desértica da nossa poesia chamada parnasiana, poesia sem alma, sem vibração, sem nenhuma dessas palpitacões que nos fazem estremecer o coração á leitura de um simples verso, poesia sem vida enfim, que morreu antes dos seus creadores, os quaes, assistindo em vida á decomposição de si mesmos nas suas obras, recebem do Destino o justo castigo de não terem tido alma.

Emilio de Menezes, como não se filiou á estreiteza de nenhuma escola, tanto assim que alguns o dizem parnasiano, outros symbolista, e outros ainda, symbolista com forma parnasiana (diacusações inúteis, byzantinismos esteireis), Emilio de Menezes, como Luiz Delphino, apesar da desigualdade da sua obra, viverá, Viverá, porque teve alma para sofrer. Poucas vezes elle cantou as suas dores em versos lyricos. Preferia disfarçar-as em gargalhadas homericas e bebedeiras romanticas, zombando dos ridiculos albelos para esquecer-se das suas

proprias maguas, navalhando, aos seus momentos de colera, as que se lhe antepunham no caminho, irreverente para com os grandes, causticante para com os imbecis, amoroso para com os pequenos, nunca negando esmola a qualquer preto velho que lhe estendesse a mão humilde, ironico, sceptico, reflectindo a Vida por sarcasmos, bella intelligencia que não poudo realisar a sua finalidade intellectiva, bello coração que não poudo realisar a sua finalidade sentimental...

José Otiveira, no mesmo jornal, estuda a sua veia satirica:

Sua figura na historia literaria destes tempos tem feições peculiares. Seus versos mostram a osatura firme daquelle corpo e dão-me a impressão de altos pylones embasados rijamente e ornamentados com aburo. Parecem construcções hypostylas, de area amplissima, com a impenencia pharmonica e a attilouencia dos desertos circumjacentes.

Essa grandiosidade communicava-a elle aos seus alexandrinos, mesmo nos themas de meiguice.

Não ha que pasmar do genio satyrico de Emilio de Menezes. A coincidência das duas musas, no mesmo espirito, é trivial. Horacio, Goethe, Hugo, Bocage, Gregorio de Mattos, com outros, manejaram com firmeza o escopro e a foga.

Emilio realçou muito por ter alliado á facecia, natural nella, a technica moderna e o malabarismo da inventiva. Os sonetos a Hemeterio são, neste particular dois prodigios. Emquanto o commun dos epigrammas não são do treco-dilho, dos equivoccos, da indecencia, do ramoque duro, Emilio procurava a imagem viva, o simile impressionista, a comparação exacta, as alluções discretas, a aproximação de termos inesperados, com a segurança do criador. A's vezes compunha uma anedocta inteira, um pequenino drama em que o desfecho caricaturava o protagonista, como nas celebres respostas do espelho magico allemão.

Essas originalidades deveriam colleccionar-se antes de a tradição as deformar. Constituem patrimonio da satyra brasileira, genero literario desperdicavel e espedicido, difficilissimo e que adquiriu, com Emilio de Menezes, novos tons, optimos exemplos, aspectos imprevistos.

Emílio, se houvesse systematizado a sua produção, teria sido um dos altos vultos da poetica americana. Não teve a idéa directriz, o surto certo de um Walt Whitman, de um Alma Fuerte, de um Castro Alves. Dissipou seu enormíssimo talento, mas legou, ainda assim, paginas de ouro.

Miguel Mello conta em sua chronica semanal da *Gazeta de Noticias* quaes foram os ultimos lampejos do seu humorismo agonizante:

Havia nelle como que uma luta interior entre o coração e o espirito.

E morreu quasi que accendendo ainda a luz dos cyrios, macabramente, as ultimas pyrotechnias do seu innegavel talento de humorista, aproveitando os restos da luz e da intelligencia já bruxuleante para arriscar pilherias sobre si proprio.

Vendo-se extinguir aos poucos, dizia a um amigo:

— Estou morrendo a varejo...

Zombando das proprias feições desfeitas pela furia devastadora da agonia longa, dizendo-se afeado, exclamava a outro:

— A esta hora já os defuntos estarão em "meetings" no Café e em São João Baptista, protestando contra a minha ida para lá!

E a outro, pela derradeira vez aproveitando a sua vida para os epitaphios:

— Vou pregar um "bluff" aos vermes: roubei-lhes 16 Milos...

E assim se extinguiu a mordacidade mais caustica que nestes ultimos tempos já atravessou a nossa vida e a nossa literatura... legando-nos, num discurso inédito, a prova da sua revolta interior contra o proprio destino.

"Homo duplex!" Todos nós sonhamos realizar um type ideal, amaldiçoando por nos fixarmos dentro de um molde arbitrario que nos parece o mais conveniente ao nosso proprio determinismo, emquanto a natureza, que zomba da nossa difficuldade de auto-observação, nos vai obrigando a cumprir a vida para que de facto fomos feitos...

E João Luso, nos *Domínios do Jornal do Commercio*, ainda abordando esta face do saudoso extinto, diz:

Acerca das suas celebradas satyras, dos seus epitaphios incomparaveis, dizia que nenhum delles deixava de representar a alegre desforra de uma hostilidade inicial, um gratuito e inexplicavel ataque à sua pessoa. Citava exemplos apprehendentes de perfidia que, a serem exactos, justificariam aquellas represalias e até outras peloreas. Contava, por exemplo, que certa personagem politica, de grande influencia, sem outro motivo senão o de se chamar elle Emílio de Meneses e ser poeta, o detestava e guerreava a ponto de "se atravessar" nas suas pretensões a qualquer lugar publico, impedindo, mais de uma vez, que o lugar lhe fosse dado. Para isso, ia intrigal-o com os seus protectores, com os Ministros, com o proprio Chefe do Estado; e um dia, como o terrivel perseguidor — decididamente, não nos podemos lembrar de quem se trata — encontrasse sobre a mesa de um Ministro, a nomeação lavrada, tanto insistio e batalhou que o documento foi parar, rasgado em quatro, á cesta dos papéis. Foi contra esse inimigo que o poeta compoz o mais tremendo dos seus epitaphios: — versos contundentes como chicotadas onde ao golpe final se junta um supremo, fulminante desprezo:

A terra que tudo come,

disse ao vel-o agastadica:

"Afastem essa carniça

que injuria a minha fome!"

Essas revanches, tanto elle se preparava em rimas opulentas, como as desfechava, na primeira occasião, em phrases igualmente temerarias. Duma feita, á porta do Café Brito, Emílio palestrava com-nosso e outros jornalistas, quando appareceu Plácido Junior, atarefado, á procura dum medico que tambem alli costumava fazer ponto. Um secretario de redacção, por causa de quem Emílio se retirara do jornal e ficara assim sem emprego — adoecera de repente, á mesa de trabalho...

— Mas que tem elle? indagou um de nós.

— Não sei... respondeu Plácido — Deu-lhe uma coisa, uma febre...

Emílio passou a mão pelo bigode e explicou gravemente:

— Deve ser febre... de má caracter!

## MOVIMENTO ARTISTICO PINTURA

Desde o apparecimento do ultimo numero desta Revista, foi a exposiçã do sr. Antonio Rocco, a unica nota artistica, relativa á pintura, digna de ser registada nesta resenha.

Não é a primeira vez que o nome deste artista apparece na *Revista do Brasil*. Nas criticas do nosso "salon" official do Rio, aqui estampadas, já se lhe fizeram referencias elogiosas. A sua exposiçã actual prova que ainda as merece.

O sr. Rocco não é uma destas individualidades que se affirmam vigorosamente em sua boa ou má produçã, deixando em tolas uma funda marca pessoal. E' antes uma intelligencia facilmente assimiladora, um temperamento delicado e sensivel, servido por uma grande habilidade na execuçã.

Isso explica a sua obra variada, quer nos generos, quer na factura.

De facto, o talentoso pintor expõe paisagens, composiçõs de genero, retratos, marinhas, e alguns trabalhos que se poderiam denominar, segundo a *gyria theatra*, "peças de theatro". E, diga-se logo em sua honra, é nestes que elle nos parece mais forte, porque a robustez da concepçã coincide nellas com o vigor da forma. Assim, nos "Emigrantes" e "Victimas das minas", cujas reproduçõs apparecem em outras paginas desta revista.

Em ambas estas composiçõs, o sympathico artista foge aos costumes "estudos" que atravancam modernamente as exposiçõs e evita a banalidade de assumptos que são simples pretextos para exhibiçã de technica. Esses quadros, trechos de vida apanhados em flagrante ou visionados pelo artista, através de longa observaçã, ou provavelmente participando das dadas circumstancias, contêm um pensamento que é, ao mesmo tempo, uma elevada preocupação social, mostrando que o artista não se isola em sua torre de marfim, mas

um homem do seu tempo que vive e vibra com os problemas que agitam o seu meio.

Educado em Napoles, onde fez a sua carreira artistica, as scenas da partida de emigrantes deviam frequentemente emocional-o, preoccupar o seu espirito curioso e encher de ternura e piedade por esses exilados pela miseria, o seu coração sensivel. Todas essas impressões variadas e complexas elle soube reunir-as num conjunto harmonioso onde a tristeza domina, no ambiente e nas figuras, realçado por uma technica muito simples, mas altamente expressiva. Este quadro faz pensar o nisto está o seu elogio.

Não lhe é inferior o das "Victimas das minas". Talvez fossem mais serias as difficuldades a vencer; o trabalho de composiçã se apresenta mais complexo, exigindo maiores e mais prolongadas estudos; a scena é mais rapida e violenta e demanda estylo conciso e synthetico. Parece-nos que o autor conseguiu o seu fim; cada observador do seu quadro levará na memoria um appello em favor desses heroes anonymos do trabalho, que fazem a grandexa das nações e apenas começam em nosso tempo, a receber o quinhão do reconhecimento que lhes deve a Humanidade.

Napoles deu-lhe ainda o espetaculo sempre interessante dos seus mercados e suas villas de caracter hespanhol, tão exploradas pelo mercantilismo da pintura. São impressões, nem sempre profundas, mas geralmente interessantes, muitas vezes formosas e, em regra, de correcto desenho e boa factura.

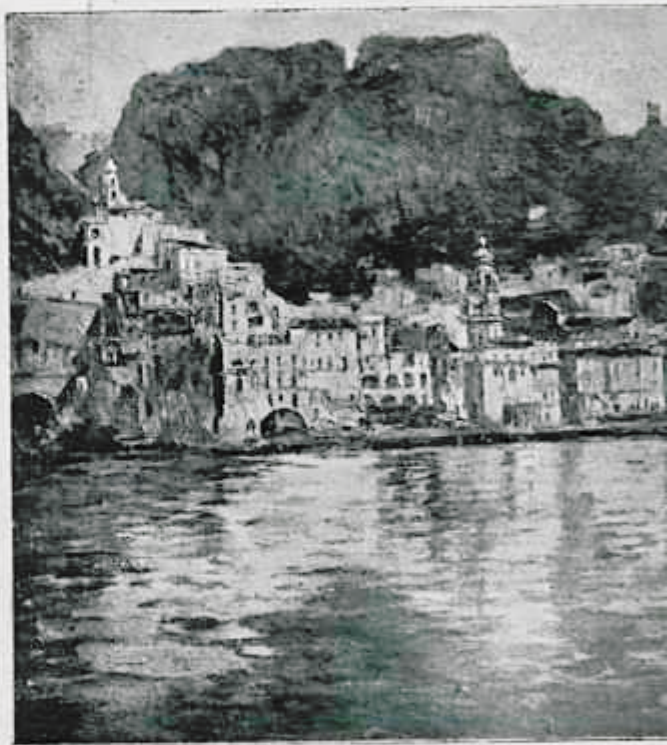
Paisagens e marinhas de bello corte, scenas de interior, com uma nota de elegancia intencional, porém discreta, formam o resto da collecção Rocco, da qual convem destacar ainda, como uma das melhores telas, uma scena rustica — "Mangindo as ovelhas" — onde se reúnem, num feliz concurso, as mais preciosas qualidades do pintor.

Ha tambem retratos: o do conselheiro Rodrigues Alves, o do sr.



A. ROCCO: Emigrantes

REVISTA DO BRASIL



A. ROCCO: Reflexos (Amalfi)



193



A. ROCCO: Mungindo as ovelhas



A. ROCCO: Bem me quer, mal me quer...



A. ROCCO: Rembrandt





A. ROCCO: Porque retarda?



A. ROCCO: Victimas das minas



A. ROCCO: Costumes de aldeia



A. ROCCO: Crepusculo

Altino Arantes e o de sua exma. esposa, e um grande retrato de senhora.

Este é um bello exemplar de pintura, ostentando uma rica palheta. Preferimos, porém, o do sr. Altino Arantes; cremos encontrar neste mais unidade no conjunto, melhor ambiente e mais expressão.

Em resumo: a exposição Rocco veio provar que ha em S. Paulo mais um bello artista, capaz de honrar o meio, e que se destacará com vantagem, se quizer ou puder aprofundar a sua arte, reagindo contra as tendências da maioria que, aqui como mais ou menos em toda a parte, prefere as lindas superficialidades ás obras conscienciosas e sinceras — N.

## ACADEMIA BRASILEIRA

A Academia Brasileira de Letras recebeu no dia 5 de Junho o novo acadêmico Desembargador Ataulpho Napoleão de Paiva na vaga de Arthur Orlando. Na impossibilidade de transcrever o todo, damos aqui apenas um trecho do discurso, em que o recipiendário estuda o meio e a epocha em que se desenvolveu a personalidade do sociólogo-artista:

"Quando Arthur Orlando mereceu a vossa alta consagração, já era portador de uma obra que, pela sua feição profundamente conscienciosa, discreta e sincera, alimentada pelas grandes idéas de liberdade, justiça e democracia, tinha direito a fazer já as homenagens dos pensadores contemporâneos. No seio de serena e laboriosa existência, o seu espirito livre e extremamente emancipado e a sua forte educação classica formaram o trabalhador profundo e infatigável, perito em lavrar com mãos delicadas as substancias preciosas das sciencias e das letras.

Nenhuma analyse, por mais fina, exacta e penetrante, poderia descobrir, isoladamente, a materia geradora em que se fundiu o es-

pírito superior do pernambucano illustre cuja successão ora se opera. Ella sómente brotaria inteira e consolidada pelo amplo estudo que, algum dia, se fizesse da atmospheria, do meio, do ambiente moral em que elle crasceu e viveu, onde começou a fazer a prova da sua intellectualidade, desabrochando afinal em perspectivas luminosas, em revelações progressivas e triumphaes.

Sylvio Romero, na *Historia da Litteratura Brasileira*, pretende que houve uma *escola bahiana*, pelos fins do seculo XVII até ao começo do seculo XVIII, mais tarde uma *escola mineira*, uma *paullista*, uma *maranhense* e outra *pernambucana*, segundo os lugares onde se foram reunindo grupos selectos de homens cultos cuja produção litteraria tomou vulto e deixou fundas raizes na historia do pensamento nacional.

A classificação não passou sem contradicções. A critica de escola arma uma penna vigorosa para lhe lançar a refutação. José Verissimo, a proposito da fallada *escola mineira*, insurge contra a tendencia de se crearem na nossa litteratura essas entidades ficticias, essas feições e aspectos que todo o talento dos inventores não bastou para realizar ou fazer aceitavel. Não ha escolas de idéas nem de obras, mas simples agrupamentos artificiaes de individuos que sómente o acaso de nascimento e da contemporaneidade juntos sem algum laço ou requilte commum.

Georges Brandès soccorre e ampara os conceitos do critico. Um grupo é o resultado da união natural e desintencionada entre espiritos e obras de uma tendencia commum; uma escola é o resultado de uma comunidade conscienciosa de autores que se submeteram á direcção de uma convicção qualquer mais ou menos distinctamente formulada. E Verissimo arre-mata agora: o que separa a escola do grupo (e a distincção é intuitiva) é não haver no grupo senão a camaradagem litteraria, a união natural de tendencias communs e ainda de um commum espirito, ao passo que o que caracteriza e define uma escola é a existencia de um credo litterario ou esthetico ligando autores que podem, aliás, ser de tendencias diversas, mas que consciencia e voluntariamente seguem a mesma esthetica.

Sem o querer, talvez, ao impugnar o principio, José Verissimo,

definindo-lhe os característicos, explicou a maneira, trouxe a forma por que se consubstanciou de modo todo particular essa admirável aggrimação que no Recife marcou época e lançou confiadamente projecções de luz intensa por todo o vasto horizonte das letras nacionaes. Simples grupo regional de literatos ou de consagrada de cientistas, o nome pouco importa. O essencial é o facto. A obra e a acção fundiram-se. No meio das controversias e das discordancias, a filiação dos espiritos accentuou-se, approxi arcos de uma communhão de idéas capitais. Para que não faltasse nada ao commettimento, onde não havia somente um agrupamento accidental da prosadores e poetas salientou-se a chefia consummada e segura de uma intelligencia poderosa que desbravou o terreno e traçou directrizes — Tobias Barreto.

O movimento seccionou-se em períodos perfeitamente caracterizados. A sua primeira phase foi poetica. Tobias, Castro Alves, Palhares, Luiz Guimarães, Plinio de Lima transportaram para a lingua portugueza as vibrações pitorescas das antitheses e a suavidade da lyra hugoniana. Eram os *condoreiros*, que contribuíram para dar vivacidade e brilho ao estylo dos nossos belletristas. Isso foi pela década de 1860. Na década seguinte a critica toma a dianteira e a poesia, que se modifica. Sylvio Romero, Celso de Magalhães, Souza Pinto, Genarino dos Santos, Inglês de Souza, Justiniano de Mello, apparecem nessa quadra.

De 1870 por diante accentuam-se as tendencias scientificas dos estudiosos do Recife. É a phase de iniciação philosophica. Já em 1868, Tobias chama a attenção para o Positivismo, que começa a fazer procellosos nomes no litterario. Mas, após a guerra franco-allemaõ, as suas vistas se voltam para o pensamento germanico. Littré e Spencer, comtudo, mantêm o dominio dos espiritos. Ha principalmente uma fascinação viva e completa, em toda a massa pensante da mocidade academica, pela obra vigorosa, fecunda e original do sábio britannico.

Ninguém se julga sufficiente-mente instruido e verdadeiramente intellectual sem sobraçar, pelo menos, algum dos dez volumes de *Systema de Philosophia*. Nas estantes de todas as bibliothecas ha de apparecer, bem saliente e viva de vermelho, se possível for, a lombada dos *Princípios Principales, Principios de Biología*, da

*Classificação das Sciencias*, da *Philosophia do Estylo*, da *Genese da Sciencia*, da *Estatistica Social*, ou de qualquer outro nobre condimento com que se manipula toda a vastissima, prodigiosa e preeminente doutrina sponceriana.

Nenhum discurso, nenhuma oração, dignos desse nome, passará sem uma referencia à idéa da *nova lei moral*, que affirma a sua crença no conseguimento da perfeição da Humanidade ou no do *progresso*, que não é um accidente, mas uma necessidade. Longe de ser o producto da arte, a civilização constitue uma phase da natureza, como o desenvolvimento do embrião ou a eclosão da flor.

Nos livros que dos prêlos sahem como das palestras litterarias, se ha de necessariamente fallar na *psychologia experimental*, que ensina a descobrir, descrever e classificar as diversas modalidades da sensação e do pensamento, no estudo não só *estatico*, mas também *dynamico* que não constata apenas os factos, mas ainda a sua genese, o seu desenvolvimento e as suas transformações.

Com o concurso de Tobias Barreto, em 1882 — acto que constitue um verdadeiro acontecimento litterario, pela grande repercussão que teve — iniciou-se a ultima phase da escola, a mais fecunda, mais douradora e mais brilhante: a phase juridica.

O mestico genial, que surgira do seu retiro da Escada, para desluzbrar a mocidade, com a sua palavra ardente, e os meatras, com o seu vasto saber, trouxera a concepção monistica do Direito com Haeckel, Noirée, Ihering, Hermann Post e toda a pleiade de pensadores e juristas allemães. Ao fragor da sua critica e a seducção da sua propaganda, os estudos receberam uma nova e firme orientação.

A philosophia do Direito sem o Direito natural, a archeologia do Direito olhada pelo prisma do evolucionismo a ethnologia juridica, os modernos processos da criminalistica começaram a ser objecto de acurado estudo entre nós. Foi a Escola do Recife que familiarizou os juristas patrios com a nova feição dos estudos penaes e foi elle que, primeira no nosso paiz fez uso do methodo historico comparativo applicado aos estudos do Direito. Leve-se a conta do seu alto credito esse ultimo serviço prestado à nossa litteratura juridica".

O novo acadêmico foi recebido pelo sr. Medeiros e Albuquerque do cujo discurso transcrevemos este trecho:

"A vossa eleição para a Academia foi das mais discutidas. Das mais discutidas fora daqui. Ao passo que entre nós se chegava facilmente à unanimidade e que nenhum outro candidato se apresentava para disputar-vos o lugar, a discussão de vossos títulos continuava fora deste recinto, com vivacidade e asperidade.

Por quê? Porque fizestes uma reputação de dandyismo. Fostes um dos precusores da elegância masculina em nossa sociedade. E os precusores nunca são bem recebidos.

Hoje já se admite perfeitamente que a elegância e o apuro das roupas não são, de modo algum, incompatíveis com o mais alto exercício da inteligência.

A história literária conhece o nome de varios escriptores celebres que nunca esqueceram o esmero no trajar. Esse foi o caso de Byron, esse foi o caso de Barbey d'Aurevilly e o de muitos outros.

No livro recente de Alfredo Pujol elle transcreve de uma obra de Bulhão Pato um trecho em que este conta certa visita feita por Garrett a Alexandre Herculaniano, Garrett, que lá passar alguns dias hospedado por Herculaniano, mandou adiante sua bagagem e o estojo de "toilette". "Esta peça, diz o trecho citado de Bulhão Pato, podia parecer uma caixa de instrumentos cirurgiecos e juntamente uma botica portatil, tal a quantidade de ferros cortantes em forma de canivetes, escafpellos e bisturis; as thesouras de todas as dimensões, as pinças, as esponjas de todos os tamanhos, e a enorme quantidade de frascos, que encerravam finissimas essencias, combinadas pelos mais imaginosos e mais famosos perfumistas de Londres e Paris". Alexandre Herculaniano, vendo aberto aquelle arsenal, voltou-se para Bulhão Pato: Ora, veja o meu amigo de quantas cousas pôde precisar um homem neste mundo!"

A exclamação era nitidamente zombeteira. E se Herculaniano houvesse feito o inventario do resto da bagagem de Garrett, teria nella de certo encontrado cousas ainda mais curiosas.

Nesse tempo os trajos de cerimonia comportavam quasi sempre para os homens o uso do que

se chamava o "calção e meias". Os calções iam apenas até abaixo do joelho, apertados ahi por uma fivella; dahi até os sapatos rasos, o que havia eram longas meias. A barriga da perna ficava, portanto, com a forma bem visivel. Dizia-se de Garrett, que, não tendo uma plastica impecavel, usava barrigas de perna postigas.

O caso faz sorrir. Mas todo aquelle arsenal de pinças, thesouras e perfumes e todos os enchementos de algodão para pernas mal feitas não impediram Garrett de ser um dos maiores escriptores da lingua portugueza, um chefe da escola litteraria activo e brilhantissimo e até um homem politico de idéas adiantadas.

Vão longe os tempos em que S. Jeronymo considerava as roupas sordidas indice de pureza de espirito: "Sordidae vestes candidae mentis indicia sunt".

O nosso povo e aquelle de que descendemos nunca foram, entretanto, muito dados a apuros de vestuario e de cortesia. Ha disso na nossa lingua um depoimento interessante na accepção do adjectivo "frances". Frances, diz o dictionario, pôde tambem significar "hypocrita, falso". Essa accepção, vós o sabeis, não entrou para a lingua porque se tenha notado nos filhos da França, como características habituaes, tão baixas qualidades. Ella veio simplesmente porque foram sempre os Francezes os mais polidos, os mais corteses, os mais esmerados no trato social. Isso os fazia suspeitos á rude gente, que da civilidade via apenas a parte de natural fingimento, que todos os homens muitas vezes obrigados a manifestar, embora frequentemente com os mais nobres intuitos, — os intuitos de vencer as nossas injustas antipathias e de fazer passar as conveniencias dos outros em detrimento das nossas commodidades.

De tal forma, esse termo de apparencia injuriosa é, em ultima analyse, um elogio. Mas ella prova que as nossas tradições não são muito affeitas ao culto da galanteria no trajar e no tratar.

Ha tambem uma certa sympathia na nossa lingua quando se exalta quem é um "casca grossa". Deixa-se um pouco entender que por baixo das "cascas grossas" é mais natural encontrar a crebidade, a seriedade, as virtudes boas e solidas.

Nada de grandes elegancias. Nada de vestuario muito fino.

Ora, do ponto de vista da indumentaria vós fareis o mais ab-

solito contraste com o vosso antecessor. Elle era integralmente um philosopho, nas varias accepções que a esse vocabulo empresta o dicionario: amigo da sabedoria e indifferente ás convenções do mundo. Seu estojo de "toilette" devia seguramente ser muito menor que o de Garrett. Vendo-o, talvez Herculano pudessem exclamar: "Ora veja o meu amigo como um homem se pôde contentar com pouca coisa neste mundo!"

Mas desse alto espirito, que sempre se mostrou de uma curiosidade immensa, ao mesmo tempo que desdenhava todas as elegancias do trajar, vós descobristes um aspecto curioso e insuspeitado: a sua preocupação feminina.

Vêde, porém, como os malleficos muitas vezes se deixam trahir. Nós todos tínhamos lido esses mesmos livros que vós percorrestes. Porque nos escapa o que vos parece tão evidente?

E' que a mesma scena nunca é a mesma para espiritos diversos. Cada um nos espectaculos que vê nota de preferencia o que mais o preocupa. Por isso, se fizestes, de facto, a demonstração bem evidente de que Arthur Orlando tinha, sob a apparencia do seu alheamento a essas cousas, a occasião do que Goethe chamou o "eterno feminino" — mostrastes, na subtiliza com que descobristes esse "odor di femina" como é quanto vosso olfato está educado para sentir-lhe mesmo os mais leves rastros...

Os malleficos, os que conhecem bem o valor de certos peccados, vigiam cuidadosamente as suas expressões e nada deixam transparecer dos designios que buscam occultar, mas que satisfazem largamente. São os que não os satisfazem e os recalcam systematicamente, os que mais vezes revelam esses desejos sopitados. Elles ficam atirados para as masmorras do Inconsciente. Desde, porém, que a consciencia se distrai, fazem como os prisioneiros que procuram, ás occultas, se communicar com os transeuntes que passam.

E se isso é assim para todos os sentimentos recalçados, mais fortemente o é para o dominio do amor, sob as suas variadissimas formas.

Não faltaram criticos para observar como se trahiu esse sentimento no nosso grande e purissimo Machado de Assis.

Sua vida foi sempre um modelo de correcção e de pureza. No

entanto, vós sabeis como elle revelou em cem passagens diversas o seu atractivo pelo eterno feminino, descrevendo os braços das mulheres.

Os braços... Elle nunca foi muito mais longe. Mas os braços bastam e sobram. Cuvier gabava-se de, por um simples osso, ser capaz de reconstruir mesmo o esqueleto de animaes desaparecidos. Musset dizia que pelo pé se adivinha a perna: "et quand on voit le pied la jambe se devine". Em que adivinhações pensava Machado de Assis, demorando-se tão longamente, tão voluptuosamente a descrever os braços de suas heroínas? O certo é que nunca elle os esqueceu na enumeração das bellezas de todas as que creou.

As linhas do papel em que nós escrevemos são ás vezes como grades de prisão. Através dessa grade, certos instinctos que nós queremos prender e esconder mettem a cabeça e gritam para cá fora que estão encarcerados... Os mais accommodados espíam apenas melancolicamente. E os criticos malleficos os envergam e apontam...

Esse Arthur Orlando que nos revelastes era, no ponto que a vossa malicia descobriu, o continuador da psychologia dos santos eremitas, cuja solidão castissima se povoava de allucinações lubrificas como as de Santo António.

Pondo em relevo um aspecto tão insuspeitado da obra do vosso antecessor, é bem possivel procureis fazer crer que se o contraste era grande entre a vossa elegancia habitual e o seu desprendimento de todas as mundanidades, ao menos havia uma preocupação em que os dois espiritos se approximavam. Mas é absolutamente uma illusão. Aquella preocupação apparece de vez em quando nos escriptos de Arthur Orlando como uma inadvertencia do seu espirito, que, voltado constantemente para outros assumptos, nem sempre consegue impedir que o mais profundo dos instinctos humanos escondeasse a sua existencia.

Aquella preocupação não apparece jámais nos vossos escriptos exactamente pelo motivo contrario ao que trahiu Arthur Orlando.

Quem quer que seja, aqui a muitos annos, o vosso successor — eu quero deixar prevenido de que não se fie nas apparencias. O que menos se preocupou com o "eterno feminino", foi o que mais fallou delle. O que mais com elle se preocupou — foi o que nada deixou escripto a tal respeito.

## O MUSEU NACIONAL

Festejou-se, a 6 de junho, o primeiro centenario da fundação do Museu Nacional. Pareceu-nos interessante reproduzir aqui, a propósito dessa commemoração, o historico do nosso principal e mais antigo Museu, que tantos serviços tem prestado ao paiz:

Em 1779 foi nomeado vice-rei do Brasil d. Luiz de Vasconcellos e Souza. Durante seu governo, que durou até 1799, passaram-se aqui notabilissimos acontecimentos de ardem politica. Assim, a conspiração do *Tiradentes*, cujo supplicio (1792) já se passou sob o governo do vice-rei conde de Resende (1799-1801); o desenvolvimento de certas culturas, entre as quaes a do anil; as grandes expedições scientificas de Alexandre Rodrigues Ferreira (1785-1792); a construção do Passelo Publico, do cães (cães Pharoix), do Aqueduto da Carioca e do chafaria das Marrecas. Foi esse mesmo benemerito estadista quem teve a primeira idéa de crear no Rio de Janeiro um Museu de Historia Natural. Em toda a nossa historia colonial, talvez, não se aponta outro governador tão interessado no progresso mental e pratico do paiz qua elle amou sinceramente.

No logar em que se ergue hoje o Theouro Nacional mandou Luiz de Vasconcellos construir um edificio para servir de guarda aos productos naturaes do paiz. O proprio governador dirigia a construção, que foi iniciada pelos presos e sentenciados. Em algumas dependencias, que chegaram a ser terminadas, Luiz de Vasconcellos ainda pôde reunir, vivos, dois jacarés, um urubu-rei e algumas capivaras, animaes mais tarde remetidos para o Museu de Lisboa, destino de tudo quanto de interessante apparecia.

Ao lado do edificio projectado, o vice-rei fundou um "gabinete zoologico", para recolher o material destinado a Lisboa — foi a "Casa dos Passaros", na expressão popular. Foi nomeado director do gabinete Francisco Xavier Cardoso Caldeira (*Xavier dos Passaros*).

Os vice-reis que succederam a Luiz de Vasconcellos tiveram, no progresso do Brasil, influencia negativa. E a "Casa dos Passaros" foi extinta em 1810, sendo suas colleções guardadas em caixotes, que se perderam. Pouco depois,

porém, o Brasil começou a ser visitado por cohortes de notaveis naturalistas: Martius, Spix, Pohl, Satterer e outros. E foram essas visitas, ao que parece, que levaram ao espirito esclarecidos de um dos maiores estadistas que Portugal tem possuido: Thomas Antonio de Villa Nova Portugal a idéa da fundação de um Museu.

D. João VI, que sabia adoptar todas as grandes suggestões beneficicas, mandou lavrar o decreto de 6 de junho de 1818: "Querendo propagar os conhecimentos e estudos das sciencias naturaes no Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objectos dignos de observação e exame, e que pôdem ser empregados em beneficio do commercio, da industria e das artes, que muito desejo favorecer, como grandes mananciaes de riqueza: Hei por bem que nesta corte se estabeleça um Museu Real, por onde passem quanto antes, os instrumentos, machinas e gabinetes que já existem dispersos por outros logares, ficando tudo a cargo de pessoas que eu para o futuro nomear"!!

O governo comprou então por 32 contos as casas de João Rodrigues Pereira de Almeida (Barão de Ubá), no Campo de Sant'Anna (praça da Republica) edificios hoje reunidos no do Archiva Publico. Foi chamado para dirigir o Museu Real, frei José da Costa Azevedo, professor de physica e mineralogia da Academia Militar. Até 1821 o Museu permaneceu quasi cerrado ás vistas do publico. Apenas duas vezes por semana era franqueado.

Houve reclamações que naquella data foram attendidas pelo principe regente. O Museu passou a ser visitado com mais frequencia. O segundo director do Museu foi o dr. João da Silveira Caldeira (1822), notavel chimico, graduado pela Universidade de Edimburgo. Data dessa época a preocupação de fundar cursos publicos naquello estabelecimento.

A subdivisão dos serviços technicos foi obra do marquez de Sapucahy, em 1842, por suggestão de frei Custodio Alves Serrão, 1.º director e professor da Escola Militar. De 1847 a 1866, foi o Museu dirigido pelo dr. Frederico Bur-lamaqui, mineralogista de nomeada e discipulo de frei Custodio. De 1866 a 1874, serviu como director o conselheiro Frei Allemão, cientista de grande valor. Mas foi com a reforma do ministro Thomaz José Coelho de Almeida, em 1876, que o Museu Nacional recebeu o grande impulso

que lhe permitiu realizar os grandes progressos característicos de um dos seus mais brilhantes períodos. Ladislão Netto, homem de grande talento e vastíssima cultura, trabalhador acerrimo, entusiasta, conseguiu fazer do Museu o mais reputado dos institutos científicos sul-americanos. Ao lado de estrangeiros notáveis, como os professores Carlos Frederico Hartt, Orville, Adalberto Derby, Hermann Von Ihering, Fritz Müller, Emilio Goldi, que continuaram honrosa tradição deixada por Carlos Schreiner, Guilherme Schwacke, Luiz Riedel, notavam-se brasileiros de saber provado: João Joaquim Pizarro, Niccolò Joaquim Moreira, Eduardo Teixeira de Siqueira, João Baptista de Lacerda, Theodoro Sampaio. Em 1880, Luiz County e Lacerda instalavam, no Museu Nacional, o seu laboratório de Physiologia Experimental, de onde saíram notáveis trabalhos.

Encerrado o Congresso Constituinte Republicano, que se reuniu no palácio Imperial da Box Vista, foi o Museu transferido do campo de Sant'Anna para a sua sede actual, onde se reabriu a 25 de julho de 1893. Em 1893, para substituir Ladislão Netto, escolheu o governo o professor Domingos Freire, cuja successão coube, em 1895, ao dr. João Baptista de Lacerda. Em 1915, o professor Bruno Lobo tomava conta do alto cargo, que tem procurado honrar, á altura dos seus antecessores. Assim como a reforma do ministro Thomaz Coelho permitiu ao Instituto Nacional de Historia Natural caminhar brilhantemente até ao advento da Republica, a reforma de 1919, posta em execução pelos ares, Nilo Pecanha, então presidente da Republica, e Rodolpho Miranda, ministro da Agricultura, veio trazer ao Museu Nacional os elementos, que já iam faltando, para o continuo progredir.

Por esta occasião o edificio e o mobiliário foram completamente transformados, sendo que ao ministro Pedro Toledo, deve aquelle instituto apreciáveis contribuições neste sentido. Reaberto, em 1914, o Museu pôde apresentar aos estudiosos suas collecções quasi todas organizadas e expostas de modo condigno.

Os serviços prestados por esta instituição ao Brasil, seja do ponto de vista da educação popular, do progresso puramente científico, seja do ponto de vista directamente utilitário, avultam aos olhos de quem folhear os 20 volu-

mes dos seus "Archivos", conhecidos e reputados no mundo inteiro, publicação que, durante muitos annos, foi o unico signal da actividade intellectual dos brasileiros, divulgada no estrangeiro. Dos laboratorios do Museu já não se contam mais as contribuições científicas de todo genero. Durante muito tempo, não só as analyses químicas, como outros ensaios de natureza technica, reclamados pela industria e pela arte, até mesmo as analyses medico-legaes, saiam quasi que exclusivamente dahi. Ao ensino publico das sciencias naturaes tem prestado repetidos serviços, pelos seus cursos práticos individuais de especialização, pelos pelonal pela "élite" intellectual do Rio de Janeiro nos ultimos annos do 2.º reinado e continuados com o mesmo successo, ultimamente, seus cursos publicos de vulgarização, estimados de modo excepcional pela "élite" intellectual do Rio de Janeiro nos ultimos annos do 2.º reinado e continuados com o mesmo successo, ultimamente.

## A HULHA BRANCA NO BRASIL

Na sessão do dia 7 de junho, do Instituto de Engenharia de São Paulo, o sr. Gonçalves Barboza leu uma indicação suggerida a conveniencia de serem realisados de-a-de logo os estudos necessarios para a organização do cadastro official da hulha branca do paiz e promovida a captação das quóias que offerocem maiores probabilidades de utilização immediata nas estradas de ferro e na electro-metallurgia. Eis o principal topico dessa indicação, que mereceu unanime approvação da Assembléa:

"Como disse o querido mestre, dr. Paulo de Frontin, em a sua magistral conferencia sobre o assumpto, "a hulha branca não é rival da hulha negra, é sim sua aliada, delimitadas as respectivas espheras de acção". Enquanto se não resolver satisfactoriamente o problema dos accumuladores electricos, a hulha branca, com a sua potencia centralizada, terá o seu aproveitamento limitado pela distancia de transmissão economica das correntes. Todavia, o seu raio de acção orga já por mais de 400 kilometros; e onde for possível o seu emprego em substituição ao da hulha negra, a economia deste com-

bastível se impõe concomitantemente com as demais vantagens económicas pretendidas.

Após os trabalhos de Fourneryon, Bergés e Duprez, as quedas de agua adquiriram extraordinario valor. E não as possuímos por toda a parte, sendo certo que se muitas foram já captadas, a grande maioriaahi está acenando aos nossos governantes com a sua perenne majestade, mal velada pela tenue poeira niven em que espelha o arco-iris.

São muy poucos os rios que não não offerecem saltos no seu curso.

Na bacia do Amazonas, os rios Branco, Negro, Araguay, Madeira, Purús, Tapajós, Xingú, Tocantins, Dois Irmãos, Araguaya, Preto e outros, têm talvez, para mais de 160 saltos ou cachoeiras.

Nas bacias orientaes, o Oyapock, o Mearim, o Parahyba, o Itapicuru, o Parahyba do Norte, o Paraguassu, o Jequitinhonha e o S. Francisco, para não citar os restantes, valem por uma extraordinaria fonte de energia.

Entre as suas cachoeiras, destaca-se a de Paulo Affonso, que segundo a descripção de Hartt, "excede em majestade ao Niagara. O volume das aguas é, talvez, menor mas na singularidade dos contrastes, na variedade dos aspectos, nenhuma cachoeira se compara á de "Paulo Affonso". Sua potencia é porém, apenas de 1.000.000 de C. V.

As quedas do Paraguassu' proporcionam mais de 100.000 dessas unidades.

Na bacia do Prata, onde são muitas as quedas de valor consideravel, como se pôde vêr no Atlas Homem de Mello, nos limitaremos a citar apenas as cachoeiras da Onça, Agua Vermelha e Morimondo, no Rio Grande, o Salto Grande, no Uruguay; a cachoeira Dourada, no Parahyba; as do Avandava e do Itapura, no Tieté, o Salto de Santa Maria, no Iguaçu, com cerca de 3.000.000 de cavallos vapor; e, finalmente, a de Urubupungá e das Sete Quedas, no Paraná, respectivamente, com 450.000 e ..... 20.000.000 de cavallos.

Segundo auctorizada opinião, a hulha branca no Brasil pôde ser orçada com segurança em mais de 50.000.000 de cavallos. E se nós admitimos a tonelada de hulha negra como correspondente, em média, á potencia de 1.000 cavallos-hora, a utilização apenas de 1/10 da relativa á nossa hulha branca importaria a renuncia annual da combustão de 43.800.000 toneladas de carvão, ou ao trabalho de 219 milhões de homens.

Porque, pois, havemos de deixar o estudo desse elemento, para tambem quando delle já nos tivarmos de soccorrer?

A França, a Italia, a Suissa, o Canada e os Estados Unidos, a despeito do carvão de que dispõem alguns, não descuraram o assumpto, e muito outros países têm effectuado estudos parciaes de sua hulha branca.

Em 1908, já se lia no "Le Genie Civil" que, seguindo o exemplo da Suissa, da Suecia e da Italia, o governo austro-hungaro havia ordenado uma série de trabalhos acerca da electrificação das estradas de ferro.

A commissão tecnica incumbida do estudo do mesmo assumpto na Baviera julgou de interesse escolherem-se as linhas cuja electrificação fosse mais vantajosa, e conservarem-se, desde logo, disponiveis as quedas de agua convenientes, salvo o caso de reserva contractual da energia necessaria.

Sabemos que a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, cuja direcção tecnica é um dos maximos expoentes da nossa capacidade tantas vezes posta em duvida, pretende electrificar uma boa parte da sua rede ferroviaria. O Estado poderá facilmente acompanhá-la com relação á Sorocabana; e a breve termo dos prazos para a encampação da Docas de Santos e da São Paulo Railway facilitará a electrificação das linhas desta companhia com a vantagem da utilização da energia disponível na outra.

O que, porém, a respeito se regista entre nós, com relação á União e ao que me consta, é a vigencia dos decretos de 27 de Dezembro de 1904 e 22 de Agosto do anno seguinte, regulando o aproveitamento da força hydraulica para transformação em energia electrica applicada aos serviços federaes, e a concessão de favores ás empresas que, com o mesmo objectivo, se constituírem para os fins de utilidade ou conveniencia publica. Além da restricção relativa aos serviços federaes, encerram taes decretos o estabelecimento do prazo minimo de 20 annos para a possibilidade da encampação das installações, sobre o vicio primordial de incidirem as concessões sobre coisa imperfeitamente conhecida.

A potencia das Sete Quedas tem sido attribuidas desde 3 até 40 milhões de C. V. á do Iguaçu de 3 a 14 milhões, e á de Paulo Affonso, de 400.000 a 1.700.000, pelo que resalta iniludivel a ausencia do conhecimento dos mais importantes objectos das concessões, e

a absoluta necessidade de estudos especiais, tendentes à regularização das descargas, para a consequente avaliação da máxima potência permanente de cada uma quêda.

## A HULHA NEGRA NO BRASIL

São do mesmo sr. Gonçalves Barbosa as seguintes informações sobre a hulha negra no Brasil, offerecidas ao Instituto de Engenharia de S. Paulo na sessão de 7 de junho:

"Ha mais de dez annos, talvez, que os geologos deixaram cahir definitivamente no seio do povo a noção da existencia de depositos carboniferos na nossa terra. Outros paizes, porém, os possuam em maior abundancia, de melhor qualidade e em febril exploração, para que os nossos dirigentes, furtando-se ao pendor para as ephemeras victorias politicas se aventurassem à conquista das homenagens remotas do seu povo, organizando-lha, opportunamente, o indispensavel apparellamento economico do Brasil.

Era de mistêr a angustia por que vêm passando os alliados do Velho Mundo, e a ameaçadora provocação decorrente da carencia da hulha estrangeira, para que os nossos olhos pouco affeitos à sanguinea paisagem europêa do momento, se voltassem para esta terra predestinada, a prescrutar-lhe os inegotiaveis thesouros de riqueza mineral.

Toma, então, vulto, apparece nos jornaes, consitue objecto de relatorios brilhantes, transporta-se aos Estados Unidos e, finalmente, reduz-se a pó — o carvão da pedra nacional —, mas ainda tão somente para ser queimado, quasi a titulo de experiencia, em algumas das nossas locomotivas.

As empresas de gaz não se lembram de soccorrer-se desse producto, a despeito da consideravel proporção das suas materias volateis. Ista, por isso, que, apesar de tudo, continua elle a participar, tranquillo, do nosso sub-solo ou lhes vem ser proposto a preços que repugna até ao proponente.

Se o seu aproveitamento houvesse constituido objecto de estudo em época normal, sem, pois, os atropelos e difficuldade da hora presente, a situação seria hoje, talvez, de absoluta confiança nos nossos recursos, sem o despreso, todavia, das vantagens que

nos proporcionasse a possivel importação de combustiveis estrangeiros.

Valha-nos o descortino da nossa imprevidencia em materia economica, de incitamento ao menos, para a mais breve rehabilitação, capaz de bem classificar-nos no inevitavel futuro concerto das nações civilizadas.

Sabe-se, ainda agora, apenas que, no Rio Grande do Sul, as minas do Candiota e arredores têm, de facto, carvão em camadas de 3,5 e mais metros de espessura, com 30 a 40 o/o de carbono fixo, 23 a 36 de cinzas e 10 a 20 o/o humidade, só regularmente utilizada nas xarquendas de Bagé, comquanto não sejam recentes os depoimentos do Plant Garcia, Paula Oliveira e White, sobre o assumpto; que a mina de Rutia abjecto de concessão no seculo passado, já forneceu, para experiencias carvão reputado melhor que o americano, igual ao de Westphalia, concorrendo em preço com os seus similares estrangeiros possuindo o teor médio de 43 o/o de carbono fixo, com 6 o/o de humidade e 15 o/o de cinzas; que a mina de S. Jeronymo vem de muito fornecendo tão somente cerca de 5.000 toneladas de carvão por mez, embora se avalle proxivamente em 50 milhões a totalidade do deposito explorado; e, finalmente que o carvão do Cerrito do Ouro e o unico utilizado na movimentação dos engenhos da mineração aulifera, em actividade nas suas vizinhanças.

Em Santa Catharina, as minas do Tubarão, são conhecidas desde meado do seculo findo. A' respeito já se pronunciam Hartt e Gonzaga Campos, além de outros que os precederam em as suas investigações. Os respectivos depositos foram considerados prolongamentos dos do Rio Grande com extensão provavel, depois confirmada, nos valles dos rios Ivahy, Tibagy e das Cinzas.

Paula Oliveira, referindo-se ás consideraveis analogias das formações sul brasileiras com as do sul da Africa, India e Australia, lembra, a proposito, que nestes ultimos paizes as formações permianias contavam vallozas camadas de hulha.

Em Treviso o engenheiro Benedito dos Santos sondou uma camada de carvão que foi declarada em optimas condições de exploração.

Em Crescuma, as sondagens, conduzidas pelo mesmo abalizado profissional, comprovaram a existencia de uma camada de carvão

brilhante, bem puro, com pequena proporção de pyrite. Tal carvão deu Rio de Janeiro, onde foi utilizado logo a magníficas experiências no em grelhas da Companhia Nacional de Grelhas Econômicas.

No Estado do Paraná o carvão da mina do Cedro foi comparado ao riências satisfactorias no Rio de Janeiro, sendo pelo tenente machi-de New Castle, submettido a exper-nista Gomes do Couto, taxada de optima a prova supportada, attenden-do a que o carvão não soffrera nenhuma limpeza prévia, e fôra desmontado por pessoal não habilitado.

O carvão de Barra Bonita, avaliado em quantidade de cinco mil-hões de toneladas, ao que se vê, diz o seu proprietario, e que daqui ha pouco terá meio de transporte, apresenta-se com 43 a 67 oio de carbono fixo e 18 a 19 oio de cinzas, para 2 a 4 oio de humidade.

No Rio do Peixe, o combustivel encontrado, apenas com 19 oio de cinzas, 2 oio de humidade e 72 oio de carbono total, portou-se bem em varias experiencias levadas a relatorio de n. 5, dos annexos ao effeito pela Brazil Railway Co. O apresentado ao Conselho Director do Club de Engenharia, no Rio de Janeiro não deixa a menor duvida sobre a efficiencia desse combustivel.

O dr. Arrojado Lisboa affirmou em Outubro de 1916, haver pessoalmente verificado a "existencia de um deposito de 1,260 de espessura, com um conjunto de 2 camadas da Companhia Paulista de Minas de Carvão de Pedra e Petróleo, onde pesquisas recentes puzeram a descoberto varios afloramentos. E já em a sua brilhante conferencias, realisaada em Junho desse mesmo anno, dizia o notavel collega que, "consideradas a qualidade, a espessura das camadas e extensão das jazidas carboníferas, possuímos pelo menos tres districtos "exploraveis economicamente".

Se olharmos para o norte do paiz, ficaremos apenas em que Gonzaga de Campos descobriu abundante deposito de carvão em Tabatinga, no Jaquirana, no Curuçá e Rio Branco, conduzindo-se pelos trabalhos geologicos anteriores e completando-os proficientemente.

Em sua exposição, affirma aquelle engenheiro que as jazidas por elle grupadas como de qualidade inferior estão em condições de immediata exploração, podendo em poucos dias fornecer o combustivel capaz de prover as necessidades mais urgentes da navegação e viação ferrea.

Quando, pois, já devíamos estar consumindo carvão nacional em fornallhas convenientemente apparelhadas, como fazem a Inglaterra, a Europa continental, os Estados Unidos, o Japão, a Africa, a Australia e até a China, que têm os seus geradores de vapor, afecoados aos carvões de que dispõem, nós limitámos apenas a verificar e tornar publica a sua existencia no paiz, emquanto esgotamos as mãos largas o "stock" de combustivel estrangeiro que ainda nos resta. E a se tornarem mais prementes as aperturas em que nos achamos, seremos compellidos a emprehender tardiamente a exploração dos nossos carvões, para conseguilla; talvez, quando della já nos posamos momentaneamente prescindir.

Não quero dizer que o nosso Governo esteja de olhos fechados, senão apenas que as medidas ultimamente tomadas, a respeito, não se resentem da acceleração compativel com a do vulto das nossas men da construção das linhas de necessidades immediatas. O registo do carvão, os auxilios para a exploração do combustivel e a sua aquisição nos termos estabelecidos, não me parecem garantidores da breve consecução do fim collimado.

Seria, talvez, mais consentaneo a razão que o Governo criasse uma commissão technica remunerada, a que fossem affectas todas as questões attinentes ao carvão, "inclusivé" a de resolver sobre os auxilios pecunarios, para cuja concessão se teriam em vista tão somente o valor das minas e a idoneidade das respectivas empresas. Nos termos em que foram decretados, esses auxilios se destinariam precisamente ás companhias que delles não carecessem.

## REVISTAS E JORNAES

### POLITICA NACIONALISTA

A primeira lição de natureza politica e social que a guerra nos offerece é a da necessidade das grandes patrias unidas sob a tutela de governos fortes. Por toda a parte se revigora o sentimento de nacionalismo, o culto quasi mystico da patria. Cada paiz sente que precisa e união sagrada, respeitando-se a si para respeitar os outros. Da

consciência da minha própria honestidade vem-me o respeito instintivo da honestidade alheia. Todo o segredo da organização da Alemanha reside em definitiva na sua profunda consciência patriótica, ameaçadora e perigosa para os vizinhos e para o mundo, pela direcção falsa que o predomínio effimero das classes militares lhe impoz. A vida allemã se fazia toda neste sentido — a grandeza germanica. Nenhum elemento, nenhuma força se perdia; a religião, a philosophia, as sciencias, as artes tornavam-se dios da unidade nacional. E a grandeza e a unidade de um paiz só se podem operar através do Estado como a suprema força coordenadora e reguladora. O individualismo fez a sua época; nos Estados Unidos como na Inglaterra, verificou-se a necessidade da acção directã e activa do Estado. Elle tem de intervir por toda a parte, medindo e systematisando os esforços individuais, muitas vezes, anarchicos e egoisticos.

Esta primeira lição eu quizera vel-a aproveitada pelo Brasil. Quem reflectir um momento sobre a nossa vida nacional, sentirã facilmente a falta de unidade, de cohesão, em summa, de uma verdadeira consciencia nacional activa e vigilante. Deramamo-nos através de um vasto paiz, mal ligadas as proprias partes, de movimentos esparsos e incertos. Vivemos ainda na superstição do federalismo e da autonomia das communas, abertos á infiltração estrangeira. Afóra os laços naturais de religião, lingua e costumes, não procuramos crear diques á desagregação possível por uma politica previdente e verdadeiramente nacionalista. Todas as fontes da vida nacional vão caindo lentamente nas mãos dos estrangeiros; a nossa complacencia ou indifferença permittem até que elles intervenham em a nossa vida politica, através do jornalismo diário. A Alemanha, imperialista e conquistadora, encontrou em semelhante indifferença de alguns paizes as suas primeiras ar-

mas. Na propria Europa, entre as nações vizinhas, o seu trabalho de solapa era formidavel. Na França existiam em 1900, segundo Lichtenberger (*L'Allemagne Moderne*) 87.000 allemães e na Belgica 63.000, dominando o commercio, as industrias, as grandes empresas de toda a natureza.

Não ha em a nossa "élite", nem tão pouco nas camadas populares, um sincero sentimento patriótico, uma verdadeira consciencia brasileira. Ambos, entretanto, se podem crear e desenvolver pela acção do Estado, que começa desde a escola primaria para abranger depois todas as manifestações da vida nacional. A independencia de um paiz não tem um sentido simplesmente formalista. Só é realmente soberano o paiz capaz de viver por si, das suas tradições, da sua seiva, na sua directriz propria, bastando-se a si mesmo, podendo affirmar-se perante o estrangeiro como um corpo autonomo. Nenhum destes caracteristicos se traduz num exclusivismo absurdo ou num jacobinismo grosseiro. Para fazer-se valer perante a sociedade internacional a futura Liga das Nações que não póde ser uma reunião de povos escravos ou enfermos, cada paiz precisa valer preliminarmente ante os seus filhos, pela sua organização politica e social, pelo seu aparelhamento economico, que o integrem no seu destino e o libtem da tutela estrangeira. Ninguém teria a illusão de suppor que esta independencia se adquira de um dia para outro. Só póde ser o resultado de um longo e pertinaz esforço. Mas é necessario que este esforço tenha um sentido, um fim a attingir. Vivemos até hoje num empirismo facil. Falta á politica, como á sociedade brasileira, uma orientação definida. Os esforços individuais se isolam e se perdem, sem sequencia, sem coordenação, incapazes de subordinarem os seus fins egoisticos a um interesse nacional. Ninguém conboce o caminho a seguir; vivemos a hora que

passa, indifferentes ao futuro, tantas vezes, doloroso e ameaçador.

Os países verdadeiramente fortes e soberanos terão de presidir amanhã a reorganização do mundo. Que autoridade moral, que eficiência teremos nós, que respeito poderemos impôr, se continuarmos este vasto corpo quasi inerte, sem coesão íntima, dividido pelo odio das facções, envenenado pela politiquice pessoal, de vaidades e ambições desenfreadas? Seria tempo de iniciarmos vida nova. Ha por todo o país um vago despertar de energias e de patriotismo. A época do scepticismo passou. As novas gerações surgem para a vida activa com outros ideaes. Aos homens que dirigem o país compete justamente aproveitar este movimento alvitreiro, estimulando-o e coordenando os esforços e boas-vontades dispersas para a grande obra de construção nacional. (José Maria Bello — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

#### PALAVRAS DE PHILOSOPHIA ELEITORAL

As classes intellectuaes em geral e os homens de sciencia em particular conservam-se por toda a parte arredados do campo das lutas electoraes. O dogma metaphysico do governo do povo pelo povo apparece-lhes como um principio politico não proprio de uma época revolucionaria, não podendo por consequencia subsistir senão como labaro de uma phase de transição historica. E' natural que a uma época de escuro despotismo, em que a vontade popular era tida como nulla, succedesse uma outra de exaggerada reacção, em que o povo impuzesse o seu arbitrio com o mesmo despotismo absolutismo, que era d'antes praticado pelos reis. Esse dogma está em inteiro desacôrdo com os methodos e processos scientificos. Em sciencia o que prevalece é a questão da competencia, é a questão da exacta verdade. Nada pôde ser mais repugnante para os cientistas do que a

decisão de uma verdade a peso de votos. Ao mesmo tempo, nada pôde ser mais democratico do que o regimen scientifico por meio do qual o mais humilde e obscuro filho do povo pôde elevar-se ás supremas alturas do governo social, do momento em que satisfizer as condições mentaes da competencia. De accôrdo com este regimen vamos a pratica do direito do voto exercida nos diversos países em maior ou menor escala segundo o grau de civilização de cada povo; e vemos em um mesmo país variar totalmente o resultado da votação conforme é esta praticada nas grandes cidades ou nas pequenas aldeias. Jámais conseguiu o governo de Napoleão III ganhar uma eleição em Paris, nem mesmo em Lyon, nem mesmo em Bordeaux. Inversamente, jámais pôde o livre pensamento penetrar em uma das provincias carlistas da Hespanha.

Quanto mais adiantado fôr um país, tanto maior será a massa de electores, que concorrem ás urnas; tanto maior será o interesse despertado em todas as classes pela coisa publica. Em um ambiente social preparado o voto constitue um fecundo e poderoso instrumento de ordem e de progresso.

Pelo contrario, para um povo mal preparado o voto pôde constituir um perigoso e fatal agente de retrogradação: em vez da ordem e progresso só teremos desordem e regresso.

As tres pesantes armas da sciencia — os seus tres grandes methodos — a observação, a experimentação e a comparação — conduzem-nos convergentes para uma irrefragavel conclusão: é a inutilidade de todo e qualquer systema de governo para um povo, que não está preparado para recebê-lo. Sem instrução e sem caracter, não pôde haver independencia; e sem independencia, não podem evidentemente exprimir as urnas uma opinião qualquer verdadeira. Saber ler e escrever não constitue instrução, mas, sim, apenas, um instrumento de ac-

quisição. E' absolutamente preciso dar ao povo uma alimentação intellectual mais liberal e mais consequente com os reclamos urgentes dos nossos dias. E o caracter não se faz sem o exemplo permanente de probidade dado ao povo pelos homens do governo. Diante dos vistosos actos de improbidade praticados pelos seus dirigentes, o povo não pôde senão desmoralizar-se cada vez mais e cada vez mais engolfar-se no abjecto charco do servilismo. Nestas condições é só a mentira que sai das urnas. E é só o repugnante espectáculo da mentira official, que affugenta do alistamento eleitoral todas as classes de intellectuaes e homens de character, medicos, advogados, engenheiros, industriaes, lavradores, etc.

Segundo o methodo comparativo, o senso alto, tomadas as devidas cautelas, muito longe de constituir uma medida anti-democratica, constitue pelo contrario uma preciosa medida prophylactica preservando da desmoralização as infimas camadas populares. E' de san politica conservar intactos os cidadãos analfabetos e indigentes. A todo o tempo chegará a occasião de poderem elles se rehabilitar dignamente.

Foi pondo em jogo o senso alto que o eminente estadista do imperio, o senador Saraiva, presidente do conselho, illuminou as paginas da nossa historia patria com a memoravel exclamação: "O maior dia de gloria de minha vida será aquelle em que meu governo fôr derrotado nas urnas". E o grande dia da gloria não tardou. Pouco após, dpa dos seus ministros, dois brasileiros eminentes, Pedro Luiz e Homem de Mello foram derrotados no pleito eleitoral e obrigados a deixar as suas pastas. E nenhum desses dois preclaros vultos da politica merecia uma derrota; ambos foram victimas das suas idéas liberas por de mais adiantadas e honestas.

(Dr. L. P. Barretto — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo, 17 de Junho).

## A DIPLOMACIA SECRETA

Encarado do ponto de vista das negociações, o segredo diplomatico é uma necessidade que ninguém de boa fé pensará em combater. Elle se impõe durante o curso dellas. Mas do momento em que se passa dos *pourparlers* ás formulas escriptas, ás convenções e aos tratados, qualquer governo verdadeiramente democratico procurará trazer a collaboração dos representantes da opinião publica a esses documentos, que devem empenhar a palavra e a honra da nação.

O sr. Balfour, que é um philosopho, mas em cuja mentalidade se in crustam os preconceitos do ambiente de que ella se acha saturada, sustentou o anno passado, na Camara dos Communs, a impossibilidade de se eliminar a diplomacia secreta. Os governos, disse elle, não podem conduzir os negocios de Estado com maior clareza do que demonstram os particulares nos seus interesses privados. Revelar dia a dia, o que é posteriormente trazido a lume, com todas as precauções, no Livro Azul, seria effectivamente uma loucura. O systema actual é bom, concluiu o antigo chefe da chancellaria britannica. A gravidade destas declarações seria muito maior se a direcção da guerra não tivesse passado aos Estados Unidos, em cuja espada brilham neste instante agonizado as esperanças dos governos da Entente. O systema actual pôde ser bom; mas, apreciando o estado de espirito da opinião publica na Inglaterra, creio, foi que o sr. Bonar Law quem disse que ella ignorava até agosto de 1914 o risco, que ha muito vinha correndo, de se envolver numa guerra continental. Ao Downing Street não teria escapado a previsão dos acontecimentos. Mas o paiz via inteiramente cego. De sorte que quando a tempestade lhe caiu em casa, foi como um "unexpected thunderball".

Os constituintes americanos e brasileiros aboliram essa diplomacia corrupta, que envolve a nega-

ção mesma da democracia e do governo popular. O nosso systema constitucional e o dos Estados Unidos são da equivalencia entre as leis e os tratados. Collocados ambos no mesmo pé de egualdade, os tratados, se poderão ser concluidos em sigillo, não nos obrigarão sem o voto do Congresso. Para que tenham a precisa idoneidade juridica, não prescindem da approvação dos representantes da nação, na America encarnados pelo Senado e aqui pelo Congresso. Desse modo, adquirem elles os traços inequívocos de um mandamento legal. O espirito, o sentimento e a índole do nosso estatuto maximo, quando exigem que os tratados negociados pelo executivo devem ser submettidos á ratificação do poder legislativo, dão-lhes com a publicidade, a força e a autoridade da lei. Assim, sim, obrigam elles a nação. Com a diplomacia secreta, os soberanos realizam accordos dos quaes a nação só tem um vago conhecimento na hora em que os rebanhos populares mareham para a carneficina. Imagine-se o mundo de intrigas desses tecidos cancerosos!

A participação da America na guerra trouxe aos problemas do velho mundo soluções cuja difficuldade só no panno verde da Conferencia da Paz serão devidamente aquilatadas. Ah! é que irão ferir-se os choques mais terríveis da Europa reaccionaria, talvez toda ella conjugada contra a America republicana, que quer a democracia como uma convicção viva dos governantes e governados. O espirito liberal americano se esforça pela democratização da diplomacia, enquanto o espirito reaccionario europeu continua a bater-se para que ella fique como uma arte tangivel apenas á visão subtil e mysteriosa dos iniciados, defesa á critica e ao exame dos debates parlamentares.

A America assumiu o compromisso de tranquillizar o mundo. Olhando o sulco de immoralidades da diplomacia secreta, pôde dizer-se

que ella é quem incuba os germens que envenenaram a Europa, affastando-a de sua evolução civilizada e pacifica, e conduzindo o Estado á eliminação dos traços mais esquivos da consciencia moral. Pois se os actos deste, no campo diplomatico, não podiam ser rigorosamente fiscalizados pela opinião, que zelo poderia elle manifestar pelo respeito e a consideração desta?

As almas de "elite" devem apaixonar-se e lutar pela victoria do ideal americano. A diplomacia secreta revoga aquisições, das mais ricas, do governo popular. Esta procella quem a sacudiu em grande parte foi a sua torrente turva. Absorvidos pelos interesses impessoaes da humanidade, trabalhemos por arrancar as relações dos povos entre si dessa penumbra, entre cujo fumo a diplomacia secreta se comprazia em soprar a lava, que ha quatro annos calcina a Europa, flagellando-a com a esterilidade das stoppes escalvadas. (Assis Chateaubriand — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

### OS FERIADOS NO BRASIL

O Brasil é o país do mundo que maior numero de feriados possui e o unico que, sob pretextos philosophicos, positivoides ou diplomaticos, feria até as datas nacionaes dos outros povos. Enquanto a França tem 18 feriados, a Italia 28, a Alemanha 20, a Inglaterra 16, a Russia 17, Portugal 8 e o Japão 15, nós possuímos simples e unicamente a bagatela de 84! Não incluímos nesta comparação os 54 feriados norte-americanos, porque é excepção do dia da Independencia, nos Estados Unidos não ha feriados federaes. Cada unidade da federação guarda os que entende e essa cifra é a somma delles em todos os Estados.

Entre nós, o caso é mais complicado. Além dos dias de festa estabeuidos pelo governo da Republica, temos os dias santos que o costume, a religião do povo, a tolerancia go-

vernamental mantém, e os dias consagrados pelos poderes estaduais e municipais é insaciável preguia nacional!

Não foi, porém, somente a preguia que criou tantos feriados. Isso vem desde os primeiros tempos da colonização.

Logo após terem gorado as tentativas de escravização dos índios, em as primeiras levas de captivos africanos, os dirigentes portugueses condoídos da sua dura sorte, do labor continuo sob o chicote dos feitores, fizeram sempre o possível para o augmento desses dias de descanso, que minoravam a asperidade de viver do negro. A religião, como sempre, teve alto e carinhoso papel nessa pequena questão social. E nunca mais houve fazendeiro que deixasse de respeitar os dias de guarda, únicos em que entrava um pouco de fartura e alegria nas senzalas.

O respeito a esses dias sagrados, em que o trabalhador preto tinha merecido folga e melhora do rancho, tornou-se geral e tão sagrado, que horrorizava as populações a menor violação da regra. Tanto assim que, no interior, as lendas demonstram o que acabamos de afirmar.

Em 1910, no valle do Paraopeba, em Minas, detivemo-nos diante duma ruinaría á beira d'água, perto da povoação de S. Gonçalo da Ponte. E perguntamos ao arrieiro o que era aquelle casarão demolido pela agua do céu e invadido pelas plantas da terra. Elle nos respondeu:

— A antiga fazenda dum padre rico, que tinha muitos escravos e os fazia trabalhar até nos domingos e dias santos. Um sovinho! Morreu e a alma penada delle apparece entre essas paredes, nas noites dos dias santos, tocando um sino e gritando em voz fanhosa: "Hoje é dia santo! Hoje é dia santo!"

A mesma lenda existe no sertão cearense e já a registramos em um dos nossos livros.

A monarchia encontrou a quantidade enorme de dias santificados que a colonia lhe legou. Augmentou-os fazendo mais alguns dias de festa official e fomentou o velho, ancestral respeito pelas datas da Igreja, com a qual era constitucionalmente ligada. Veiu a Republica. Creou maior numero de feriados e aboliu os dias santos. Mas a veneração popular e a força do habito os mantém. Não se arrancam facilmente certas usanças dos povos. De maneira que não é condemnavel, sob esse aspecto, a tolerancia dos governos, consentindo na observancia das festas da religião. Certo, o numero de dias perdidos, para os negocios, nessas condições, é grande e os interesses e o mecanismo da vida actual exigem sua diminuição, justissima, necessaria, urgente até. Costume a origem dessas férias não é vergonhosa, sim humanitaria e de accordo com as condições do clima, do meio e da raça. Convenhamos que estas ultimas tenham mudado, porém, convenhamos tambem que os costumes nacionaes, com a sua velocidade adquirida no correr de seculos, não podem ser modificados ao sabor das opiniões dos jornaes. O remedio ha de vir a essa situação, diminuindo os feriados, mas ha de vir lentamente e opportunamente. (João do Norte — *A Rua*, Rio de Janeiro).

## TARZAN, O HOMEM MACACO

A cinematographia norte-americana não olha para despesas nem difficuldades quando trata de obter um scenario conveniente para as suas concepções grandiosas. Inda ha pouco vieram explorar o scenario magnifico da Amazonia para dar ao film *Tarzan* um enquadramento condigno. A respeito desse facto transcrevemos do "New-York Times" a seguinte noticia:

"O novo film sensacional que vai iniciar a sua carreira domingo, á noite, no theatro Broadway, e que dahi em diante será exhibida duas vezes

por dia — "Tarzan, o homem macaco" — deixa patente até que extremo são capazes de ir os productores de filma, para obter detalhes atmosphericos e colorido local para as suas obras.

A "National Film Corporation" que fez a obra, levou uma companhia composta de vinte figuras principaes, entre as quaes actores, directores, operadores, e uma turma de carpinteiros de scena. A região do rio Amazonas, no Brasil, e dahi para o interior das florestas brasileiras, onde foram consumidos dois mezes na "pose" das scenas do romance.

Para servirem na fita, foram transportados ao Brasil seis leões, quatro tigres, ursoz braves e elephantes. Foram mortos quatro leões em frente á machina cinematographica, sem falar de tantos outros animais feroces, que foram abatidos. Contrataram-se 2.000 habitantes da região, reuniram-n'os em Manaus, transportaram-n'os para o interior e ensalaram durante as tres semanas consumidas na encenação das scenas typicas da vida dos cannibaez. Como os indigenas não falavam senão um "patois" portuguez, houve que manter constantemente interpretes, que não faziam senão transmittir as ordens dos directores.

Foi preciso tambem contratar trabalhadores que todos os dias limpavam de cobras venenosas os logares, onde se trabalhava. Durante as tres semanas que a companhia esteve no Brasil, foram mortas mais de 200 cobras e foram os actores victimas de 15 accidentes e occorreram tres incendios.

Foi construida uma aldeia de cannibaez, cobrindo tres hectares de terra, que se queimou, depois, durante a accção do filma. Reconstruiu-se depois a aldeia, segundo uma perspectiva diversa, e voltou a ser incendiada, quando Tarzan, á frente de uma leva de elephantes invadiu a aldeia, em busca de sua mãe, a macaca amorosa, que foi sua mãe de criação. De cada vez foram construidas 300 choupanas de sapé. Contrataram-se cincoenta e dois acrobatas aereos, que foram transportados á floresta, e fizeram-se, por medida, outras tantas roupas de macaco. Para transportar a companhia, de Los Angeles, California, á Nova Orleans, onde se encenaram varias scenas, foram precisos seis carros Pullmann, nove automoveis e tres carros de bagagem. No Brasil, para moradia das pessoas da companhia, construiu-se 16 barracões, eguaes aos dos nossos acantonamentos militares. Construiu-se egualmente uma igreja e ahi, todos os domingos, se celebravam serviços de varias religiões. Foram expostos 300.000 pés de filma mediante uma despesa de \$300.000."

## OS NOSSOS ESCRIPTORES MORTOS RECENTEMENTE

O numero de 1 de Maio do *Mercur de France*, traz uma interessante chronica do sr. Tristão da Cunha, tambem nosso collaborador, acerca dos escriptores brazeiros mortos depois de declarada a guerra européa. Damos a seguir as paginas do *Mercur de France* reproduzidas textualmente, para lhes não tirar nada ao seu sabor. Nellas o sr. Tristão da Cunha, que é no *Mercur* o chronista habitual da literatura brasileira, trata de José Verissimo, Affonso Arinos, Mario Pederneiras, Souza Bandeira e Carlos Peixoto:

"J'ai écrit ceci le 2 novembre, jour des morts, en songeant à ceux que la mort a enlevés à nos lettres, depuis que cette immense guerre semble avoir suspendu le cours de la vie.

Ce fut d'abord José Verissimo, l'ancien directeur de la *Revista Brasileira*, critique et professeur. J'ai déjà dit ici le bien que je pensais de sa compétence, non moins que de ses qualités d'indépendance et de courage. Il disparaissait brusquement, en pleine activité, et sans avoir pu assister au triomphe de ses efforts vers la collaboration du Brésil dans la défense de la liberté. Car ce normalien anarchiste et pacifiste à tout de suite compris le sens profond de cette guerre, et qu'il y allait du sort des nations libres. Laisant là tout souci de littérature et d'art, il se jeta dans la *Ligue pour les Alliés*, dont il fut question au *Mercur*, et dans le journalisme de combat. Et parmi les publications parues au Brésil au sujet de la guerre, j'estime que ses articles sur les causes profondes du conflit que l'Allemagne aurait toujours rendu inévitable comptent parmi les plus perspicaces et les plus justes de son.

Affonso Arinos est mort ensuite, et j'allais dire que jamais la mort ne fut plus inique; mais on n'ose vraiment plus parler d'équité par les temps qui courent. Pourtant, s'il fut quel-

qu'un digne de vivre, c'était bien mon ami Affonso Arinos. Car il aimait la vie et savait vivre.

C'était une sorte de bon géant, aimable et curieux. Il était boulevardier et forestier. Il vivait Avenue de l'Alma, s'habillait à Londres, et, de temps à autre, traversait la mer, pour aller tout droit s'enfoncer pendant des mois dans la gibreuse brousse natale, s'enivrant de carnage et causant patois à l'indigène. C'était un des exemplaires les plus typiques de ce dualisme de l'âme sud-américaine, qu'on a signalé ici même. Il appartenait à une vieille famille de lettrés (son arrière-grand-père fut le docteur Francisco de Mello Franco, médecin et confident de l'archiduchesse Léopoldine, sœur de Marie-Louise et première Impératrice du Brésil). Ses ancêtres s'étaient établis en plein désert, là où avaient abouti les *bandeirantes*, les caravanes des chercheurs d'or, et où, à mille lieues de l'océan, s'était formée au XVIII<sup>e</sup> siècle une société si polie qu'on y pouvait jouer les pièces de Voltaire, ainsi que l'a rapporté M. Clemenceau, qui le tenait d'Arinos. Et celui-ci n'aimait rien tant que de rétablir les vieilles chroniques de tout ce monde d'ombres courtoises et héroïques. Le *Fermier des Diamants*, un drame qu'il nous lu un soir d'hiver, raconte les tribulations du fameux Caldeira Brant, sorte de roi du diamant, capricieux et magnifique, lequel, pour plaire à sa maîtresse, désireuse de la mer et des choses navales, lui fit construire un lac énorme en bouchant une vallée. Elle s'y promenait sur une galère somptueuse.

Je voudrais qu'on le joue et qu'on le publie, ainsi que les romans *Le Mestre de Camp*, *De l'Or! de l'Or!*, car on y retrouve ses meilleurs dons d'écrivain, la poésie et l'évocation des choses mystérieuses et lointaines dans le temps ou l'espace. Son œuvre publiée, des nouvelles surtout, nous transporte dans un milieu contemporain, mais qui semble mort à force d'être distant et différent. C'est le monde des rachers et des chasseurs, des bêtes fauves et des revenants, courant par-

mi les ruines, à dix journées de marche du chemin de fer.

Si le style y trahit parfois une certaine hâte dans la composition, toujours un peu bousculée entre deux voyages, il n'en reste pas moins un de nos écrivains les plus curieux, et c'est grande pitié qu'il n'ait pu atteindre l'heure d'une existence plus reposée, où il nous eût donné toute la mesure de son talent.

Ceux qui connurent l'homme le regretteront toujours. Bon, de cette bonté généreuse d'homme fort, qui ne tient jamais de la sensiblerie, grand vengeur et journaliste de combat au besoin, c'était l'and le plus exqu, d'une délicatesse ingénieuse.

Chez le poète Mario Pederneras, la note qui domine est la tendresse. Ce fut un intimiste. Il connut le miracle quotidien et le charme des choses familières. Comme beaucoup d'autres, il était marié, mais il s'y plaisait, chose rare. À le lire, on s'avise que la vie de famille ne fut pour lui ni la chaîne maudite ni la commodité bourgeoise. Elle fut son roman. Elle fut son jardin. Il l'enrichit de ses rêves, de sa joie palpable, et parfois de ses larmes. Et il en cueillait pieusement les fleurs où il se retrouvait. Son œuvre est une chronique familiale en vers, tendre et charmante.

Sa femme, qu'il a fidèlement aimée, ses enfants, dont la vie fut courte et souriante, le vieux manguiier tutélaire sous lequel avaient joué ses fillettes mortes, la bonne ville de Rio ("qui possède les deux plus belles choses de la création: la mer et les arbres"), la campagne, la paix rurale des soirs: tels furent ses thèmes. Et surtout l'Amour. Comme Laforgue, il était content, et ne demandait qu'à poursuivre son idylle avec celle qui fixa son bonheur: car elle lui a apporté, pour son rêve infini, "le long rivage de ses beaux yeux". Amour, mais Amour-tendresse: quelque chose de très immatériel. Parmi le lyrisme tropical, érotique et débordant (souvent à froid et plein d'affectation) le sien se distingue par une singulière chasteté d'expression. Ce qui lui plait, dans

celle qu'il aime c'est son âme, héroïque et résignée. Tel le Verhaeren des *Heures Claires*, il en est venu à l'aimer en dehors de sa beauté, ou dans cette autre beauté intérieure qu'il sait voir.

Et cette tendresse émue s'étend à tout son entourage familial.

Ce fut un vrai poète. Son chant n'est pas très riche, mais il est infiniment doux; car il dit son bonheur vivant et aussi cet autre bonheur grave que nous fait la mort des êtres et des choses, et qui a nom souvenir.

Je suis sûr que Mario Pederneras est allé tout droit en Paradis, rejoindre la petite Yolanda et la petite Gracça, et Saint François d'Assise et les âmes du Seigneur, et qu'ils y attendent Monsieur Francis Jamme, lorsqu'il sera bien vieux.

C'était un lettré fin et gracieux, que ce Souza Bandeira que nous venons de porter en terre. Lui aussi, selon le mélancolique vers de Pétrarque, a fini sa journée avant le soir.

Il faut surtout un lettré qui savait dire, bien plutôt qu'un vrai écrivain. Il avait, et au delà, ce qu'il fallait pour l'être. Il manqua de temps. Il nous laisse néanmoins quelques volumes d'essais et de voyages, où l'on retrouve un critique philosophe et spirituel.

Mais c'est surtout comme causeur qu'il excellait. Homme d'esprit s'il en fut, il l'était avec goût, la seule façon de l'être. Il avait la mesure, et ne ressemblait en rien aux faiseurs consacrés de bons mots, lesquels sont gens appliqués et tristes en définitive, et dont les pénibles efforts deviennent pénibles à l'auditeur. Il savait écouter. Il savait sourire, et ne parlait jamais en vain. Il était honnête.

Il était homme de bien et, quoique détestant la lutte, faisait son devoir tout comme un autre. Témoin son attitude énergique lors d'une guerre de moines qui sévit naguère.

À la conférence de Paris contre la pornographie et la traite des blanches, où il fut comme délégué du Brésil, il s'acquitta consciencieusement, mais toujours en homme de goût, sachant regarder. Je tiens de lui maint

trait curieux sur ces journées mémorables, dont la joie sardonique et terrible de feu M. le Sénateur Béranger, quand il avait réussi à mettre la main sur quelque obscénité nouvelle, et qu'il pouvait agiter le journal immodeste aux yeux effarés de l'assemblée, dominée par son ardeur. Au cours de cette mission, Souza Bandeira et ses collègues furent présentés au Président de la République, lequel leur rapporta une petite histoire véritable et propre à démontrer la puissance du sénateur.

À ce qu'il estimait l'œuvre utile et nécessaire du Congrès, notamment la protection aux jeunes femmes, Souza Bandeira ne manqua pas de donner tout le concours d'un cœur généreux et humain.

Lors d'un banquet offert par notre admirable Baron de Rio Branco à M. Anatole France, mon ami fut placé à côté du Maître. Ils eurent là un fort plaisant entretien philologique.

Le sort le fit avocat et professeur de droit. En d'autres temps il nous eût donné un parfait diplomate, de ceux qu'on ne voit plus guère, ferme et patient, toujours maître de lui, sûr de s'acquiescer partout une situation personnelle, et de s'y maintenir.

Il fut bonhomme jusqu'à la fin, bienveillant, sceptique et courttois. À notre dernier entretien, peu de jours avant sa mort, il parla des choses du temps avec justesse et mesure, de ce ton de sérénité aimable et détachée qu'il eut toujours. Et ses discours ne différaient en rien de ceux qu'il m'avait tenus jadis, en pleine santé. Il finit sans se diminuer. Et on le vit répondre avec une douce ironie à un prêtre venu pour lui inculquer le remords des iniquités qu'il n'avait jamais commises.

C'était un homme tendre. Ce fut un vaincu. Mais il ne manqua jamais à la dignité intellectuelle. Il savait qu'il faut vivre en souriant. Et il sut mourir en souriant.

Carlos Pellico, emporté à quarante-six ans, sans nous avoir donné les livres qu'il rêvait, n'en fut pas moins un de nos meilleurs intellectuels.

C'était un penseur, et cela le distinguait parmi nos lettrés. Cela donnait dans son milieu politique, et cela finit par nuire à son activité. Il critiquait trop, et il se critiquait trop. Tout ceci est à sa louange; mais c'est un grand poids que l'intelligence critique, pour un homme d'action dans une démocratie. Il était un peu comme un général qui doute en plein combat, et qui montre son doute. Il se faisait pas assez le départ de la pensée d'avec l'action, choses bonnes tour à tour. Il aimait aussi parfois détruire. C'était un gaspilleur.

Député, Président de la Chambre en pleine jeunesse, il abandonna ses positions par un geste de fierté qui suffrait à le faire classer à part. Depuis, et jusqu'à sa mort, toujours élu, toujours consulté, mais jamais encouragé par le Démon qui s'en servait en le craignant un peu, il eut une existence publique au-dessous de son mérite.

Né combatif et dominateur, lors de sa retraite politique, il n'avait pas accepté l'immobilité. Il chercha à lutter en liberté. Vers ce temps là nous revînmes ensemble, lui et moi, d'un grand journal parfaitement indépendant, où nous puissions publier à notre guise ce que nous pensions, le plus souvent ensemble, et qui nous semblait profitable et bon à dire. Mais à de pareils journaux il faut beaucoup d'argent, la liberté étant un luxe onéreux. Comme, nous, nous n'en avions pas sous la main, nous plaçâmes notre espoir en un vague personnage dont il parlait souvent, lequel était censément en train de faire beaucoup d'or dans les caoutchoucs, tout là-bas, vers la Bolivie. L'homme n'est jamais revenu, et les Peaux-Rouges ou les fièvres qui l'ont dévoré ont aussi dévoré notre grand projet. Et c'est dommage. Peixoto avait un esprit réaliste et net. Il savait nos maux, ce qu'il leur fallait. D'une large culture philosophique, il connaissait que l'instruction est inutile pour la masse des hommes s'ils n'ont pas le caractère, lequel dépend beaucoup de l'éducation de soi et de la culture physique. Il avait coutume de dire que, pour ce qu'il faut que cha-

cun sache de la vie, une bicyclette en apprend plus long que plusieurs instituteurs. Il prisait les paradoxes, chez lui toujours pleins de bon sens et d'esprit pratique. A la tête d'un grand journal, dans un milieu où la presse a une influence vraiment incroyable, il eût fait servir au profit général son esprit à la fois démolisseur et créateur.

Il méprisait tendrement les hommes, comme l'abbé Coignard. Ou plutôt, car il n'était point sorti tout à fait d'un cerveau logique et subtil, il portait à un rare degré le dualisme inséparable de toute créature d'élite. Il méprisait intellectuellement la pauvre espèce humaine, mais son cœur était à la merci du premier élan sympathique. C'était un cœur sentimental et faible. En amitié, comme en amour, ce dur cérébral était un grand enfant. Et c'est ce mélange de pensée désabusée et de fraîcheur de sentiment qui faisait son grand charme.

Tous les étrangers de marque, de passage au Brésil, les professeurs Richet et Dumas, Ferri et Ferrero, M. et Mme. Paul Adam, l'ont connu et admiré. "C'est le plus charmant des Brésiliens", me disait Mme. Paul Adam. — *Tristão da Cunha.*"

## A FUNÇÃO DOS MUSEUS

As funções actuaes do museu podem assim ser catalogadas:

a) — órgão tecnico de consultas para as questões economicas attinentes a productos da natureza;

b) — órgão de investigações scientificas para seus membros e para os que se queiram especializar em qualquer dos ramos das sciencias naturaes;

c) — órgão de divulgação scientifica por meio de conferencias, mostruarias systematicamente organizadas e publicações.

O Museu de Historia Natural de Paris está prestando ainda agora em plena guerra extraordinarios serviços á França, enviando seus admiraveis especialistas estudando technicamente as questões de gran-

de interesse que o Ministerio das Colonias está preparando para o após-guerra.

Aqui mesmo entre nós o Museu tem estudado questões atinentes á alimentação, á riqueza do sólo em tal ou qual minerio, á sua constituição geologica, ao valor economico de seus productos, e tantos outros assumptos que dão áquelle estabelecimento uma função vava das mais importantes.

E' isso o que nem todos conhecem. A muitos se afigura que um Museu é um mostruario e que, ultrapassados os seus humbrass, penetra-se num recolhimento frio e inerte de coisas da Natureza. Ao contrario disso, o que cada vez mais se accentua na evolução de todos os museus do mundo, é que essa é a parte minima, ou a parte ultima e final dos destinos de um museu. Quando um objecto foi figurar no mostruario, toda uma vida pulsou em torno d'elle, fazendo o thema dos estudos acurados dos especialistas.

Foi por isso muito bom que se tivesse dado a forma de projecto de lei á idéa da criação de um Museu de Historia. Não possuíamos nada de especial no assumpto. Muitas preciosidades andaram ahí, aos

trambolhões, sem que seoubesse ao certo que destino dar-lhes. O proprio Museu Nacional, com o ser nacional, pareceu a muita gente proprio para abrigar coisas de historia patria. A especialização é, entretanto, indispensavel. O Museu de Historia Natural tem materia larga para constituir-se com feição autonoma, deixando assim que á primitiva Casa dos Passaros fique o seu utilissimo dever de Museu de Historia Natural.

Muito ha que fazer, mesmo assim especializadamente.

O desenvolvimento economico do Brasil, para fazer-se com o apoio de qualquer segurança effectiva, deve recorrer ao da sciencia. O órgão indicado para tecnicamente fornecer as informações necessarias a esse desenvolvimento é o Museu de Historia Natural. Questões de agricultura, questões de geologia, questões de ethnographia e ethnologia humana e animal, e todo o vasto dominio da chimica applicada, taes serão certamente as que se levantarão ao lado de qualquer problema economico.

E taes são os motivos das cogitações scientificas do Museu (Mauricio de Medeiros — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

## REVISTA DO BRASIL

A Sociedade Anonyma "Revista do Brasil" transferiu a 3 do corrente por escriptura publica, ao sr. Monteiro Lobato, a propriedade desta publicação, transferencia autorizada pelos accionistas em assembléa extraordinaria realizada no dia 20 de maio. O presidente da directoria desta sociedade, dr. Ricardo Severo, não podendo comparecer á assembléa, por motivo de força maior, dirigiu aos seus com-

panheiros de directoria a carta que abaixo transcrevemos:

"Meus amigos: — "Tendo sido chamado ao Rio, não me foi possível assistir á sessão extraordinaria da Soc. Anonyma "Revista do Brasil", convocada para o dia 20 do corrente.

Teria approvedo francamente a proposta Monteiro Lobato e teria cumprido um dever, chamando a attenção dos accionistas para o trabalho de redacção e gerencia, salientando o valeroso esforço dos que deram á "Revista do Brasil" o impulso e direcção que a collocam na situação de

evidente realce em que se encontra.

Cumpriria ainda o dever de esclarecer summariamente a situação perante a proposta apresentada. Simples é o caso. Houve um erro original na organização da empresa, erro apenas sob o ponto de vista da sua textura financeira. Parece-me que não deveríamos ter-nos congregado em collectividade anonyma, de capital parcelado em pequenas quotas de numerosos accionistas, e porque, das dificuldades que sobrevieram para integralização do capital social, provieram as primeiras e continuas dificuldades da vida financeira desta empresa de litteratos.

Deveria, quando muito, ter-se constituído sob a forma de parceria ou grupo mínimo de associados, que desde o começo realizasse o capital-base, necessário à edição dos primeiros tomos, e aguardasse pacientemente o equilíbrio commercial correspondente ao brilhante successo litterario da revista.

Como, porém, assim não foi desde o principio, avolumou-se extraordinariamente o passivo, sem que o capital social concorresse senão com uma reduzida percentagem; e desta sorte estabeleceu-se o desequilíbrio que embaraçava o desenvolvimento commercial da empresa.

Com a unidade de acção e de responsabilidade, individualizando-se a iniciativa e dando-lhe a liberdade pessoal que não compete a um anonymato de limitado campo, certo estou de que a nossa Revista progredirá, conquistando mais espaço no vasto meio brasileiro e mais gloria entre as iniciativas litterarias deste tempo.

O proponente Monteiro Lobato tem os requisitos para realizar este "desideratum". Podemos confiar-lhe o pendão desta nossa cruzada, que, nem por ser platonica, deixa de representar um empreendimento litterario de notoriedade, um acto real de revigoração das letras brasileiras. M. Lobato será um continuador leal, com fé e entusiasmo, tomando o encargo com a obstinação quixotesca de prosseguir um ideal, assim como nós outros; e se isto não é um signal do pragmatismo

de actualidade, representa ao menos uma affirmativa de vigorosa acção, é uma rutilante emanção do nosso espirito ethnico.

Cumpra, porém, que nomeadamente se denuncie a consagração dos nossos campanheiros a dedicação de Plínio Barreto, zeloso e assiduo redactor-chefe, que não regateando o seu esforço, totalmente se devotou à sua espinhosa missão, sem outra paga que não seja a gloria da obra executada, do labor bem cumprido. E deve assignalar-se a operosa collaboração do secretario-gerente Pinheiro Junior que movimentou a Revista desde a typographia até ao difficil mercado das letras; e a attitude amiga do "Estado de S. Paulo" com a franca propaganda de sua vasta publicidade, com a habil e constante collaboração das suas officinas.

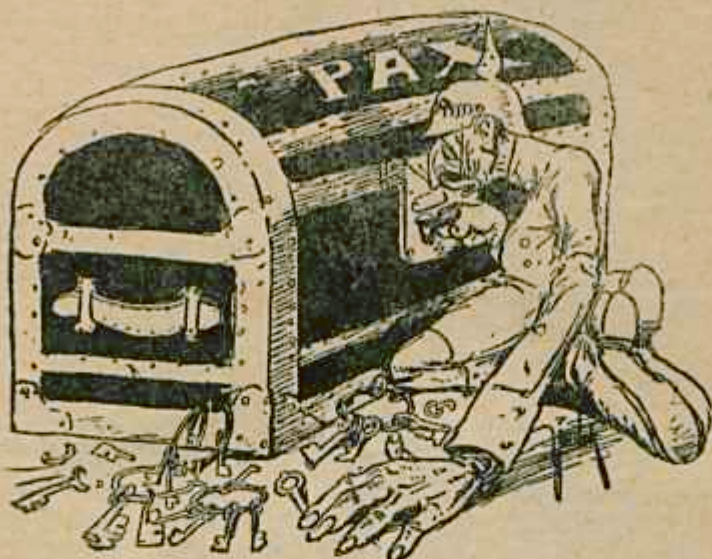
E pelo que todos havemos feito a bem das letras brasileiras — simples collaboradores accionistas — dar-nos-emos por satisfeitos com a serie de tomos publicados da *Revista do Brasil*, que constituem em sua formação global uma Obra de merito e de patriotismo, que é de todos nós, de nosso justo orgulho.

Aos amigos, o meu muito saudar.

S. Paulo, 22 de Maio de 1918.  
Ricardo Severo"

Em consequencia dessa transferencia deixou o logar de redactor-chefe da *Revista do Brasil* o dr. Plínio Barreto, que desde o seu inicio, em 1916, a vinha dirigindo com o superior criterio e a alta intelligencia que lhe são caracteristicos, continuando o dr. Pinheiro Junior como secretario-gerente. Na mesma assembléa foi proposto e approvedo unanimemente um voto de agradecimento e louvor aos srs. dra. L. P. Barreto, Julio de Mesquita e Alfredo Pujol, antigos directores da Revista, e tambem ao jornal *O Estado de S. Paulo*, pelos relevantes serviços prestados a esta publicação.

## AS CARICATURAS DO MEZ



O KAISER — Mein Gott! Será possível que não haja uma chave para abrir esta mala?

(Yantok — "D. Quixote", Rio).



A crise de transportes

(Calixto — "Gazeta de Notícias", Rio)

UM GRÃO SO'



A praxe manda separar o joio do trigo

(J. Carlos — "Caretta", Rio).

EM QUE DÃO AS REFORMAS



**COSINHEIRA** — O patrão honte se queixou-se que a carne de vitella tava munto dura; parecia mais vacca vêla...

**AÇOUGUEIRO** — Pois, ô mulher, seu patrão não sabe co'o governo só consente a matança de bitellas maiores de dez annos?

(Calixto — "D. Quixote", Rio).

de interesse que o Ministerio das Colonias está preparando para o após-guerra.

Aqui mesmo entre nós o Museu tem estudado questões attinentes á alimentação, á riqueza do solo em tal ou qual minerio, á sua constituição geologica, ao valor economico de seus productos, e tantos outros assumptos que dão áquella estabelecimento uma função viva das mais importantes.

E' isso o que nem todos conhecem. A muitos se afigura que um Museu é um mostruario e que, ultrapassando os seus humbraes, penetra-se num recolhimento frio e inerte de coisas da Natureza. Ao contrario disso, o que cada vez mais se accentua na evolução de todos os museus do mundo, é que essa é a parte minima, ou a parte ultima e final dos destinos de um museu. Quando um objecto foi figurar no mostruario, toda uma vida pulsou em torno d'elle, fazendo o thema dos estudos acurados dos especialistas.

Foi por isso muito bom que se tivesse dado a fórma de projecto de lei á idéa da criação de um Museu de Historia. Não possuíamos nada de especial no assumpto. Muitas preciosidades andaram ahí, aos

trambolhões, sem que se soubesse ao certo que destino dar-lheia. O proprio Museu Nacional, com o ser nacional, pareceu a muita gente proprio para abrigar coisas de historia patria. A especialização é, entretanto, indispensavel. O Museu de Historia Natural tem materia larga para constituir-se com feitiço autonomo, deixando assim que á primitiva Casa dos Passaros fique o seu utilissimo dever de Museu de Historia Natural.

Muito ha que fazer, mesmo assim especializadamente.

O desenvolvimento economico do Brasil, para fazer-se com o apoio de qualquer segurança effectiva, deve recorrer ao da sciencia. O orgão indicado para tecnicamente fornecer as informações necessarias a esse desenvolvimento é o Museu de Historia Natural. Questões de agricultura, questões de geologia, questões de ethnographia e ethnologia humana e animal, e todo o vasto dominio da chimica applicada, taes serão certamente as que se levantarão ao lado de qualquer problema economico.

E taes são os motivos das cogitações scientificas do Museu (Mauricio de Medeiros — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

## REVISTA DO BRASIL

A Sociedade Anonyma "Revista do Brasil" transferiu a 3 do corrente por escriptura publica, ao sr. Monteiro Lobato, a propriedade desta publicação, transferencia autorizada pelos accionistas em assembléa extraordinaria realisada no dia 20 de maio. O presidente da directoria desta sociedade, dr. Ricardo Severo, não podendo comparecer á assembléa, por motivo de força maior, dirigiu aos seus com-

panheiros de directoria a carta que abaixo transcrevemos:

"Meus amigos: — "Tendo sido chamado ao Rio, não me foi possível assistir á sessão extraordinaria da Soc. Anonyma "Revista do Brasil", convocada para o dia 20 do corrente.

Teria approvado francamente a proposta Monteiro Lobato e teria cumprido um dever, chamando a attenção dos accionistas para o trabalho da redacção e gerencia, salientando o valioso esforço dos que deram á "Revista do Brasil" o impulso e direcção que a collocam na situação de

evidente realce em que se encontra.

Cumpriria ainda o dever de esclarecer summariamente a situação perante a proposta apresentada. Simples é o caso. Houve um erro original na organização da empresa, erro apenas sob o ponto de vista da sua textura financeira.

Parece-me que não deveríamos ter-nos congregado em collectividade anonyma, de capital parcelado em pequenas quotas de numerosos accionistas, e porque, das dificuldades que sobrevieram para integralização do capital social, provieram as primeiras e continuas dificuldades da vida financeira desta empresa de literatos.

Deveria, quando muito, ter-se constituído sob a fórmula de parceria ou grupo mínimo de associados, que desde o começo realizasse o capital-base, necessario á edição dos primeiros tomos, e aguardasse pacientemente o equilibrio commercial correspondente ao brilhante successo literario da revista.

Como, porém, assim não foi desde o principio, avolumou-se extraordinariamente o passivo, sem que o capital social concorresse senão com uma reduzida percentagem; e desta sorte estabeleceu-se o desequilibrio que embaraçava o desenvolvimento commercial da empresa.

Com a unidade de acção e de responsabilidade, individualizando-se a iniciativa e dando-lhe a liberdade pessoal que não compete a um anonymato de limitado campo, certo estou de que a nossa Revista progredirá, conquistando mais espaço no vasto meio brasileiro e mais gloria entre as iniciativas literarias deste tempo.

O proponente Monteiro Lobato tem os requisitos para realizar este "desideratum". Podemos confiar-lhe o pendão desta nossa cruzada, que, nem por ser platonica, deixa de representar um empreendimento literario de notoriedade, um acto real de revigoração das letras brasileiras. M. Lobato será um continuador leal, com fé e enthusiasmo, tomando o escarrego com a obstinação quixotesca de proseguir um ideal, assim como nós outros; e se isto não é um signal do pragmatismo

de actualidade, representa ao menos uma affirmativa de vigorosa acção, é uma rutilante emanção do nosso espirito ethnico.

Cumpro, porém, que nomeadamente se denuncie a consagração dos nossos companheiros a dedicação de Plínio Barreto, zeloso e assiduo redactor-chefe, que não regateando o seu esforço, totalmente se devotou á sua espinhosa missão, sem outra paga que não seja a gloria da obra executada, do labor bem cumprido. E deve assignar-se a operosa collaboração do secretario-gerente Pinheiro Junior que movimentou a Revista desde a typographia até ao difficil mercado das letras; e a attitudo amiga do "Estado de S. Paulo" com a franca propaganda de sua vasta publicidade, com a habil e constante collaboração das suas officinas.

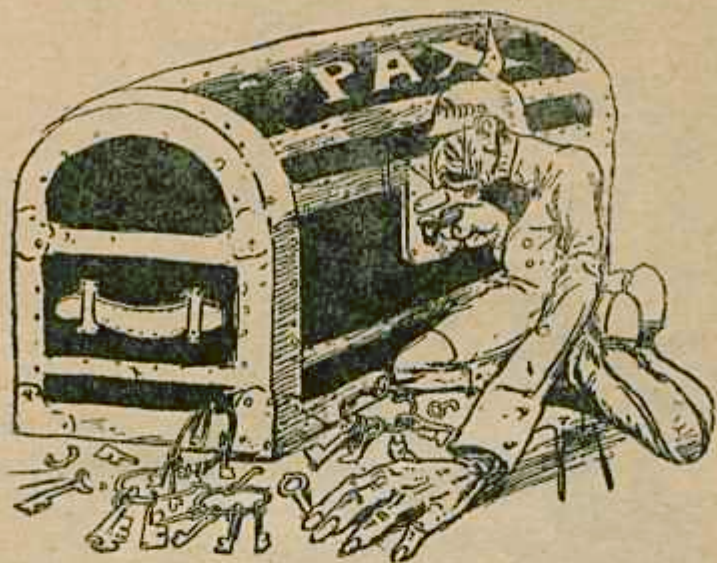
E pelo que todos havemos feito a bem das letras brasileiras — simples collaboradores accionistas — dar-nos-amos por satisfeitos com a serie de tomos publicados da *Revista do Brasil*, que constituem em sua formação global uma *Obra* de merito e de patriotismo, que é de todos nós, de nosso justo orgulho.

Aos amigos, o meu muito saudar.

S. Paulo, 22 de Maio de 1918.  
Ricardo Severo"

Em consequencia dessa transferencia deixou o lugar de redactor-chefe da *Revista do Brasil* o dr. Plínio Barreto, que desde o seu inicio, em 1916, a vinha dirigindo com o superior criterio e a alta intelligencia que lhe são caracteristicos, continuando o dr. Pinheiro Junior como secretario-gerente. Na mesma assembléa foi proposto e approvedo unanimemente um voto de agradecimento e leaver aos srs. drs. L. P. Barreto, Julio de Mesquita e Alfredo Pujol, antigos directores da Revista, e tambem ao jornal *O Estado de S. Paulo*, pelos relevantes serviços prestados á esta publicação.

## AS CARICATURAS DO MEZ



O KAISER — Mein Gott! Será possível que não haja uma chave para abrir esta mala?

(Yantok — "D. Quixote", Rio).



A crise de transportes

(Calixto — "Gazeta de Notícias", Rio).

UM GRÃO SÓ



A praxe manda separar o joio do trigo

(J. Carlos — "Caretta", Rio).

EM QUE DÃO AS REFORMAS



**COSINHEIRA** — O patrão honte se queixou-se que a carne de vitella tava munto dura; parecia mais vacca véia...

**AÇOUGUEIRO** — Pois, ô mulher, seu patrão não sabe co'o governo só consente a matança de bitellas maiores de dez annos?

(Calixto — "D. Quixote", Rio).

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

**Bento Loeb**

RUA 15 DE NOVOBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes  
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

## Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE  
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

**Dr. HOMEM de MELLO & C.**

Médico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,  
Director do Hospício de Juquery

Médico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA  
Médico do Hospício de Juquery

Médico residente e Director  
Dr. C. HOMEM DE MELLO

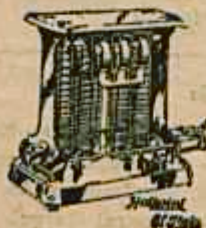
*Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro  
ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, cons-  
tando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados,  
com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo  
fornece aos seus doentes o melhor tratamento, conforto e carinho sob a admi-  
nistração de Irmãs de Caridade.*

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo  
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside à rua Dr. Homem de Mello, próximo casa  
de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

**SÃO PAULO**

Telephone, 560



### A' ILLUMINADORA.

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO  
DE ELECTRICIDADE.

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL  
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —  
Escritorio: Largo da Sé, 15  
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',  
LEVEN VAMPRE' e PEDRO  
SOARES DE ARAUJO—Traves-  
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,  
J. ALBERTO SALLES FILHO e  
JULIO MESQUITA FILHO —  
Escritorio: Rua Boa Vista, 52  
(Sala 3).

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-  
RA — Das Universidades de Ge-  
nebra e Munich. — Cirurgia —  
Operações — Rua Libero Badaró,  
181. Telephone 3492. das 13,30  
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-  
TANA—Medico do Asylo de Ex-  
postos e do Seminario da Gloria.  
Clinica medica especialmente das  
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 139  
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,  
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA—Medi-  
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-  
pecialista das molestias das vias  
urinarias, com pratica em Paris.  
— Consultas das 9 às 11 e das  
14 às 16 horas. Rua Barão de  
Itapetininga, 9. Telephone 2.290.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLÃO DE  
PROTESTOS DE LETRAS E TI-  
TULOS DE DIVIDA, NESTOR  
RANGEL PESTANA, tem o seu  
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-  
tor official — Escritorio: Tra-  
vessa do Commercio, 7 — Te-  
leph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-  
retor official — Cambio e Títu-  
los — Escritorio: Travessa do  
Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-  
LHO — Corretor Official — Es-  
criptorio: Travessa do Commer-  
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-  
querque Lima, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas, S.  
Paulo". Telephone 626 (Central)  
— Rua Alvares Penteado — S.  
Paulo.

## REVISTA DOS TRIBUNAES:

Todos os 15 dias mais de 100  
paginas — Publicação official do  
Tribunal de Justiça. — Anno,  
40\$000 — Para os juizes, pro-  
motores e delegados. 25\$000. —  
Rua Boa Vista, 52.

## ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-  
lio Rocco — Novidades em case-  
mira Inglesa. — Importação di-  
recta. — Rua Amaral Gurgel, 26,  
esquina da rua Santa Izabel. Tel.  
3333 — Cidade — S. Paulo.

# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO DO N. 29:

Monteiro Lobato: As novas possibilidades das zonas calidas. — V. da Silva Freire: O café durante e depois da guerra. — Roquette Pinto: Euclydes da Cunha, naturalista. — Olavo Bilac: Diziam que... (sonetos). — Amadeu Amaral: A literatura da escravidão. — Adalgiso Pereira: Camillo e Guerra Junqueiro. — Do Archivo de José de Alencar (Cartas de João Duarte Lisboa Serra, L. Pereira, Justiniano José da Rocha, Silva Ferraz). — Roquette Pinto: Notas de Sciencia. — Collaboradores: Resenha do mez.

RESENHA DO MEZ — Os factos do mez — Bibliographia — O Brasil e a guerra (Pedro Lessa) — O saneamento do Brasil (Afrânio Peixoto e Miguel Pereira) — A geographia no Brasil (Victor Vianna) — Pela nossa pecunia (L. P. Barretto) — Pedro Lessa (Celso Vieira) — Affonso Arinos (José Maria Bello) — Paulo Elrô (Amadeu Amaral) — Um discurso de Carlos Peixoto (Miguel Mello) — Aspectos de S. Paulo antigo (A. E. Taunay) — Bello Horizonte (J. A. Nogueira) — Pafz leproso (Plácido Barbosa) — O theatro portuguez (Julio Dantas) — A infancia de D'Annunzio — A mulher forte — Os jornaes no Japão — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: Laboriosa, Auto-retrato, Dolorosa, Tranquillidade, quadros de Enrico Vio.

## EDIÇÕES DA REVISTA DO BRASIL

De accordo com o seu programma, a Revista do Brasil acaba de editar um novo livro de contos de lavra do sr. Monteiro Lobato. É o inicio de uma serie, na qual serão dados á publicidade romances, livros de contos, livros de versos, obras scientificas, etc., que constituirão no correr do tempo uma bibliotheca eminentemente brasileira e sob todos os pontos de vista, notavel.

### Urupês

Contos por Monteiro Lobato. — Livro de mais de duzentas paginas, optimo papel, illustrado com desenho a penna, capa de Wasth Rodrigues, e trazendo os seguintes contos: Os pharoleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó! Pan!, « O meu conto de Maupassant », « Pollice verso », Bucolica, O mata-pau, Boccacorta, O comprador de fazendas, Um supplicio moderno, O estigma, Urupês.

### Sacy-Perêre

Resultado de um inquerito. — Um grosso volume, com muitas illustrações.

Preço de cada volume: 4\$000 réis; pelo correio, 4\$500

PEDIDOS À REVISTA DO BRASIL

Rua da Boa Vista, 52 — S. PAULO

# Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523      End. Tel. "Anglicus"

■ ■ ■ ■ ■ Armazens de mercadorias e depósitos de carvão ■ ■ ■ ■ ■  
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

## AGENTES DE

|                                            |                            |
|--------------------------------------------|----------------------------|
| Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . . | Seguros contra fogo        |
| J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .    | Cimento                    |
| Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .           | Creolina                   |
| T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . .       | Mataborrão                 |
| Broke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .      | Chá da Índia               |
| Read Bros. Ltd., Londres . . . . .         | Cerveja Guinness           |
| Andrew Usher & Co., Edinburgo . . .        | Whisky                     |
| J. Bollinger, Ay Champagne . . . . .       | Champagne                  |
| Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . . .  | Tintas preparadas          |
| Major & Co. Ltd., Hull . . . . .           | Preservativo de madeiras   |
| Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . .     | Dynamite                   |
| Gotham Co. Ltd., Nottingham . . . . .      | Gesso estuque              |
| P. Virabian & Cie., Marselha . . . . .     | Ladrilhos                  |
| Platt & Washburn, Nova York . . . . .      | Oleos lubrificantes        |
| Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . .  | Ferro em barra e em chapas |

## Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE".  
Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartu-  
chos e em latas. ■ ■ ■ ■ ■  
■ ■ ■ ■ ■ Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

## Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundi-  
ções e fabricas, drogas e productos chimicos para indus-  
trias, louça sanitaria, etc.

# Guarana

**IDO-KOLA**  
(GRANULADO)  
**SUPERIOR AOS IDOURETOS  
E COALHADA**

**GUARANA**  
**IDO-KOLA**  
**GRANULADO**



INDUSTRIAL

MOLESTIAS DO CORAÇÃO  
MOLESTIAS DO ESTOMAGO  
MOLESTIAS DO INTESTINO  
MOLESTIAS NERVOSAS :: ANEMIA  
FRAQUEZA : ARTHRITISMO : NEURASTHENIA  
ARTERIO-SCLEROSE

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS

# BELLI & CO.

Endereço Telegraphico: "BELLICO"

Teleph. directo entre Santos e S. Paulo

CODIGOS: Lieber, A B C 5a. Edição, Gallesl, Ribeiro, Western, Union, Watkin's & Appendix  
(21 th. Ed. Scott's 1905)

**MATRIZ:** São Paulo-Rua Libero Badaró, 109 - 111

**FILIAES:** Rio de Janeiro-Rua da Candelaria, 69

Santos-Praça da Republica, 23

Genova-Piazza Scuole Pie, 10

New York - Brodway, 198

## SECÇÃO COMMERCIAL

Encarregam-se de qualquer compra e venda na Europa e nos Estados Unidos. Recebem generos do paiz em consignação e fazem adiantamentos. Aceitam representações de industrias e casas commerciaes nacionaes.

## Loteria de São Paulo

PARA 16 DE JULHO

**100:000 \$000**

**Por 9\$000**

**Os bilhetes estão á  
venda em toda a parte**

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francs



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO  
116, Rua da Alfandega

S. PAULO  
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

# As Machinas **LIDGERWOOD**

**Para CAFÉ    MANDIOCA**  
**ARROZ       MILHO**  
**ASSUCAR     FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo  
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

---

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de  
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

**CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA**

**GRANDE STOCK** de canos de  
ferro galvanizado e pertences

---

**CLING SURFACE**, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-  
quer machinas, canos de fer-  
ro batido galvanizado para  
encanamentos de agua, etc.

---

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

**Rua de São Bento N. 29-C**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"